

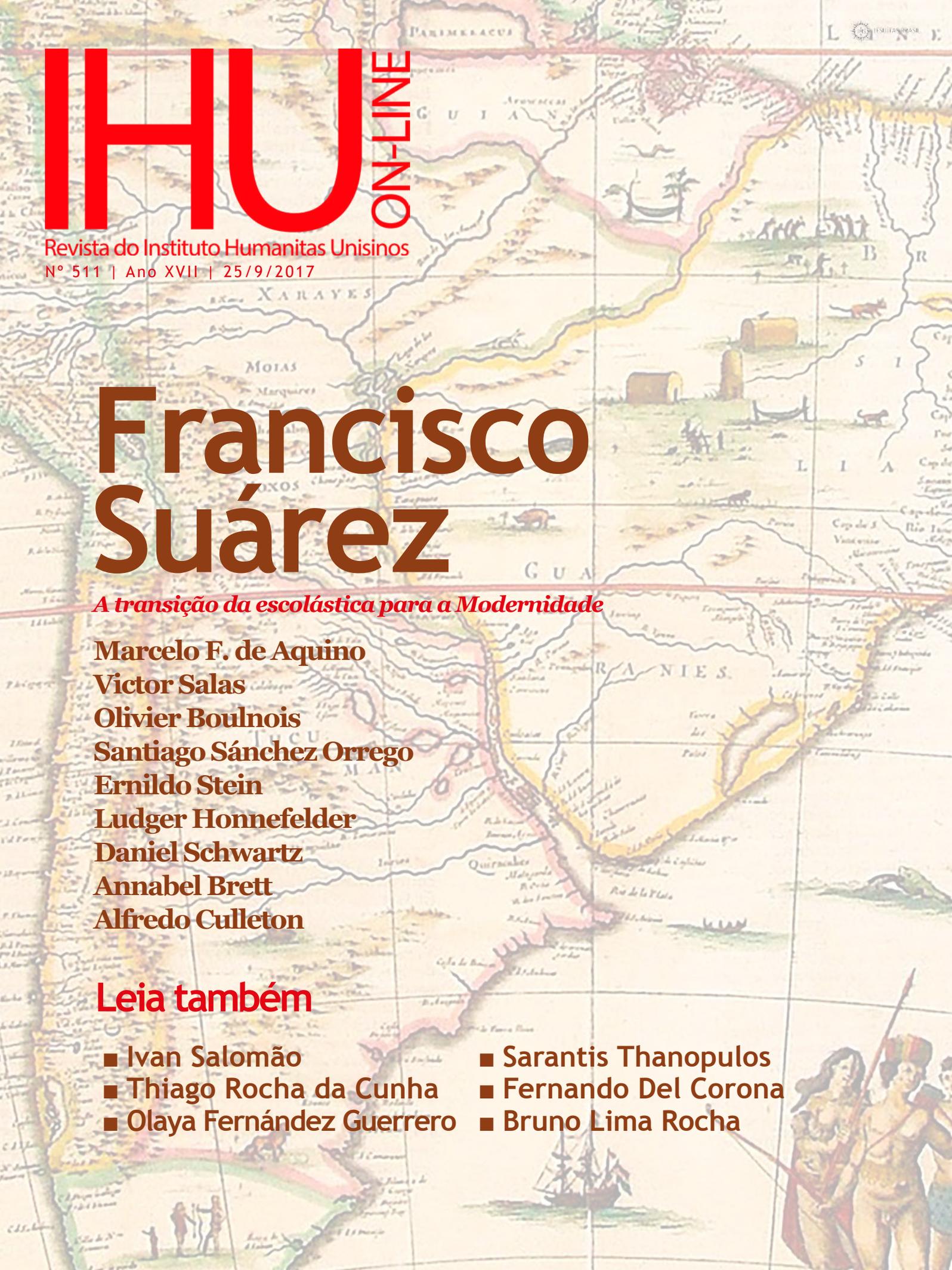
Francisco Suárez

A transição da escolástica para a Modernidade

- Marcelo F. de Aquino
- Victor Salas
- Olivier Boulnois
- Santiago Sánchez Orrego
- Ernildo Stein
- Ludger Honnefelder
- Daniel Schwartz
- Annabel Brett
- Alfredo Culleton

Leia também

- Ivan Salomão
- Thiago Rocha da Cunha
- Olaya Fernández Guerrero
- Sarantis Thanopulos
- Fernando Del Corona
- Bruno Lima Rocha



Francisco Suárez e a transição da escolástica para a modernidade

O primado da razão, a autonomia da vontade e a objetividade do direito

A atualidade do pensamento de **Francisco Suárez** (1548-1617) é o tema do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia UNISINOS – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois.**

O evento, promovido pelo **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** e pelo PPG em Filosofia da Unisinos, ocorrerá na universidade entre os dias 25 e 28 de setembro, por ocasião do quarto centenário da morte do jesuíta e filósofo ibérico, um dos principais expoentes da Escola de Salamanca entre os séculos XVI e XVII. O evento inspira a presente edição da revista **IHU On-Line**.

Marcelo F. de Aquino, professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Reitor da Unisinos, descreve a importância das *Disputationes Metaphysicae* na antecipação e programação das ambições sistemáticas que culminaram no racionalismo moderno.

O Prof. Dr. **Victor Salas**, do Sacred Heart Major Seminary, dos EUA, expõe alguns aspectos de sua atual pesquisa sobre o pensamento de Suárez, na qual contesta a tese de que o jesuíta pôs fim a uma forma de fazer teologia cristã na Idade Média e deu início a uma forma secularizada de investigação ontológica.

O Prof. Dr. **Olivier Boulnois**, da École Pratique des Hautes Études, na França, situa o pensamento de Suárez na continuidade da escolástica para a modernidade.

O Prof. Dr. **Santiago Sánchez Orrego**, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, destaca o modo como a obra suareziana ainda interpela o fazer filosófico nos dias atuais.

O Prof. Dr. **Ernildo Jacob Stein**, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, discorre sobre os elementos da metafísica suareziana que estão presentes no projeto ontológico de Heidegger e no desenvolvimento da filosofia moderna.

O Prof. Dr. **Ludger Honnfelder**, da Universidade de Bonn, Alemanha, expõe vários aspectos da metafísica suareziana e frisa que sem Suárez “as abordagens modernas na filosofia não seriam concebíveis”.

Ainda sobre a obra de Suárez, o Prof. Dr. **Daniel**

Schwartz, da Hebrew University of Jerusalem, de Israel, apresenta alguns elementos de sua atual pesquisa sobre os conceitos de justiça e guerra justa.

A Profa. Dra. **Annabel Brett**, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, retoma o conceito de “ius gentium, uma das mais ricas ideias do pensamento escolástico tardio”.

Por fim, o Prof. Dr. **Alfredo Culleton**, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, explica o pensamento de Suárez no contexto da Escola de Salamanca e sua atualidade para tratar dos Direitos Humanos.

Também podem ser lidas nesta edição as entrevistas com **Ivan Salomão**, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; com **Thiago Rocha da Cunha**, doutor e mestre em Bioética pela Universidade de Brasília – UnB; e com **Olaya Fernández Guerrero**, doutora em Filosofia e professora na Universidade de La Rioja, na Espanha.

A entrevista com **Sarantis Thanopoulos**, psicanalista e psiquiatra e membro da Sociedade Psicoanalítica Italiana – SPI e da Associação Psicanalítica Internacional, sob o título “O narcisismo e a paixão negativa, dominantes no presente, fundamentam o ódio e o terrorismo” merece destaque especial.

A reportagem sobre as **mortes de trabalhadores no mundo do trabalho**, a crítica de **Fernando Del Corona** sobre o filme *Últimos dias em Havana*, de Fernando Pérez, e o artigo sobre política internacional de **Bruno Lima Rocha** completam a edição.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana.

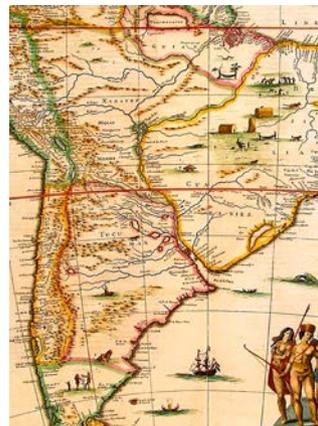


Imagem da capa:
reprodução mapa
Wikipédia

Sumário

- 4 ■ **Agenda**
- 6 ■ **Sarantis Thanopoulos:** O narcisismo negativo fundamenta o terrorismo
- 11 ■ **Ivan Salomão:** No Brasil das crises, a emergência de uma revolução
- 16 ■ **Thiago Rocha da Cunha:** Brasil passa por grande retrocesso quanto ao controle ético de pesquisas envolvendo seres humanos
- 20 ■ **Olaya Fernández Guerrero:** O panoptismo de estar constantemente conectado às redes sociais
- 24 ■ **Tema de Capa | Marcelo F. de Aquino:** Francisco Suárez
- 28 ■ **Tema de Capa | Alfredo Culleton:** Francisco Suárez, uma breve biografia
- 31 ■ **Tema de Capa | Victor Salas:** Suárez e o início de uma forma secularizada de investigação ontológica, marca da modernidade
- 36 ■ **Tema de Capa | Olivier Boulnois:** Suárez para além da conservação ou superação do medieval
- 42 ■ **Tema de Capa | Santiago Orrego:** A força da autenticidade na filosofia suarezina
- 49 ■ **Tema de Capa | Ernildo Stein:** Heidegger, o leitor de Suárez
- 53 ■ **Tema de Capa | Ludger Honnefelder:** Metafísica de Suárez e a fundamentação do discurso sobre Deus
- 57 ■ **Tema de Capa | Daniel Schwartz:** As teorias da guerra de Suárez
- 60 ■ **Tema de Capa | Annabel Brett:** Seres humanos precisam conviver a fim de atingir seus fins
- 65 ■ **Tema de Capa | Alfredo Culleton:** A origem dos Direitos Humanos está na releitura do Direito das Gentes
- 70 ■ **Reportagem | Ricardo Machado; Lucas Schardong:** O profundo silenciamento sobre a morte de trabalhadores
- 73 ■ **Cinema | Fernando Del Corona:** O medo da partida
- 75 ■ **Crítica Internacional | Bruno Lima Rocha:** O Sistema Internacional da liquidez infinita e acumulação selvagem
- 77 ■ **Publicações | Stela Nazareth Meneghel:** Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)
- 78 ■ **Publicações | Phyllis Zagano:** Diáconas na Igreja Maronita
- 79 ■ **Outras edições**

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Lara Ely – MTB 13.378/RS
(laraely@unisinos.br)

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS
(vnecchi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen e William Gonçalves.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
(jacintos@unisinos.br)

Programação completa em ihu.unisinos.br/eventos

VIII Colóquio
Internacional IHU e
XX Colóquio Filosofia
Unisinos – Metafísica e
Filosofia Prática

25/set a 28/set

Local
Campus Unisinos São
Leopoldo

Programação completa
<http://bit.ly/2vPZUzQ>

Ecofeira Unisinos

27/set

Horário
10h às 18h

Local
Corredor Central do
Campus Unisinos
São Leopoldo, em frente
ao IHU

Ecofeira Unisinos

*Oficina Plantas Tradicionais Versus
Plantas Comerciais*

27/set

Horário
12h30min às 13h30min

Ministrante
Profa. Signorá Konrad

Local
Corredor Central do
Campus Unisinos
São Leopoldo, em frente
ao IHU

4

Exibição do
documentário *Martírio*

*Direção de Vincent Carelli, Ernesto de
Carvalho, Tatiana Almeida*

29/set

Horário
19h30min às 22h

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos São
Leopoldo

Planejando as
cidades para o
mercado: processos de
gentrificação do território
e a nova economia

2/out

Horário
19h30min às 22h

Conferencistas
Brian Mier; Nola Patrícia
Gamalho

Local
Campus Unisinos
Porto Alegre

Ciclo de Debates:
trabalho, emprego e
renda no Vale do Sinos

3 e 5/out

Horário
14h às 18h

Ministrantes
Profa. Marilene Maia e
prof. Moisés Waismann

Local
Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros – IHU
Campus Unisinos
São Leopoldo

O avassalador *Silêncio* de Scorsese

 medium.com/@ihu



ihu.unisinos.br



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

O narcisismo negativo fundamenta o terrorismo

O psiquiatra e psicanalista Sarantis Thanopulos debate a questão do radicalismo islâmico na Europa, que ganha força a partir de uma dupla exclusão

Patricia Fachin | Tradução: Isaque Gomes

6

Sarantis Thanopulos, psiquiatra e psicanalista greco-italiano, busca na psicologia uma fonte para explicar as ações terroristas que têm sido frequentes na Europa. Para ele, justificar esses atos com base nos problemas econômicos e sociais que seus autores possam vir a enfrentar “não é suficiente”, porque o terrorismo tem uma natureza própria, “é o produto de um narcisismo negativo, defensivo (fechado à alteridade) que identifica a vida com a definição monolítica de um modelo ideal de vivência totalmente desprovido de contradições”, afirma. Entretanto, ressalva, “apesar da ferocidade dessas pessoas, não penso que os massacres que estão ocorrendo na Europa, inspirados no ISIS, sejam atos terroristas propriamente ditos. Nos terroristas sobrevive uma parte residual de paixão: o ódio igualmente endereçado ao próprio terrorista e às suas vítimas, contra a substância humana ‘corrupta’ comum deles”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Thanopulos algumas falhas de integração podem explicar porque jovens se associam aos jihadistas e optam pela morte, e não pela vida. Um dos aspectos mais importantes “diz respeito à impossibilidade de um intercâmbio aceitavelmente igual entre os países desenvolvidos e o restante do mun-

do. Não é um problema religioso em si, mas na Europa e nos EUA ele é marcado pela derrota política e militar dos países islâmicos e pela exploração histórica que estas pessoas sofreram. Essas duas coisas impelem as pessoas e as nações para uma identidade religiosa, porém esta identidade, construída defensivamente, não é útil”, pontua. Além disso, explica o entrevistado, “os muçulmanos que migram para o Ocidente em geral não são, na verdade, aceitos e estão privados de suas terras originais. Portanto tendem a ficar emocionalmente suspensos entre a limitação das tendências culturais do país adotivo e o isolamento em suas crenças religiosas inferiorizadas. Isto implica um sentimento permanente de erradicação”.

Sarantis Thanopulos é psicanalista e psiquiatra e membro da Sociedade Psicoanalítica Italiana – SPI e da Associação Psicoanalítica Internacional. É autor de, entre outras obras, *Il diavolo veste ISIS. Lo straniero di casa* (Asterios, 2017), *Il desiderio che ama il lutto* (Quodlibet, 2016) e *Lo spazio dell'interpretazione* (Borla, 2009).

A entrevista foi publicada originalmente nas Notícias do Dia de 14-9-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2jW3c36>

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor compreende o fenômeno do terrorismo, especialmente tal como tem acontecido na Europa?

Sarantis Thanopulos – O terrorismo é o produto de um narcisismo negativo, defensivo (fechado à alteridade) que identifica a vida com a definição monolítica

de um modelo ideal de vivência totalmente desprovido de contradições. O monumento abstrato de uma vida futura plena de felicidade toma o lugar da vida realmente

“Os que promovem assassinatos em massa na Europa agem de uma forma mecânica, operativa”

experienciada com as suas desestabilizações, turbulências, frustrações, decepções e lutos. O presente é ruim e o futuro será bom: toda ação malvada se justifica se visar uma nova ordem pacífica e harmônica. O modo ideal de ser absorve a experiência real e os indivíduos reais. A primeira vítima é o próprio terrorista que perde a sua identidade espelhada no ser humano exemplar desmembrado, “sem carne” que ele deseja ser. Não há espaço para pessoas “inocentes” e quanto mais a “ideia” toma o lugar da vida real, tanto mais os assassinatos se tornam massacres indiscriminados.

Apesar da ferocidade dessas pessoas, não penso que os massacres que estão ocorrendo na Europa, inspirados no ISIS, sejam atos terroristas propriamente ditos. Nos terroristas sobrevive uma parte residual de paixão: o ódio igualmente endereçado ao próprio terrorista e às suas vítimas, contra a substância humana “corrupta” comum deles. Uma paixão negativa domina o presente enquanto o amor é projetado para o futuro, quando a nova ordem estará estabelecida.

Os que promovem assassinatos em massa na Europa agem de uma forma mecânica, operativa. Eles não odeiam suas vítimas; são indiferentes afetivamente. Eles não são tocados pela dúvida, sentimento impetuoso que inspira a rigidez defensiva de pessoas fanáticas. Tampouco possuem a concepção de um novo mundo, edificado sobre a destruição da antiga ordem.

IHU On-Line – Não há consenso entre os especialistas acerca de qual é a influência do Islã nas práticas terroristas. Que relações diria que é possível estabelecer entre o terrorismo e mais precisamente o Islã e o jihadismo?

Sarantis Thanopulos – Os assassinos não são, na verdade, pessoas religiosas. O islamismo é usado por elas como um tipo de droga para anestesiar os seus sentimentos. É claro que há muitas referências totalitárias ao Islã, mas isso acontece porque esta religião é percebida por eles como uma civilidade derrotada privada de um poder concreto. Eles podem se identificar com ela sentindo que não possuem restrições e agindo em liberdade plena junto às regras e limitações sociais e religiosas. Num nível mais profundo, inconscientemente, eles percebem o Islã como uma religião morta e a usam para serem da mesma matéria que a morte e estarem invulneráveis à sua ação que ameaça o mundo interior deles.

IHU On-Line – O que tem motivado, na sua avaliação, a adesão de jovens a esses grupos? Do ponto de vista psicanalítico, qual seu diagnóstico em relação a essa negação da vida, se é que podemos falar assim?

Sarantis Thanopulos – Assassinos são pessoas que negam a vida porque a identificam dentro de si mesmas como a sua maior vulnerabilidade, como um ponto fraco que pode destruí-los. Eles percebem que quanto mais vivos estão, tanto mais cresce a

sua fragilidade. A nossa vida interior se dirige no sentido da vida externa e se torna o lugar de tensões insuportáveis se não conseguimos estabelecer relações sólidas de intercâmbio com o mundo exterior. Os seres humanos põem, em primeiro lugar, a sua coesão psíquica (a possibilidade de fazer a própria existência ter um sentido) e, quando tensões extremas a ameaçam, podem procurar uma descarga psíquica agindo de modo destrutivo. A destruição se torna, para eles, mais confiável do que a construção, a onipotência toma o lugar da impotência. Isso faz sentido, embora seja sinistro e desumano como o percebemos, também porque a imobilidade psíquica que a ação destrutiva produz gera a falsa percepção de solidez.

IHU On-Line – É possível traçar um perfil dos jovens que praticam esses atos terroristas? Muitos analistas dizem que eles estão à margem da sociedade e enfrentam uma série de problemas econômicos e sociais. Isso é suficiente para explicar esse tipo de prática?

Sarantis Thanopulos – Não, não é suficiente. Do ponto de vista econômico e social, eles não são tão marginalizados. Há um problema de integração cultural que não funciona. A integração não é assimilação de uma cultura por outra, mas as novas perspectivas, a abertura da nossa experiência que o jogo das diferenças cria. Estes jovens, que encontram um destino em se tornar os mensageiros da morte, vivem na interseção entre duas falhas da integração.

Falhas da integração

A primeira diz respeito à impossibilidade de um intercâmbio aceitavelmente igual entre os países desenvolvidos e o restante do mundo. Não é um problema religioso em si, mas na Europa e nos EUA ele é marcado pela derrota política e militar dos países islâmicos e pela exploração histórica que estas pessoas sofreram. Essas duas coisas impelem as pessoas e as nações para uma identidade religiosa, porém esta identidade, construída defensivamente, não é útil. Os muçulmanos que migram para o Ocidente em geral não são, na verdade, aceitos e estão privados de suas terras originais. Portanto tendem a ficar emocionalmente suspensos entre a limitação das tendências culturais do país adotivo e o isolamento em suas crenças religiosas inferiorizadas. Isto implica um sentimento permanente de erradicação.

A segunda falha diz respeito à lacuna entre as gerações. O conflito geracional, que faz da entrada dos jovens na vida social um processo de renovação, está congelado. Não é só um problema ocupacional. É sobretudo a impossibilidade de os jovens criarem as suas oportunidades, se não acima, ao menos de acordo com a conservação da ordem existente. Eles correm o risco de se tornarem prisioneiros de um mundo que vive em um tempo presente permanente, sem transformações e futuro, que mata também o passado.

A confluência das duas formas de erradicação em pessoas psiquicamente vulneráveis (expostas a experiências emocionais difíceis em suas famílias) pode criar destruidores da vida. Eles não apenas se sentem rejeitados. Não são contra a integração no sentido de que odeiam os que não os aceitam. Eles perderam o sentido da vida comum (que implica aceitação ou rejeição) e se tornam agentes de desintegração sem ódio.

IHU On-Line – Em artigo recente o senhor disse que os terroristas estão privados de qualquer esperança de dar sentido à sua existência. Pode nos explicar essa ideia? É a falta

de dar sentido à existência que motiva esse tipo de ação?

Sarantis Thanopoulos – Como alguém pode viver dando um sentido à própria experiência e existência se percebe que as próprias emoções e desejos o levaram a um sentimento de vazio infinito? A pessoa só pode atacar aquilo que toca as suas emoções e desejos: o outro como uma parte construtiva de sua própria experiência. Ao fazer isso, o indivíduo não está odiando a vida; ele prefere o seu silêncio. Sofre de necrofilia.

IHU On-Line – É possível romper com essa crise de sentido à existência? Como oferecer sentido a essas pessoas? A psicanálise, a religião, a filosofia ainda podem oferecer alguma resposta nesse sentido?

Sarantis Thanopoulos – Não podemos dar a essas pessoas um sentido. Elas não precisam dos “nossos” significados. Quando preferimos assassinar as nossas emoções a fim de evitar sermos mortos por elas — porque não somos capazes de dar um sentido ao que sentimos e fazemos —, a destruição de si mesmo e do outro pode aparecer como a única coisa importante que podemos alcançar. Há a ideia de ressurreição nisso, uma vitalidade vinda da morte, a qual desesperadamente desafia o próprio medo de morrer. Não é um medo da morte física. É o terror da falta de sentido que nos invade quando nos sentimos emocionalmente envolvidos sem estar na condição de gerir este sentimento.

Só podemos construir as condições que tornam possíveis aos vulneráveis criarem o próprio sentido de existência deles. Não conseguimos combater a morte psíquica com valores abstratos. A psicanálise, a religião e a filosofia precisam sustentar a vida. Para facilitar as condições que permitem às pessoas aceitar as transformações produzidas pelo envolvimento pleno delas no campo do desejo e para viver a desestabilização, que a profundidade da experiência transformadora implica, extraindo prazer dela.

No campo da religião, isso significa que a ideia de eternidade não pode absorver a vida verdadeiramente experienciada, que a esperança de uma vida após a morte, que funda a crença religiosa, não pode se basear em existências desencarnadas, em seres humanos emocionalmente, eroticamente mortos.

IHU On-Line – O que é o fenômeno de *acting* (agir) e que relação estabelece entre ele e o terrorismo?

Sarantis Thanopoulos – Agir (*acting*) em lugar de pensar a própria experiência partindo dos desejos, da emoção e dos sentimentos é um instrumento típico que usamos para nos livrar de tensões psíquico-corpóreas que não podemos elaborar e transformar. Na Grécia antiga, havia duas palavras para “agir” (*acting*): “πράττειν” e “δρᾶν”. A primeira define ação em seu acontecer factual, em sua realização concreta, operativa. A segunda define ação em sua potencialidade, juntamente com a sua abertura para outros desdobramentos. É na ação sobre o palco, como dizia Aristóteles, onde as coisas acontecem como poderiam acontecer.

Nossas ações são significativas quando não estão totalmente realizadas em seus desdobramentos emotivos, transformativos e criativos e quando mantêm um caráter experimental (onírico), abertas a uma maior elaboração ao invés de estarem fechadas em si mesmas. Podemos comer um alimento a fim de não ficarmos com fome ou para degustá-lo, desfrutá-lo, com os nossos sentidos, emoções/sentimentos e pensamentos. No primeiro caso, agimos de acordo com uma “necessidade” de um jeito automático que lida com (calcula) “quantidades” e é totalmente alcançado, sem maiores elaborações, com a cessação da necessidade. No segundo caso, a ação lida com a “qualidade”, seguindo a dinâmica do desejo (e sua forma sublime: a aspiração) que gosta de diferenças, mudanças, imprevisibilidade, complexidade, persistência, intensidade e profundidade. A ação permanece in-

saturada desenvolvendo a potencialidade: transforma a estrutura psíquico-corpórea inteira e a revela, assim como a si mesma, para outras transformações e perspectivas da vida.

Os “terroristas” jihadistas são uma forma extrema de uma psique homeostática a funcionar com base na liberação imediata de uma necessidade: o descarregar de uma tensão que produz alívio.

IHU On-Line – Por que e em que medida, de outro lado, você sugere que a resolução do terrorismo passa por compreender a relação entre o sistema econômico e a política?

Sarantis Thanopulos – Está claro que o nosso sistema econômico produz cada vez mais desigualdade. Existe uma dissociação progressiva entre, de um lado, o valor de um produto e, de outro, o valor do trabalho que o produziu e o valor de uso. As coisas são produzidas para serem consumidas em termos de descarregar as nossas tensões ao invés de serem usadas de um modo próprio: transformar a nossa relação com a realidade permitindo sermos transformados por isso.

O sistema produtivo orienta-se quase totalmente na direção da satisfação das necessidades que exclui o desejo: envolvimento profundo e prazer. É evidente que a produção de bens não pode diretamente envolver desejo. A diferença que o desejo faz tem a ver com a concepção de vida e a experiência real que ela sustenta. Por exemplo, uma casa é um sistema complexo de coisas materiais que o sistema produtivo nos fornece e nos dá a possibilidade de satisfação das necessidades físicas. Mas a casa é sobretudo um “lar”: privacidade, intimidade, calor humano, qualidade das relações, prazer estético, conforto, recepção, abertura ao mundo exterior. Como podemos projetar e usar os objetos materiais a fim de obter isso tudo? Numa extremidade, existem casas bonitas, panorâmicas, luxuosas, muito tecnológicas, ricas de coisas preciosas que são lares desconfortáveis. Na outra extremidade, há casas pequenas, pobres que são

espaços vivos. O uso das coisas é um problema real com o qual temos perdido o contato.

Aqui não falo contra as necessidades. E não tenho a intenção de idealizar os desejos. No entanto, temos de considerar a diferença entre uma vida em que as necessidades eliminam os desejos e uma vida em que estão os desejos que nos ajudam a gerir as nossas necessidades e a satisfazê-las. O que chamamos de “necessidade psíquica”, em sua qualidade própria que não é um conjunto defensivo da estrutura psíquica, é uma necessidade (a cessação de uma tensão) interpretada e inspirada em sua satisfação pelo desejo.

Consumo para eliminar tensões

Nós produzimos bens que essencialmente consumimos para eliminar tensões, para nos distrair das dificuldades e impasses, para nos acalmar. E, quando isso cria um estado depressivo, produzimos meios de excitação, animação. A alternância de excitação e alívio é o principal esteio da vida ocidental, que rapidamente se expande pelo resto do mundo. O que é a globalização se não isto? Isso de que estamos falando cria um mercado enorme, quase infinito em um mundo abstrato, um sistema econômico que, essencialmente, se reproduz. Quando convertemos desejos em necessidades, podemos também criar novas necessidades. O que nos dá a possibilidade de continuamente expandir o nosso mercado e realizar lucros incríveis, porque não vendemos objetos para um uso real (que regula o preço), mas produzimos o vício e os meios para satisfazê-lo.

Há um circuito perverso onde a produção dos meios que satisfazem o vício, estando incapaz de providenciar uma satisfação real das nossas necessidades e desejos, cria um estado depressivo e tensões suplementares, fortalecendo a demanda de soluções excitantes/animadoras, que nos acalmam. Isso implica a possibilidade de vender modos antidepressivos, homeostáticos de vida e de promover tanto a produção de coisas que sustentam diretamente estes modos quanto um planejamento de todos os bens produ-

zidos que facilitam o uso viciado deles e aumentam a sua demanda.

É claro que a única coisa que o sistema econômico pode produzir é uma concentração enorme de riqueza nas mãos de uma oligarquia. A sua dissociação do valor do trabalho e do valor de uso torna as trocas, em qualquer nível, totalmente arbitrárias e desiguais. É um sistema maluco que quanto mais domina as nossas vidas, mais produz uma loucura fria, terrivelmente destrutiva.

A política perdeu o controle, porque perdeu o seu papel específico de mediação entre a satisfação das necessidades e a satisfação dos desejos.

IHU On-Line – Por que em sua avaliação a civilização atual está gerando uma cegueira ética?

Sarantis Thanopulos – A civilização atual está indo contra a dimensão feminina da nossa matéria psíquico-corpórea, em que nos revelamos à alteridade. Dado que é esta dimensão que nos permite gostar das diferenças, gostar daquilo que transforma a nossa experiência e as nossas perspectivas de vida, nós não conseguimos alcançar uma postura ética. Isto quer dizer que temos perdido o caminho de um sentido verdadeiro de responsabilidade (que não deriva do medo de elementos políticos, culturais ou religiosos). Estamos perdendo a capacidade de cuidar do que desejamos, de respeitar o seu modo idiomático, original de ser.

Estamos na condição de ser os responsáveis somente quando entendemos que, ao abusar do nosso objeto de desejo, nós o destruímos. Se não protegemos o seu jeito de ser, destruímos aquilo que o torna desejável: as suas características intrínsecas, a sua diferença e particularidade irreduzível que o faz interessante e agradável a nós. Isso vale não apenas para as pessoas ativas com as quais temos interesse de lidar, mas também para objetos materiais e culturais (um carro, um alimento, uma bebida, um romance, uma crença religiosa ou política) que têm suas identidades e oferecem uma variedade de aspectos e possibilidades a serem per-

cebidos, concebidos e usados. Mesmo quando lidamos com um objeto para a satisfação das nossas necessidades materiais fundamentais, não podemos verdadeiramente protegê-lo da nossa tendência a usá-lo de uma maneira irracional, impulsiva, gastando-o, se não tivermos condições de conectá-lo aos nossos desejos.

O desejo é a única coisa que nos dá um sentido de responsabilidade porque nos faz sentir vazios quando não respeitamos aquilo que gostamos e usamos. Se o nosso objeto de desejo morre, o nosso desejo morre também. Esta regulação responsável das nossas trocas com o outro vem do lado de fora da nossa relação com o que desejamos, a partir das transformações contínuas da nossa percepção de nós mesmos e dos demais, que nos permite perceber onde estamos vivos e onde corremos o risco de morrer — em nossa substância psíquico-física humana fundamental —, para moderar o excesso das nossas paixões.

Cegueira ética e existencial

A cegueira ética é uma cegueira existencial. Deixada à lógica pura das necessidades, a nossa visão da vida é irreal e corremos o risco de prejudicar, de um modo irremediável, todas as condições básicas da nossa existência. Nem sempre se pode satisfazer o desejo. Ele cria conflitos de interesse e inimizades, às vezes ele contrasta com as condições objetivas, materiais da vida. No entanto, só quando somos pessoas de desejo, e de modo responsável — o que significa aceitação dos conflitos que as nossas diferenças trazem —, é que podemos lidar com a realidade de uma maneira construtiva, sem exagerar. Onde os conflitos e as diferenças não são aceitos e preferimos permanecer em um mundo purificado, aconflitual, reina a indiferença e assassinamos uns aos outros (emotiva e fisicamente) por uma colisão casual ou por causa do distúrbio que o nosso encontro envolve.

IHU On-Line – Como, na sua avaliação, os chefes de Estado e

líderes religiosos, a comunidade internacional de modo geral, têm se pronunciado acerca do terrorismo?

Sarantis Thanopulos – O papa Francisco e o ex-presidente americano Barack Obama são destaques entre os demais líderes. Eles reconheceram o problema ético que gera loucura fria, terrorismo e a sua relação estreita com o fenômeno da migração. Mas quando vemos o presidente Trump (atípico e não confiável em seu cargo, porém eleito pelas massas americanas) revogando o projeto chamado “Development, Relief, and Education for Alien Minors” (que visa conceder proteção permanente a menores de idade inscritos no programa federal DACA), o que é um declínio da administração política da sociedade que tampouco Obama pôde deter, ou quando vemos o Brexit (onde a estupidéz dos políticos compete com a cegueira ética), sentimos um desconforto com a ideia de que pessoas tão culturalmente pobres administram o nosso futuro.

Merkel tentou ter uma outra visão, mas fatores eleitorais e a sua convicção de que uma austeridade cega dará certo a colocaram numa posição ambígua entre uma abertura relativa aos migrantes e um fechamento à marginalidade da maioria dos cidadãos dos países europeus em termos de poder político real, capacidade de desfrutar de trabalho e das relações e de desenvolver um modo satisfatório de vida. A exclusão social e a perda de identidade na Europa e nos Estados Unidos produzem um movimento invisível silencioso de exílio/migração interior. Em certa ocasião, escrevi que o terrorismo frio é a metástase perigosa de um câncer localizado no coração do mundo ocidental.

IHU On-Line – O que seria uma alternativa para acabar com o terrorismo?

Sarantis Thanopulos – Uma oposição a todas as formas superficiais que encorajam artificialmente um modo de ser, uma oposição a to-

dos os projetos políticos que insistem em parâmetros quantitativos e que não se preocupam com a qualidade de viver a vida. Uma batalha constante contra o populismo que engana as pessoas e as leva a reações impulsivas que favorecem a catástrofe ética que vivemos. A compreensão de que a migração é um movimento real, derivado da nossa cegueira e que, no entanto, pode nos enriquecer caso sejamos capazes de lidar responsabilmente com ela. Negando-a, iremos pagar um preço alto.

Uma firme determinação para usar as coisas de um modo a personalizar a nossa relação com elas. Este é o único jeito de permanecer são em um ambiente insano. Implica sobretudo a nossa capacidade de cultivar a amizade. Perdendo a amizade, também perdemos o inimigo. Vivemos sem inimigos reais e não estamos cientes do perigo que é um mundo sem eles.

Alguém não pode ser nosso amigo sem estar livre para constituir-se como um inimigo dos nossos desejos (oposto a ele) num ou noutro aspecto, nível ou campo das nossas reações. Aquele que é o nosso amigo hoje pode ser o nosso inimigo amanhã e vice-versa. A melhor amizade (“φιλία πρώτη”, segundo Aristóteles) é a amizade desinteressada e isso significa inclusão da inimizade (liberdade) em seu espaço. Quando o inimigo está separado do amigo, podemos ser levados a uma guerra contra ele. A guerra é dolorosa e pode destruir muitas coisas que amamos. No entanto, a partir da destruição podemos nos recuperar se lembrarmos que o inimigo permanece sendo um amigo potencial. Aceitando o luto, precisamos elaborar, podemos amplificar o nosso espaço (depois da disputa) a fim de incluí-lo. Antigona percebeu isto com Policine, mas Creonte, não.

Podemos ser impelidos (pelas falhas nossas ou dos outros, ou por conjunturas infelizes) a separar os amigos dos inimigos, pagando o preço. Porém não podemos nos dar ao luxo de dissociá-los. ■



No Brasil das crises, a emergência de uma revolução

Ivan Salomão analisa os limites e potencialidades do nacionalismo varguista como forma de pensar possíveis saídas para as crises econômica e social em que o país está mergulhado

João Vitor Santos

Entre um escândalo político e outro, o atual governo segue defendendo a necessidade de reformas para assegurar a estabilidade econômica. Para o economista e professor da UFRGS Ivan Salomão, já é dado que o Brasil não suporta mais os gastos que tem diante do atual quadro de arrecadação. Para ele, a emergência é pensar modelos de desenvolvimento que não promovam apenas ajuste fiscal, enquanto a área social é posta à mínima. “Me parece que se chegou a um consenso de que nem o mercado nem o Estado, apartados, levarão ao progresso de que tanto se necessita”, aponta. Mas, então, que modelo seria o ideal? O professor não tem resposta pronta. Por isso, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, analisa o modelo nacional-desenvolvimentista de Getúlio Vargas, que tentou valorizar a indústria nacional sem desconsiderar políticas sociais. “O nacional-desenvolvimentismo cumpriu um papel importante na história do Brasil. Com a honrosa exceção do Japão, o Brasil, encabeçado pelas políticas desenvolvimentistas, foi a economia que mais cresceu durante o século XX em todo o mundo”, recorda.

Salomão explica que Vargas era filiado à “ideia de que o Estado deveria incum-

bir-se da tarefa de guiar o desenvolvimento”. Entretanto, reconhece que o nacional-desenvolvimentismo teve seus limites, que repercutem até hoje. “Nosso setor industrial é muito pouco competitivo, diversos são os setores econômicos que não sobrevivem sem a muleta estatal”, aponta e acrescenta: “do ponto de vista social, o modelo de desenvolvimento adotado no século XX não logrou incorporar a massa de trabalhadores no bolo”. Assim, antes de pensar em reeditar o modelo varguista, como tentaram governos do PT, o professor defende mais do que reformas, como propõe o governo Temer. Sugere: “a única solução perene e socialmente defensável para a crise é promover uma revolução (e não reforma) tributária por meio da reformulação da política arrecadatória, na qual se elimine o emaranhado de tributos indiretos em benefício de uma estrutura direta e progressiva”.

Ivan Salomão é professor da Faculdade de Ciências Econômicas e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É, ainda, líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) “História Econômica e Pensamento Econômico no Brasil” e editor da Revista *Análise Econômica* – RAE.

Confira a entrevista.

11

IHU On-Line – Como compreender a gênese do pensamento político, econômico e social de Getúlio Vargas?

Ivan Salomão – Getúlio Vargas¹

¹ **Getúlio Vargas** [**Getúlio Dornelles Vargas**] (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes

períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU**

era uma figura interessante. Uma boa descrição dessa personagem histórica foi dada por um de seus principais biógrafos: “era sedutor como Oswaldo Aranha², valente como João Neves da Fontoura³ e culto como Washington Luis⁴”. Getúlio teve uma formação intelectual sólida. Na Faculdade de Direito, teve contato com os autores clássicos, apesar do ecletismo de suas referências intelectuais. Um dos autores que mais o influenciou foi Saint-Simon⁵, precursor do socialismo dito “utópico”. Tudo isso para ilustrar como a formação de seu pensamento esteve muito bem embasado do ponto de vista intelectual.

Ainda que tenha crescido numa época de hegemonia da ideologia

On-Line publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1na0ZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-8-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-8-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 6-9-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-8-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU ideias** *Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuid30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Oswaldo Aranha** (1894-1960): foi um político e diplomata brasileiro, nascido em Alegrete (RS). Amigo e aliado de Getúlio Vargas, foi o grande articulador da campanha pela Aliança Liberal nas eleições e o principal artífice na Revolução de 1930. Em vista da vitória do movimento, Oswaldo Aranha negocia com a Junta Militar, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas. Posteriormente, foi nomeado ministro da Justiça e, em 1931, ministro da Fazenda. Neste cargo, promoveu o levantamento de empréstimos que os Estados e municípios haviam contraído no estrangeiro, no período anterior a 1930, tendo em vista a consolidação global da dívida externa brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **João Neves da Fontoura** (1887-1963): um advogado, diplomata, jornalista, político e escritor brasileiro. Além disso, foi deputado federal, Ministro das Relações Exteriores durante os governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra, embaixador do Brasil em Portugal entre 1943 e 1945, membro da Academia Brasileira de Letras e membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Columbia e a Ordem do Congresso Nacional. Faleceu em 1963 no Rio de Janeiro, aos 75 anos de idade. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Washington Luís** (1869-1957): advogado, historiador e político brasileiro, décimo primeiro presidente do estado de São Paulo, décimo terceiro presidente do Brasil e último presidente da República Velha. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Claude Henri de Rouvroy**: Conde de Saint-Simon (1760-1825), filósofo e economista francês, teórico do socialismo utópico. (Nota da **IHU On-Line**)

e da política liberais, Getúlio fazia parte de uma geração que, de modo gradativo, passou a romper com os dogmas liberais. Fortemente influenciado pelo positivismo trazido ao Rio Grande do Sul por Júlio de Castilhos⁶, a ideia de que o Estado deveria incumbir-se da tarefa de guiar o desenvolvimento balizou diretamente a sua atuação quando da ascensão aos cargos executivos. O mercado teria tarefa importante, mas a atuação do ente estatal se faria fundamental para se superar o estágio de subdesenvolvimento em que se encontrava a economia brasileira.

Essa concepção também marcou sobremaneira o seu pensamento social. A alcunha de “pai dos pobres” não surgiu gratuitamente. Apesar do empenho significativo do aparelho estatal de propaganda na formação desse mito, toda a política social – da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT ao salário mínimo – esteve diretamente influenciada pela ideia de que caberia ao Estado atuar no sentido de mitigar as diferenças socioeconômicas, atenuando, assim, a ideia de que o mercado alocaria os recursos disponíveis da forma mais adequada, e justa, possível.

IHU On-Line – De que forma este pensamento varguista pode inspirar a refletir sobre as questões de nosso tempo?

Ivan Salomão – De modo consciente ou não, a discussão político-econômica atual está profundamente relacionada ao arcabouço institucional do governo Vargas. O processo iniciado nos anos 1990, o qual voltou muito mais fortalecido em 2016, é a tentativa de desconstruir o legado varguista. Sem entrar no mérito – se foi positivo ou

⁶ **Júlio de Castilhos** (1860-1903): político gaúcho. Em 15 de julho de 1891, foi eleito presidente do estado do Rio Grande do Sul. Com a queda de Deodoro da Fonseca, foi deposto em 3 de novembro do mesmo ano. Pouco mais de um ano depois, disputa uma eleição (sem concorrentes) e volta a ocupar o antigo posto. Empossado em 1893, contém a Revolução Federalista, de tendência parlamentarista e liderada por Gaspar Silveira Martins. Sobre Júlio de Castilhos, confira a edição 14 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, e a **IHU On-Line** número 78, de 6-10-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

negativo para a história do país – as políticas adotadas pelo governo Temer atentam diretamente contra a ideia de um “Estado demiurgo”, ou seja, do ente responsável por organizar a nação e liderar o processo de desenvolvimento.

Claro que o fenômeno do varguismo esteve limitado ao contexto histórico do século XX, de modo que a tentativa de sua reprodução, nos moldes originais, seria totalmente descabida nos dias de hoje.

“O processo iniciado nos anos 1990, o qual voltou muito mais fortalecido em 2016, é a tentativa de desconstruir o legado varguista”

IHU On-Line – Quais as potencialidades e limites da perspectiva nacional-desenvolvimentista?

Ivan Salomão – No período entreguerras surgiram, em diversos países, movimentos nacionalistas cuja faceta econômica voltava-se à intervenção estatal em prol do desenvolvimento. O nacional-desenvolvimentismo, porém, foi um fenômeno tipicamente brasileiro, ou talvez, latino-americano.

O nacional-desenvolvimentismo cumpriu um papel importante na história do Brasil, com todos os erros e acertos a ele inerentes. Com a honrosa exceção do Japão, o Brasil, encabeçado pelas políticas desenvolvimentistas, foi a economia que mais cresceu durante o século XX em todo o mundo. O Produto In-

terno Bruto – PIB brasileiro praticamente dobrava a cada década. O nacional–desenvolvimentismo nos legou uma das maiores estruturas industriais do mundo ocidental, transformou o Brasil num país eminentemente urbano e remodelou a nossa pauta de exportações.

Por outro lado, encerrou diversos problemas os quais não foram resolvidos até os dias de hoje. Nosso setor industrial é muito pouco competitivo se comparado às empresas que operam na fronteira tecnológica. Diversos são os setores econômicos que não sobrevivem sem a muleta estatal, uma realidade que, por sua vez, denota as várias distorções do país da “meia–entrada”. Por fim, do ponto de vista social, o modelo de desenvolvimento adotado no século XX não logrou incorporar a massa de trabalhadores no bolo, fazendo com que uma das 10 maiores economias do mundo permaneça como uma das mais injustas e desiguais.

IHU On–Line – No que o nacional–desenvolvimentismo de Vargas se assemelha e no que se diferencia da lógica desenvolvimentista empregada ao longo da gestão, dita progressista, dos governos Lula e Dilma?

Ivan Salomão – Essa é uma discussão homérica travada entre os economistas. Há analistas que afirmam categoricamente que o segundo mandato de Lula (2007–2010) e os governos Dilma foram uma reprodução malsucedida do nacional–desenvolvimentismo, especialmente do governo Geisel (1974–1979). Por outro lado, há quem afirme, com base em argumentos robustos, que tais governos não foram desenvolvimentistas.

Ao fim e ao cabo, há elementos que se assemelham e outros que distinguem os referidos governos. Observou–se, de fato, um aprofundamento da intervenção estatal, em diversos aspectos, a partir da segunda metade dos anos 2000. Mas a simples intervenção, *per se*, não caracteriza o desenvolvimentismo.

Este, ao contrário do que atestam seus críticos, não se resume à simples intervenção do Estado no domínio econômico, a qual, de acordo com essa narrativa, resulta inevitavelmente em distorções e crise. O desenvolvimentismo é um fenômeno muito mais amplo e complexo do que o simples intervencionismo.

Por outro lado, há uma série de outros indícios que separam os governos do PT do desenvolvimentismo. A começar pelo processo, de cujas consequências deletérias os sucessivos governos não têm conseguido se desvencilhar. Sendo o setor industrial um dos pilares da política desenvolvimentista, não se pode caracterizar como tal uma gestão que viu definhar a indústria sem qualquer reação à altura do problema. A outrora competitiva indústria metal–mecânica da Serra demonstra que sem uma política industrial estruturante, mas ao mesmo tempo comedida, nem mesmo empresas que operam no estado da arte conseguem prosperar.

Além disso, a reprimarização da pauta de exportações brasileira também depõe contra tal argumentação. O que se observou ao longo do século XX foi justamente o contrário: os bens primários (com destaque para o café) cederam paulatinamente espaço para produtos manufaturados e semimanufaturados. Hoje em dia, observa–se a retomada da predominância das *commodities* agrícolas e minerais na pauta de exportação.

IHU On–Line – É possível conceber um nacional–desenvolvimentismo no nosso tempo? Por quê?

Ivan Salomão – Há diversas correntes teóricas alternativas ao *mainstream* discutindo essa questão. E assim como se observa em grande parte dos movimentos de esquerda mundo afora, há também subdivisões entre os principais ideólogos: novo–desenvolvimentismo, social–desenvolvimentismo, eco–desenvolvimentismo etc.

A *débâcle* do governo Dilma colocou esse movimento nas cordas, de modo que retomar a discussão no campo político–eleitoral tem sido bastante difícil. Mas faz–se justo notar que os defensores da adoção de uma nova política desenvolvimentista não incorrem nos mesmos erros do passado. A ideia caricata de uma gestão perdulária, despreocupada com eficiência e produtividade não passa disso, uma caricatura. Atualizou–se o repertório político e ideológico do desenvolvimentismo, de modo que questões contemporâneas – como tecnologia digital, indústria criativa, sustentabilidade ambiental, direitos das minorias etc. – passaram a encabeçar o programa.

Se é possível conceber um nacional–desenvolvimentismo no nosso tempo? Não tenho a resposta exata para essa questão. Mas me parece que se chegou a um consenso de que nem o mercado nem o Estado, apartados, levarão ao progresso de que tanto se necessita.

“Apenas uma reformulação total do sistema tributário brasileiro pode tirar o país da crise”

IHU On–Line – O segundo Governo Vargas pode ser compreendido a partir do conceito de populismo? Por quê?

Ivan Salomão – Trata–se esta de uma falácia amplamente divulgada na literatura e reproduzida pelos meios de comunicação, mas que não encontra amparo nas evidências empíricas. O segundo governo Vargas não se encaixa em nenhum dos modelos teóricos de populismo econômico. A não ser que se queira alargar o conceito, mas de acordo com o que a literatura consagrou como populis-

mo econômico, é simplesmente impossível classificá-lo como tal.

De forma sumarizada, define-se a política econômica populista como a que privilegia o crescimento irresponsável de curto prazo associado à rejeição a políticas de estabilização, desconsiderando a existência de restrições econômicas. Mais especificamente, os modelos populistas caracterizam tais governos pela adoção de uma política econômica instrumental expansionista, especialmente a fiscal, no início dos mandatos. Os dados mostram que o começo do governo foi de um expressivo arrocho fiscal e de comedimento em relação à política cambial.

A crise herdada do fim dos anos 1940 impôs a contenção da atividade econômica temporariamente, estratégia coerente com o diagnóstico de que se tratava de uma dificuldade de curto prazo. O início do mandato, portanto, foi marcado pela adoção de medidas estabilizadoras. Uma vez alcançada parte dos objetivos visados na fase ortodoxa, o governo passou, de fato, a abrandar, a partir do segundo semestre de 1952, o rigor da política econômica, especialmente a política monetária. Essa breve caracterização falseia a hipótese de populismo econômico.

“As políticas adotadas pelo governo Temer atentam diretamente contra a ideia de um “Estado demiurgo”

IHU On-Line – No que consiste o pensamento nacionalista e como ele pode incidir sobre os campos político, econômico e social?

Ivan Salomão – O nacionalismo é um fenômeno muito antigo, especialmente na Europa, onde os primeiros estados nacionais se formaram a partir da transição da Idade Média para a Moderna. Na América Latina, trata-se de um fenômeno mais recente, que se fortaleceu quando do início dos movimentos que levariam à independência em relação às metrópoles ibéricas. Ademais, nacionalismo e liberalismo nem sempre se opuseram necessariamente, como viria a ocorrer a partir de meados do século XIX; ao contrário, compunham, naquele momento, as faces de uma mesma moeda. Assim, justamente por se tratar de um conceito de múltiplas acepções, ser nacionalista no século XXI pode se prestar a diversos fins.

Atualmente, o nacionalismo está bastante atrelado à defesa da produção nacional – seja primária ou industrial – e todas as suas supostas consequências positivas (defesa do emprego, da renda e da produção nacionais). Como essa política esteve historicamente associada à proteção alfandegária, quase sempre adotada sem comedimento, hoje se associa o nacionalismo a uma política pouco criteriosa de defesa de setores politicamente influentes. Os maiores prejudicados são os consumidores, pois são obrigados a comprar produtos de conteúdo nacional, quase sempre mais caros e de menor qualidade.

Na América Latina, diversos foram os governos que surgiram, a partir dos anos 2000, com base em uma plataforma nacionalista: Chávez⁷ na

⁷ **Hugo Chávez Frías** (1954-2013): político e militar venezuelano, tendo sido o 56º presidente da Venezuela, governando por 14 anos desde 1999 até sua morte em 2013. Líder da Revolução Bolivariana, Chávez advogava a doutrina bolivarianista, promovendo o que denominava de socialismo do século XXI. Chávez foi também um crítico do neoliberalismo e da política externa dos Estados Unidos. Oficial militar de carreira, Chávez fundou o Movimento Quinta República, da esquerda política, depois de capitanear um golpe de estado malsucedido contra o governo de Carlos Andrés Pérez, em 1992. Chávez elegeram-se presidente em 1998, encerrando os quarenta anos de vigência do Pacto de Punto Fijo (firmado em 31 de outubro de 1958, entre os três maiores partidos venezuelanos) com uma campanha centrada no combate à pobreza. Reelegeram-se, vencendo os pleitos de 2000 e 2006. Com suas políticas de inclusão social e transferência de renda obteve enorme popularidade em seu país. Durante a era Chávez, a pobreza entre os venezuelanos caiu de 49,4%, em 1999, para 27,8%, em 2010. No plano político interno, Chávez fundiu os vários partidos de esquerda no

Venezuela, os Kirchner⁸ na Argentina, Morales⁹ na Bolívia, Correa¹⁰ no Equador, para ficar nos mais conhecidos.

IHU On-Line – Como compreender o processo de industrialização do Brasil? E no que esse processo explica o atual quadro da indústria nacional?

Ivan Salomão – A industrialização brasileira foi delineada pelo chamado Processo de Substituição de Importações – PSI, novamente, um fenômeno latino-americano. Tratou-se de um processo em que se buscava fomentar a produção nacional de bens que antes se adquiriam no exterior. Mas, diferentemente do que a expressão sugere, não se tratava de fechar o comércio do país com

PSUV. Fortaleceu os movimentos e as organizações populares, estabelecendo uma forte aliança com as classes mais pobres. Nas várias eleições, realizadas ao longo de aproximadamente 15 anos, a oposição foi derrotada. Inconformados, os adversários de Chávez promoveram um golpe de Estado, no início de 2002, com apoio do governo dos Estados Unidos. Apesar de o governo norte-americano ter usado de sua influência para obter o reconhecimento imediato do novo governo, a comunidade internacional – inclusive o Brasil, então governado por Fernando Henrique Cardoso – condenou o golpe. Chávez acabou voltando ao poder três dias depois. (Nota da **IHU On-Line**)
⁸ O entrevistado se refere aos governos de Néstor Kirchner e Cristina Kirchner. **Néstor Kirchner** (1950-2010): advogado e político argentino, foi o 54º presidente da Argentina. Casado com Cristina Kirchner, foi sucedido por ela na Casa Rosada. **Cristina Kirchner** (1953): política e advogada argentina. Ex-senadora pela província de Buenos Aires, Cristina foi presidente de seu país entre 2007 e 2015. De 25 de maio de 2003 a 10 de dezembro de 2007 foi também primeira-dama, pois é viúva do ex-presidente Néstor Kirchner, ao qual sucedeu no governo do país latino. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Evo Morales** [Juan Evo Morales Ayma] (1959): é o atual presidente da Bolívia. Líder sindical dos cocaleros, destacou-se ao resistir os esforços do governo dos Estados Unidos para substituição do cultivo da coca, na província de Chapare, por bananas, originárias do Brasil. De orientação socialista, o foco do seu governo tem sido a implementação da reforma agrária e a nacionalização de setores-chaves da economia, contrapondo-se à influência dos Estados Unidos e das grandes corporações nas questões políticas internas da Bolívia. De etnia uru-aimará, Morales destacou-se a partir dos anos 1980, juntamente com Felipe Quispe e Sixto Jumbiri e alguns outros, na liderança do campesinato indígena do seu país. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Rafael Correa** [Rafael Vicente Correa Delgado] (1963): economista e político equatoriano, atual presidente de seu país. Criado numa família de classe média na cidade portuária de Guayaquil, Correa ganhou bolsas para estudar na Europa e nos Estados Unidos. Economista, foi assessor do ex-presidente Alfredo Palacio durante suas funções como vice-presidente. Depois, foi ministro de Economia e Finanças no início da gestão de Palacio na presidência, entre abril e agosto de 2005, após a destituição de Lucio Gutiérrez. Resnunciou ao cargo por discordar da política presidencial. É casado com Anne Malherbe. (Nota da **IHU On-Line**)

o exterior. Antes, buscava-se oferecer condições à indústria brasileira para competir com a estrangeira. Ou seja, em um primeiro momento, favoreceu-se a importação de insumos e bens de capital para equipar as plantas nacionais a fim de que passassem a produzir para o mercado interno.

A ideia baseava-se em uma tese consagrada pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Cepal¹¹, a deterioração dos termos de troca. Em linhas gerais, acreditava-se que os preços dos bens exportados pelos países centrais tendiam a aumentar no longo prazo, ao passo que os dos bens exportados pela periferia tendiam a cair de forma estrutural. A única maneira de sanar o inevitável estrangulamento do balanço de pagamentos decorrente dessa situação seria passar a produzir internamente, e para o mercado interno, aquilo que antes comprávamos do exterior.

Um dos instrumentos nos quais o PSI se baseou foi justamente a proteção tarifária. Adotada de forma pouco criteriosa e comedida, essa política resultou em graves distorções. Ao proteger a indústria nacional da concorrência estrangeira, gerou-se um sistema de oferta deficiente e de baixa produtividade, que se mostrou altamente vulnerável quando da abertura econômica do início dos anos 1990.

¹¹ **Cepal:** Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (português brasileiro) ou Comissão Econômica para a América Latina e Caraíbas (português europeu); criada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros. Ela é uma das cinco comissões econômicas da Organização das Nações Unidas - ONU e possui 44 estados e oito territórios não independentes como membros. Além dos países da América Latina e Caribe, fazem parte da CEPAL o Canadá, França, Japão, Países Baixos, Portugal, Espanha, Reino Unido, Itália e Estados Unidos da América. A atual secretária-executiva da CEPAL é a economista mexicana Alicia Bárcena. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Qual sua análise sobre a política econômica do Brasil hoje?

Ivan Salomão – Analisar a conjuntura no calor dos fatos não é tarefa das mais simples. Ainda assim, vejo a situação atual à luz da metáfora do copo meio cheio, meio vazio. Em primeiro lugar, parece haver consenso em relação à necessidade de se promover um ajuste fiscal. Como se sabe, dinheiro não dá em árvores, de modo que a expansão fiscal imoderada observada nos últimos anos levaria, em algum momento, à ruína.

Sumarizando: durante quase uma década, as receitas cresceram de forma extraordinária, no sentido de que não se tratava do padrão fiscal brasileiro. Sabia-se que, cedo ou tarde, a situação voltaria à realidade. Ou seja, nesses quase 10 anos, estivemos sob o efeito de uma “morfina arrecadatória”, quando se aumentaram as despesas sem a garantia de que as receitas seguiriam crescendo. A partir da década de 2010, a arrecadação voltou à normalidade, desvendando uma realidade que se traduz na enorme crise que nos acomete atualmente.

Por outro lado, o ajuste promovido pelo governo atual é de uma irracionalidade absoluta e de uma injustiça atroz. Ajuste fiscal profícuo é aquele que segue a lógica do que os juristas chamam de “capacidade contributiva”: quem auferir maior renda/patrimônio, que pague mais ao fisco. Assim, a única solução perene e socialmente defensável para a crise é promover uma revolução (e não reforma) tributária por meio da reformulação da política arrecadatória, na qual se elimine o emaranhado de tributos indiretos em benefício de uma estrutura direta e progressiva.

“Os sucessivos cortes orçamentários só fazem agravar a já precária estabilidade social do país”

IHU On-Line – Quais os desafios para hoje se pensar em desenvolvimento aliado a políticas públicas de proteção social?

Ivan Salomão – Na linha do que argumentei anteriormente, apenas uma reformulação total do sistema tributário brasileiro pode tirar o país da crise sem penalizar a imensa massa de desfavorecidos. Não é cortando benefícios sociais dos trabalhadores em benefício de uma elite privilegiada que, proporcionalmente, paga pouco imposto que se tirará o país do buraco.

Políticas que visam ao aumento da produtividade são, naturalmente, bem-vindas. O corte de privilégios que desde sempre reinaram no Brasil faz-se oportuno e necessário. Um sopro de mercado em setores dominados pela politicagem também é fundamental para se vislumbrar o tão sonhado desenvolvimento dinamicamente sustentado.

Ainda assim, nos setores em que a atuação do Estado mostra-se fundamental – como na educação e na saúde básicas – os sucessivos cortes orçamentários só fazem agravar a já precária estabilidade social do país. A diminuição da atividade estatal é bem-vinda em diversas áreas, desde que realizada de forma razoável e socialmente justa. ■



Brasil passa por grande retrocesso quanto ao controle ético de pesquisas envolvendo seres humanos

Thiago Rocha da Cunha alerta que setores do governo, da indústria farmacêutica e da academia querem flexibilizar parâmetros de proteção a participantes

Vitor Necchi

O Brasil contava com um dos mais eficientes aparatos de proteção de participantes de pesquisas do mundo. Trata-se do Sistema CEP–Conep, estabelecido em 1996 como uma instância de controle social no âmbito do Conselho Nacional de Saúde e que, desde então, vinha aprimorando normas e mecanismos para a difusão ética das pesquisas com humanos. Nos últimos anos, no entanto, o sistema vem passando por ataques provenientes de setores do governo, da indústria farmacêutica e da academia. O intuito é “flexibilizar os parâmetros de proteção para os participantes sob o argumento de que é preciso acelerar a aprovação de pesquisas no país”, explica o doutor em Bioética Thiago Rocha da Cunha. “Estamos passando por um momento de grande retrocesso em relação ao controle ético das pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.”

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Cunha afirma que, recentemente, o Senado aprovou um projeto de lei que altera o controle dos ensaios clínicos no Brasil. Isso, na prática, “desmonta todo o Sistema CEP–Conep e abre espaço para que tais estudos sejam avaliados apenas por comitês de ética em pesquisas privados, ou seja, comitês independentes de qualquer

controle social e democrático”.

O assunto é altamente contemporâneo e importante. Para se ter uma ideia do alcance, é no âmbito da bioética que se discute a pesquisa envolvendo embriões humanos. “Preocupo-me, particularmente, com as aplicações destas pesquisas, especialmente no que se refere ao aprimoramento biológico seletivo das próximas gerações causadas por uma disponibilidade apenas mercadológica de tais tecnologias, o que tornaria uma já insustentável situação de desigualdade social em algo ainda mais grave, uma vez que repercutiria também em desigualdade e segregação biológica”, projeta Cunha.

Thiago Rocha da Cunha é doutor e mestre em Bioética pela Universidade de Brasília – UnB; bacharel em Biomedicina pelo Centro Universitário de Votuporanga – Unifev/SP. Fez estágio pós-doutoral em Bioética na UnB. Leciona no Programa de Pós-Graduação em Bioética e na graduação em Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC–PR.

A entrevista foi publicada em Notícias do Dia de 6-9-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <https://goo.gl/jNG3gY>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é bioética?

Thiago Rocha da Cunha – A bioética é um campo do conheci-

mento voltado ao estudo dos problemas éticos envolvendo as diferentes formas de manifestação da vida. Do ponto de vista teórico, as origens da

disciplina podem ser identificadas em duas vias: uma primeira, de perspectiva global, foi proposta por Van Rensselaer Potter no início dos anos

“A bioética é um campo do conhecimento voltado ao estudo dos problemas éticos envolvendo as diferentes formas de manifestação da vida”

1970, que via na bioética uma ciência vocacionada a investigar as condições necessárias à sobrevivência humana na terra. Potter preocupava-se com o problema da adaptação biológica e cultural dos seres humanos no planeta e, frente a um contexto de rápidas e profundas transformações ambientais ocasionadas pelo desenvolvimento científico e econômico, propôs um espaço interdisciplinar que pudesse envolver cientistas e humanistas na busca de parâmetros bioeticamente necessários a uma civilização planetária sustentável a longo prazo.

Não apenas por ser demasiadamente ambiciosa, mas também por incomodar discursos hegemônicos nos campos científicos, econômicos e até religiosos (uma vez que o autor apontava a necessidade de regulação da economia, da ciência e da reprodução humana), esta perspectiva não foi inicialmente adotada e reproduzida no âmbito acadêmico local. Deste modo, foi em uma segunda via que a bioética se consolidou no final dos anos 1970 por meio de uma corrente teórica chamada “principlista”, que fora sistematizada por dois autores também dos Estados Unidos, Tom Beauchamp e James Childress. Preocupados especificamente com o problema da ética na pesquisa biomédica e nas relações entre profissionais de saúde e pacientes, estes autores indicaram quatro princípios que deveriam ser considerados na avaliação e na recomendação para enfrentamento de conflitos éticos: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Por ser demasiadamente prática

e por não aprofundar criticamente os conflitos bioéticos, esta perspectiva teórica acabou se consolidando como sinônima da própria bioética e até hoje figura-se como a abordagem hegemônica do campo.

IHU On-Line – No que tange aos direitos humanos, há uma declaração universal. Em relação à bioética, existe algum documento de vigência mundial?

Thiago Rocha da Cunha – Embora a bioética ainda se volte majoritariamente aos problemas biomédicos restritos à prática clínica, sua vocação global permaneceu latente durante o final do século 20 e se manifestou, de modo pujante, no início do século 21, sobretudo após a publicação da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, publicada em 2005 pela Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura]. Este documento, além de resgatar certa perspectiva planetária vislumbrada por Potter, legitimou outras abordagens da bioética que foram se desenvolvendo à margem do principlismo dos EUA, especialmente as contribuições da bioética europeia, que remete a uma tradição filosófica fundada nos princípios da dignidade humana, e da bioética latino-americana, que aponta para conflitos bioéticos determinados por estruturas e processos socioeconômicos.

Assim, fundamentada normativamente na cultura dos Direitos Humanos, esta declaração traduz a pluralidade temática e conceitual que

caracteriza a bioética contemporânea. Trata-se de um documento importante na medida em que aponta interfaces entre direitos humanos e bioética em temas como responsabilidade dos estados no acesso à saúde, no compartilhamento de benefícios do desenvolvimento científico, na cooperação e na solidariedade internacional, além dos temas clássicos da disciplina, como os processos de consentimento e da proteção da integridade nas pesquisas científicas.

IHU On-Line – No mundo todo, é notório o desrespeito aos direitos humanos. Qual a situação no campo da bioética? Quais os conflitos éticos mais comuns?

Thiago Rocha da Cunha – Os direitos humanos, especialmente tal como aplicados na Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, formaram uma conquista ética valiosa para a humanidade, porque pela primeira vez na história se estabeleceu um princípio de igualdade fundamental entre todos os seres humanos, independentemente de raça, credo, gênero, nacionalidade ou qualquer outra condição. Ocorre que a cultura dos direitos humanos parece se deteriorar rapidamente: em primeiro lugar, porque a própria retórica dos direitos humanos foi instrumentalizada para fins hegemônicos, fazendo com que guerras, invasões, sanções e outras formas de coerções seletivas sejam aplicadas pela comunidade internacional para atender aos interesses dos países dominantes, enquanto esses mesmos

países são responsáveis por graves violações de direitos humanos tanto no âmbito interno quanto externo. Por outro lado, o valor axiológico da dignidade humana, sustentáculo da igualdade dos direitos universais, tem sido cada vez mais desconsiderado em detrimento de discursos nacionalistas que proliferam não apenas em países da Europa e nos Estados Unidos, mas também em países periféricos.

Atualmente, a partir de uma lente crítica da bioética, conflitos éticos importantes envolvendo os direitos humanos podem ser ilustrados pela situação de vulnerabilidade que acomete migrantes e refugiados, mulheres, população LGBT, minorias étnicas e religiosas, além dos contingentes de desempregados, excluídos e precarizados pelo modo de produção econômico global e que geralmente são compostos pelos grupos sociais acima discriminados, o que os tornam ainda mais vulneráveis.

IHU On-Line – Em relação à ética em investigações científicas, há alguma especificidade regulando pesquisas no Brasil?

Thiago Rocha da Cunha – Estamos passando por um momento de grande retrocesso em relação ao controle ético das pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Para entender esse processo, é preciso destacar que o país contava (e ainda de certa forma conta) com um dos sistemas de proteção de participantes de pesquisas mais protetivos do mundo. O chamado Sistema CEP–Conep, estabelecido em 1996, foi estruturado como uma instância de controle social no âmbito do Conselho Nacional de Saúde e, desde então, veio propondo e aprimorando normas e mecanismos para a difusão ética das pesquisas com humanos no país. Porém, nos últimos anos, sobretudo após a revogação da chamada Resolução CNS 196/96, o sistema vem enfrentando fortes ataques por parte de setores do governo, da indústria farmacêutica e da academia que buscam flexibili-

zar os parâmetros de proteção para os participantes sob o argumento de que é preciso acelerar a aprovação de pesquisas no país. Recentemente, um projeto de lei foi aprovado no Senado propondo alterações no controle dos ensaios clínicos no Brasil que, na prática, desmonta todo o Sistema CEP–Conep e abre espaço para que tais estudos sejam avaliados apenas por comitês de ética em pesquisas privados, ou seja, comitês independentes de qualquer controle social e democrático.

“Estamos passando por um momento de grande retrocesso em relação ao controle ético das pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil”

IHU On-Line – Que parâmetros regem pesquisas envolvendo embriões humanos?

Thiago Rocha da Cunha – Este é um tema emergente da bioética que requer análise atenta e aberta, envolvendo todos os setores da sociedade. De modo geral, há dois parâmetros fundamentais para a condução ética das pesquisas envolvendo seres humanos: o respeito à dignidade e a proteção da autonomia. No caso específico das pesquisas que envolvem o ser humano em fase embrionária, esses dois parâmetros surgem de modo tensionado. Isto acontece porque, em primeiro lugar, o embrião do ser humano não pode manifestar sua vontade, em segundo lugar, porque

ainda está aberta, no campo da discussão ética e jurídica, quando se inicia a proteção da dignidade na vida humana. Eu prefiro não discutir estes problemas de pontos de vista binários, isto é, em termos de ser absolutamente contrário ou absolutamente favorável às pesquisas. Preocupo-me, particularmente, com as aplicações destas pesquisas, especialmente no que se refere ao aprimoramento biológico seletivo das próximas gerações causadas por uma disponibilidade apenas mercadológica de tais tecnologias, o que tornaria uma já insustentável situação de desigualdade social em algo ainda mais grave, uma vez que repercutiria também em desigualdade e segregação biológica.

IHU On-Line – Outras formas de vida não humanas são contempladas pela bioética?

Thiago Rocha da Cunha – Esta é uma pergunta boa para reiterar que a bioética não pode ser definida por uma única perspectiva, tal como indica sua própria gênese histórica. Existem diversas abordagens teóricas da disciplina, sendo que algumas posicionarão a vida humana como o núcleo da preocupação ética, enquanto outras vão adotar posicionamentos mais amplos, considerando o valor intrínseco de outras formas de existência. Mesmo entre aquelas de cunho mais antropocêntrico, há diferentes nuances e divergências: por exemplo, entre as que consideram a vida humana a partir da concepção e as que posicionam o valor humano a partir do nascimento ou de um determinado estágio da gestação. Entre as perspectivas de cunho ambiental também há divergências, por exemplo, entre as que consideram eticamente merecedoras de preocupação as formas de vidas capazes de consciência, isto é, todos os animais que podem sentir dor ou prazer, frente às abordagens que consideram o valor de toda forma de expressão da vida, independentemente de seu nível de complexidade ou sensibilidade.

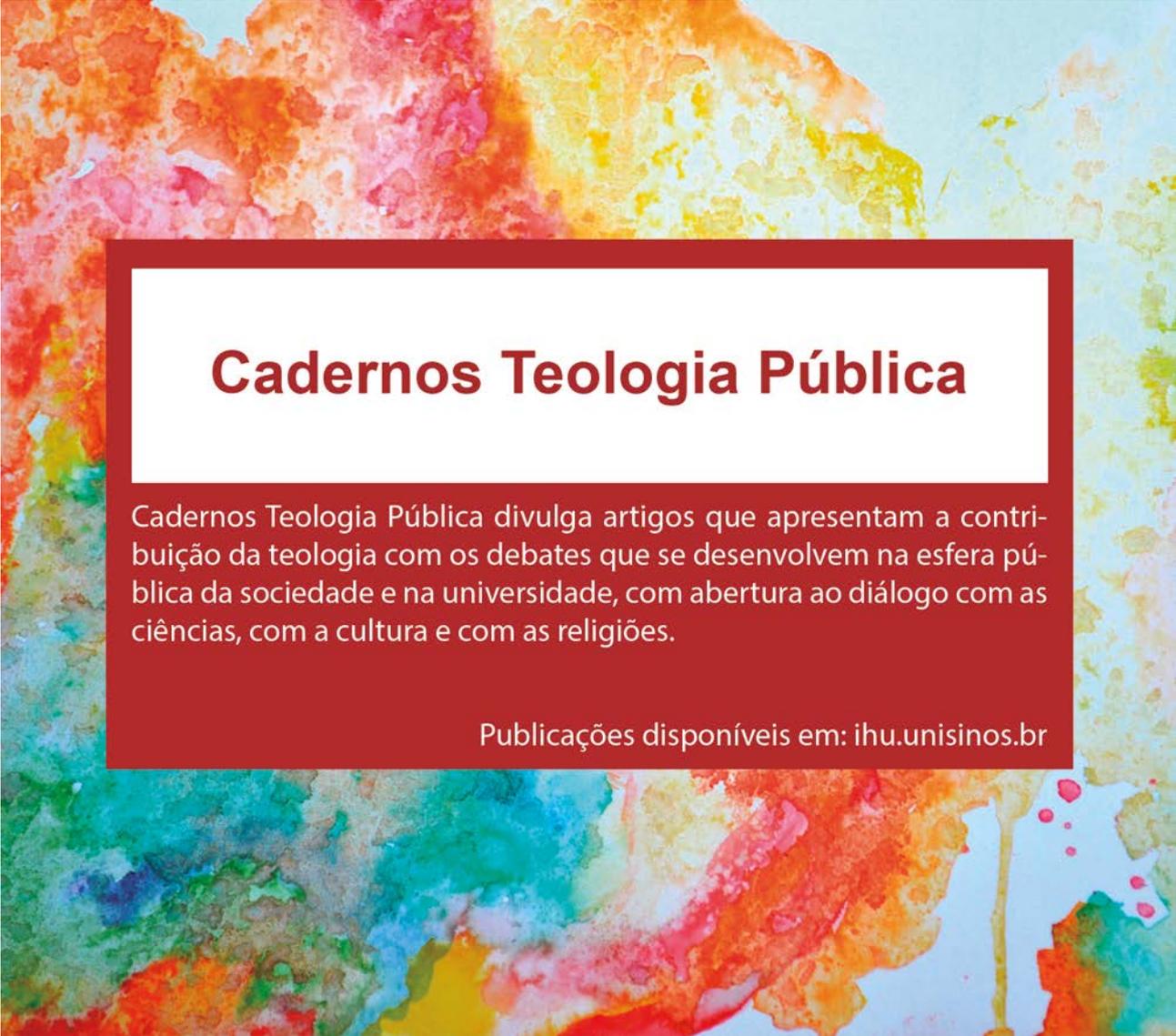
IHU On-Line – No cinema, há filmes que apresentam pesquisas realizadas pela indústria farmacêutica no continente africano em desrespeito aos princípios da bioética. O que é mera ficção ou o que é verdade nessas obras?

Thiago Rocha da Cunha – Creio que a realidade é muito mais perversa do que a representação artística desse problema. O filme citado, *O Jardineiro Fiel*, de Fernando Meirelles, apenas romantizou um problema concreto eviden-

ciado nas pesquisas em HIV/aids no continente africano nos anos 1990, quando se deixou que pessoas, inclusive bebês, fossem infectados e sem tratamento; contudo, pessoas de todo o mundo e não apenas africanas estão vulneráveis a ameaças e abusos da pesquisa realizada em nome da indústria farmacêutica.

IHU On-Line – É correto pagar uma pessoa para que ela se submeta a algum tipo de pesquisa?

Thiago Rocha da Cunha – Acredito que em alguns casos o incentivo financeiro é útil para viabilizar as pesquisas. Um grave problema ético surge, no entanto, quando as pesquisas apresentam altos riscos, uma vez que nestes casos o incentivo financeiro leva as pessoas mais necessitadas da sociedade a assumirem os danos dos estudos, ao passo que os benefícios tendem a ir às camadas mais privilegiadas, ou seja, àquelas que podem pagar pelas inovações biotecnológicas e ficam isentas dos riscos, resultando em uma dupla injustiça social. ■



Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

O panoptismo de estar constantemente conectado às redes sociais

A professora e pesquisadora Olaya Fernández Guerrero estuda o fenômeno do controle nas sociedades contemporâneas

Patricia Fachin | Tradução: André Langer

A noção de panoptismo, discutida por Foucault há 40 anos, “permite compreender muitas das situações que vivemos atualmente em nossas sociedades, nas quais, sob o pretexto da segurança global, intensificaram-se as medidas de vigilância e controle que se aplicam sem exceção a toda a população e que, às vezes, implicam um corte preocupante das liberdades civis”, diz a filósofa Olaya Fernández Guerrero à **IHU On-Line**, na entrevista a seguir, concedida por e-mail.

Segundo Olaya, as novas tecnologias da informação e comunicação têm reforçado “essa visibilidade constante e permanente que tem muito de panóptico”. Nas sociedades atuais, pontua, é possível identificar duas modalidades de panoptismo. A primeira é baseada na vigilância à qual todos os cidadãos estão submetidos pelo poder político. A segunda, explica, é mais “sutil” e aceita pelas pessoas, e “se explicita na pulsão de estar constantemente conectados às redes sociais, compartilhando

fotos e informações sobre o que estamos fazendo em cada momento. Este tipo de panoptismo acaba sendo muito poderoso e às vezes acaba gerando nos indivíduos um comportamento viciante e uma dependência das redes sociais que é preocupante, particularmente entre a população mais jovem; por essa razão, é urgente desenvolver uma visão crítica em relação a esse outro panoptismo que está invadindo as nossas vidas”, defende.

Olaya Fernández Guerrero é doutora em Filosofia e professora na Universidade de La Rioja, na Espanha. Recentemente ela esteve no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, proferindo a palestra O Poder e o panoptismo da cidadania em Michel Foucault.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 15-9-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ftEXHP>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido a ideia de panoptismo, desenvolvida por Foucault¹,

explica as relações de poder, controle e vigilância nas sociedades atuais? Como essa ideia ajuda a entender o nosso tempo?

Olaya Fernández Guerrero – A noção de panoptismo, que aparece nos textos que Foucault escreveu há 40 anos, permite compreender muitas das situações que vivemos atualmente em nossas sociedades, nas quais, sob o pretexto da segurança global, intensificaram-se as medidas de vigilância e controle que se aplicam sem exceção a toda a população e que, às vezes, implicam um corte preocupante das liberdades civis.

¹ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e o *discurso racional em debate*, disponível em [\[goo.gl/wjqFL3\]\(http://goo.gl/wjqFL3\); edição 343, *O \(des\)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. \(Nota da **IHU On-Line**\)](https://</p>
</div>
<div data-bbox=)



“As causas da ascensão do panoptismo são muito diversas. Entretanto, um dos fatores que mais contribuíram para essa mudança são as novas tecnologias da informação e comunicação”

IHU On-Line – Quais diria que são os exemplos concretos da manifestação do panoptismo nas sociedades atuais?

Olaya Fernández Guerrero – Atualmente, encontramos muitos elementos que estão estreitamente vinculados ao olhar vigilante e hierárquico, o que é uma das principais características do panoptismo. A instalação de câmeras de segurança em espaços públicos, o controle das comunicações através da internet ou a moda de fazer ‘selfies’ e compartilhar essas fotografias nas redes sociais são alguns exemplos que ilustram esse panoptismo contemporâneo.

IHU On-Line – Por que na nossa época o panoptismo é ainda mais forte e evidente do que na de Foucault?

Olaya Fernández Guerrero – As causas da ascensão do panoptismo são muito diversas. Entretanto, um dos fatores que mais contribuíram para essa mudança são as novas tecnologias da informação e comunicação, que têm uma presença crescente na vida cotidiana dos indivíduos e que reforçam essa visibilidade constante e permanente que tem muito de panóptico.

IHU On-Line – Como essa ideia de panoptismo cria uma nova concepção de sujeito?

Olaya Fernández Guerrero – Os diversos dispositivos panópticos

acabam fazendo parte dos processos de criação de subjetividades e transformam-se, além disso, em elementos mediadores das nossas relações sociais e interpessoais. O próprio Foucault já escreveu sobre esta questão, identificando a sociedade contemporânea como uma sociedade disciplinar na qual o dispositivo panóptico cumpre um papel muito importante, uma vez que submete os indivíduos a uma vigilância total e invasiva que acaba produzindo uma interiorização das normas e uma ampla adaptação aos padrões de conduta que a sociedade estabelece para regular cada aspecto de nossas vidas.

IHU On-Line – Como a categoria de povo se relaciona com essa ideia de panoptismo?

Olaya Fernández Guerrero – No contexto do panoptismo, o povo, ou melhor, a cidadania, perde parte da sua autonomia e liberdade de ação e transforma-se em uma coletividade administrada e vigiada, submetida a um regime de visibilidade em que todos, e cada um dos indivíduos, estão sujeitos à supervisão e são colocados sob suspeita.

IHU On-Line – Como a senhora compreende, de um lado, a crítica ao panoptismo e, de outro, o uso que as pessoas fazem, por exemplo, de espaços de vigilância como o Facebook?

Olaya Fernández Guerrero

– Existem pelo menos dois tipos, duas modalidades, de panoptismo: uma delas é o panoptismo baseado na vigilância e no controle a que estão submetidos todos os indivíduos pelos poderes políticos, pelas forças de segurança etc., e que é difícil contornar. Este panoptismo é mais fácil de identificar e muitas pessoas adotam uma postura crítica em relação a ele. Mas, nas sociedades atuais, surgiu também outra forma de panoptismo mais sutil, ao qual muitos indivíduos aceitam (aceitamos) se submeter voluntariamente, e que se explicita na pulsão de estar constantemente conectados às redes sociais, compartilhando fotos e informações sobre o que estamos fazendo em cada momento. Este tipo de panoptismo acaba sendo muito poderoso e às vezes acaba gerando nos indivíduos um comportamento viciante e uma dependência das redes sociais que é preocupante, particularmente entre a população mais jovem; por essa razão, é urgente desenvolver uma visão crítica em relação a esse outro panoptismo que está invadindo as nossas vidas.

IHU On-Line – O que seria uma alternativa ou uma resistência ao modelo de controle, vigilância e poder advinda da ideia de panoptismo? Como romper com esse modelo?

Olaya Fernández Guerrero – Para começar a propor opções de resistência, a primeira coisa a se fazer é identificar quais são os dis-

positivos de controle e vigilância aos quais estamos submetidos, e a partir daí desenvolver uma perspectiva crítica e refletir sobre as maneiras mais efetivas para contornar aqueles modos de controle e vigilância que nos pareçam mais negativos. Na minha opinião, o mais adequado é realizar práticas de resistência de caráter concreto e contextualizado, que devem ser desenvolvidas no âmbito das atividades cotidianas de cada indivíduo.

IHU On-Line – Quais são os exemplos de resistência ao panoptismo hoje?

Olaya Fernández Guerrero – Em relação ao panoptismo ao qual somos submetidos pelos poderes públicos, penso que é importante continuar a questionar o discurso da segurança global, uma vez que em muitos casos este é utilizado como justificativa para cortar as liberdades civis e aplicar modelos de vigilância que são inaceitáveis

do ponto de vista ético. Também é preciso fazer um uso mais responsável das redes sociais e, desse modo, evitar contribuir para esse panoptismo ‘voluntário’, ao qual acabamos cedendo cada vez que compartilhamos imagens e informações pessoais nas redes sociais, e que contribui para essa ‘visibilidade total’ e nos coloca em uma situação de vulnerabilidade e de constante escrutínio e sujeição ao olhar alheio.■



NOTÍCIAS DO DIA

Acompanhe notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo, em uma seleção preparada pela equipe do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU.**



ihu.unisinos.br/noticias/noticias-do-dia



Exibição do documentário

MARTÍRIO

(162min, 2016, Brasil) um filme de
Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tita

29 de setembro de 2017

Sexta-feira | 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e
Companheiros - IHU

ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Francisco Suárez¹

Marcelo F. de Aquino, S.J.²

1. Suárez³ desponta de dentro de um grupo de pensadores jesuítas, sistemáticos tais como Luís de Molina⁴, Gabriel Vásquez⁵ e Leonardo Lessius⁶, controversistas como Roberto Bellarmino⁷, Jakob Gretzer⁸ e Adam Tanner⁹, e ainda o grupo dos filósofos jesuítas conimbricenses, como Pedro da Fonseca¹⁰.

Estudou teologia em Salamanca (1566–1570), onde foi discípulo de Mancio de Corpus Christi o.p.¹¹ e de Juan de Guevara o.s.a.¹². De 1571 a 1573 ensinou filosofia em Segóvia, de 1574 a 1575 ensinou teologia em Valladolid, em 1575 em Segóvia e de novo, de 1576 a 1580, em Valladolid, onde comentou a primeira parte da Suma Teológica de Tomás de Aquino.

¹ Francisco Suárez nasceu em 5-1-1548 em Granada, Espanha, e morreu em 25-9-1617 em Lisboa, Portugal.

Edições: *Opera Omnia*, Ed. Berton, 28 vols. Paris, 1856-1878; Algumas edições críticas: *De Anima*, 3 vols. Ed. S. Castellote, Madrid 1978-1991; *Conselhos e Pareceres*, 3 vols. Coimbra 1948-1952; *De Ecclesia*, De Pontifice, ed. A. Vargas Machuca; ATG 30 (1967) 245-331; *Lectiones de fide*, anno 1583 in: *Collegio Romano*, ed. C. Deuringer, Granada 1967; *Tratado de las Leyes y de Dios legislador*, 6 vols. Ed. J.R. Eguillor, Madrid 1967-1968; *Disputationes Metaphysicae*, texto latino e espanhol, Ed. S. Romeo, S. Sanchez e A. Zanón publicado na Biblioteca Hispanica de Filosofia, Madrid, Editorial Grados, 7 vols. (Nota do autor)

² Reitor e professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

³ Ver os verbetes Suárez, Francisco, e Suarismo, do *Diccionario histórico de la Compañia de Jesús – Biográfico-Temático*, vol. IV. Institutum Historicum S.I. Roma / Universidad Pontificia Comillas Madrid, 2001. (Nota do autor)

⁴ **Luís de Molina** (1535-1600): jesuíta, teólogo e jurista espanhol. Testemunhou a conquista espanhola da América do Sul e Central e o despontar da Espanha como um enorme império colonial que se estendia por boa parte do globo. Apesar de espanhol, passou a maior parte de sua vida adulta em Portugal. Foi uma figura destacada da chamada Escola de Salamanca. Sua doutrina recebeu o nome de molinismo (que não deve ser confundido com o molinosismo, de Miguel de Molinos, outro teólogo espanhol). Estudou Direito na Universidade de Salamanca e Escolástica na de Alcalá. Em Alcalá, entrou em contato pela primeira vez com a Companhia de Jesus e foi estudar na Universidade de Coimbra, onde começa sua carreira docente, que continuou na Universidade de Évora. Sua carreira acadêmica já havia começado durante seus estudos de teologia. No começo, lecionava filosofia ocasionalmente em Coimbra e posteriormente chegou a ser substituto na cadeira de teologia da Universidade de Évora. De 1563 até 1567, lecionou seu próprio curso de filosofia na Faculdade Jesuíta de Coimbra. De 1568 até 1583, lecionou teologia na Universidade de Évora, que havia sido dada aos jesuítas em 1559. Lá ele lecionou sobre a *Summa Theologiae*, de Tomás de Aquino. Suas palestras sobre a *Prima Pars* e a *Secunda Secundae* compreendiam a base de sua obra *Commentaria in Primam Divi Thomae Partem*, publicada em Cuenca, em 1592, cujos alguns trechos primeiro faziam parte da *Concordia* (1588) e, posteriormente, dos seis volumes do *De Iustitia et Iure* (1593-1613). (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁵ **Gabriel Vásquez** (1549 ou 1551-1604): teólogo jesuíta espanhol, orador e moralista. Bento XIV o chamou de “luminar” da teologia. Fez um estudo completo das obras de Santo Agostinho, por quem professava uma grande devoção. Ingressou na Companhia de Jesus em 1569 e estudou filosofia e teologia na Universidade de Alcalá de Henares. Foi professor em Ocaña, Madrid e Alcalá, depois se transferiu para Roma a fim de ocupar a cátedra de Teologia do Colégio Romano (1586-1591) em substituição a Francisco Suárez, com quem depois travou diversas polêmicas. Quando regressou para a Espanha, fixou-se em Alcalá de Henares, onde escreveu vários tratados teológicos. A obra fundamental de Vásquez, *Commentariorum ac Disputationum in primam, secundam vel tertiam partem S. Thomae*, compilada em sete tomos (1598-1615), trata da obra de São Tomás de Aquino. Também escreveu *Paraphrasis; et compendiaría explicatio ad nonnullas Pauli Epistolas* (1612), *Opuscula moralia. De elemosyna, scandalo, restitutione, pignoribus et hypothesis, testamentis, beneficiis, redditibus, ecclesiasticis* (1617) e *Disputationes metaphysicae* (1617). (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁶ **Leonardo Lessius** (1554-1623): ou Leonardus Lessius ou Lenaert Leys, nascido em Brecht, foi um jesuíta teólogo e moralista e pioneiro da Ética nos Negócios. Ingressou na companhia de Jesus em 1572, após concluir os estudos teológicos em Roma com Francisco Suárez e Roberto Bellarmino. Tornou-se professor de teologia na Universidade de Lovaina. Condenou as ideias de Miguel de Baius, o baianismo que precede ao jansenismo, sobre a predestinação, e por sua vez foi acusado por Baio de semipelagianismo porque parecia enfatizar demais o livre arbítrio do homem. Em 1615, o papa Paulo V teve oportunidade de lhe agradecer pessoalmente pelos serviços prestados. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁷ **Roberto Bellarmino** (1542-1621): são Roberto Francesco Romolo Bellarmino S.J., nascido em Roma, foi teólogo. Trata-se de uma das mais importantes figuras da Contrarreforma e, por suas obras, foi canonizado em 1930 e proclamado doutor da Igreja. Ingressou na Companhia de Jesus em 1560. Ensinou teologia em Lovaina até ser chamado a Roma por Gregório XII em 1576 para fazer parte do Colégio Romano (futuro Universidade Gregoriana), onde se tornou reitor. Foi Provincial dos Jesuítas de Nápoles. De novo em Roma, como teólogo de Clemente VIII, tornou-se cardeal em 1599. Arcebispo de Cápua em 1602, ocupou também lugares na maior parte das congregações da Igreja. Em 1616, por ordem de Paulo V, Bellarmino convocou Galileu Galilei, notificou-o sobre um decreto da Congregação do Index condenando a doutrina de Nicolau Copérnico de que a terra se movia e que o sol era imóvel, ordenando-o que a esquecesse. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁸ **Jakob Gretzer** (1562-1625): padre jesuíta, teólogo, filólogo, humanista, dramaturgo e historiador alemão nascido em Markdorf. Entrou para a Companhia de Jesus em 1578. Lecionou no liceu de Fribourg (1584 a 1586). A partir de 1589, ensinou filosofia na Universidade de Ingolstadt. Publicou 150 obras, a maioria dirigida contra os protestantes. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁹ **Adam Tanner** (1572-1632): em latin, Tannerus. Teólogo jesuíta nascido em Innsbruck, na Áustria. Professor de matemática e filosofia. Ingressou na Companhia de Jesus em 1589. Lecionou na Universidade de Ingolstadt e na Universidade de Viena. Destacou-se por sua defesa da Igreja Católica e sua atuação contra a reforma luteterana. Sua obra mais importante foi *Universa theologia scholastica*, publicada em 1626-1627. A cratera Tannerus, na lua, foi nomeada em homenagem a ele. (Nota da [IHU On-Line](#)).

¹⁰ **Pedro da Fonseca** (1528-1599): filósofo e teólogo jesuíta português. Foi conhecido na sua época como o “Aristóteles Português”. Era um mestre em grego e árabe, cuja erudição lhe facultava uma linha de ideias próprias em relação a temas desenvolvidos por Tomás de Aquino e Aristóteles. As suas obras principais foram nas áreas da lógica e metafísica. (Nota da [IHU On-Line](#)).

¹¹ **Mancio de Corpus Christi** (1507?-1576): religioso, teólogo e catedrático. Lecionou na Universidade de Alcalá, na Espanha, de 1548 a 1564. Atuou como especialista no processo inquisitorial de Bartolomé de Carranza e depois no de Fray Luis de Leon, de Gaspar de Grajal e de Martínez de Cantalapiedra. Escreveu *Tratado sobre la Usura y los Cambios*, juntamente com Bartolomé de Medina. (Nota da [IHU On-Line](#)).

¹² **Fray Juan de Guevara O.S.A.** (1518-1600): teólogo agostiniano do Renascimento, nascido em Toledo, na Espanha. Disputas internas na ordem agostiniana o afastaram do seu amigo Fray Luis de Leon, que pertencia a uma corrente mais conservadora. Guevara defendia uma abordagem mais moderada para a prática religiosa. (Nota da [IHU On-Line](#)).



De 1580 a 1585, ensinou teologia em Roma, no Colégio Romano¹³, as matérias correspondentes à segunda e à terceira partes da Suma Teológica. Suas *Quaestiones de Beata Maria Vergine* podem ser consideradas a primeira Mariologia sistemática.

Em setembro de 1585, transferiu-se a Alcalá como leitor de teologia. Lecionou os tratados *De incarnatione* em 1585 e 1586, *De sacramentis* em 1586 e 1587 e *De poenitentia*, *De aliis sacramentis* e *De censuris* de 1588 a 1593. Em Alcalá, publicou suas primeiras obras: *De incarnatione* em 1590 e *De mysteriis vitae Christae* em 1592.

Em 1593, transferiu-se para Salamanca, por motivo de tensões com Gabriel Vázquez. Ai ensinou em 1593 e 1594, dedicando-se sobretudo à publicação de várias de suas obras, especialmente as *Disputationes Metaphysicae*¹⁴, em 1597, suprema expressão de seu pensamento filosófico e por ele considerada como base filosófica necessária a sua teologia. Data de 14 de junho de 1594 sua carta ao Cardeal Toledo em que participa pela primeira vez nas controvérsias *De auxiliis*¹⁵.

Em 1597, assumiu uma cátedra em Coimbra onde, em 1599, publicou seis tratados sobre *De auxiliis* sob o título *Varia opuscula theologica*. De 1601 a 1603, ensinou *De legibus*, publicado em 1612. Com esta obra, foi reconhecido como jurista.

Em 1602, publicou *De poenitentia*. Em 1603, foi denunciado ante o papa Clemente VIII por Domingos Bañez no contexto das tensões geradas pelas controvérsias *De auxiliis*, tendo sua posição condenada.

Em 1604, esteve em Roma para justificar sua doutrina. Paulo V procurou distensionar este ambiente polêmico e emite um “Breve” elogioso em 1607 chamando-o “teólogo exímio e piedoso”. Em 1613, publicou *Defensio fidei catholicae*, em que criticava o juramento que o rei James I da Inglaterra passara a exigir de seus súditos a partir de 1605, e sua apologia que o mesmo rei publicara em 1608.

A pedido do padre Aquaviva¹⁶, em 1592, então superior geral da Companhia de Jesus, Suárez preparou seu tratado *De virtute et statu Religionis*, cujos dois primeiros tomos foram publicados em 1608 e 1609, um amplo estudo sobre o Instituto da Companhia de Jesus e um comentário aos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola. Os tomos 3 e 4 desta obra foram publicados

¹³ **Colégio Romano:** primeira escola jesuíta, criada em 1551, um ano após a fundação da Companhia de Jesus por Santo Inácio de Loyola. Seu objetivo era cobrir todo o arco escolástico da vida de um estudante, desde os estudos elementares até os universitários, dando início a um novo apostolado para os jesuítas: o ensino. Sua pretensão era suprir a carência de escolas da época e dar melhor formação ao clero, seja secular ou regular. Inicialmente ocupou uma pequena casa ao pé do Campidoglio (monte Capitólio), uma das sete famosas colinas de Roma, alugada por Inácio de Loyola no dia 18 de fevereiro de 1551. Em setembro, em decorrência do aumento de alunos, houve necessidade de buscar novo imóvel. Em 17 de janeiro de 1556, o papa Pio IV o transformou em universidade. Depois de sucessivas transferências e ampliações, sempre devido ao aumento do número de estudantes, que já eram mais de mil, o papa Gregório XIII quis dar uma nova sede ao já renomado colégio, e foi construída uma sede definitiva no local hoje conhecido como Praça do Colégio Romano. A inauguração da nova sede aconteceu no dia 28 de outubro de 1584 por obra do papa Gregório XIII. Foi em sua homenagem que o Colégio Romano recebeu o nome de Gregoriana. Na nova sede, passou-se a ensinar também História da Igreja, Liturgia e Astronomia (Cristoforo Clavio, idealizador do Calendário Gregoriano, era professor desta instituição). Em poucos anos, o número de acadêmicos superou os 2 mil. Como a capela universitária não era mais suficiente para acomodar os participantes, decidiu-se construir a atual enorme e bela Igreja de Santo Inácio (1626-1650). Seu arquiteto foi Orazio Grassi, que também era professor. A decoração foi executada por Andrea Pózzo. Em 1773, depois da supressão da Companhia de Jesus, o colégio ficou sob a tutela do clero secular romano e voltou a pertencer à mesma apenas após a sua restauração em 17 de maio de 1824 pelo papa Leão XII. Devido à secularização do Estado Italiano, em 1873, a Gregoriana foi dividida e novamente transferida, desta vez para a nova localização no Palácio Borromeu, onde hoje se situa o Colégio Bellarmino – nome provindo do cardeal Roberto Belarmino. Neste mesmo ano, o papa Pio IX permitiu ao colégio assumir o título de Pontifícia Università del Collegio Romano, conferindo ao seu reitor o direito de assinar sob o título de Rettore della Pontificia Università Gregoriana, dando origem ao nome pelo qual hoje é conhecida. Porém, em 1875, os estudantes não passavam de 250. Em 1919, o papa Bento XV adquiriu alguns terrenos e construções na Praça Pilotta, desta vez nas encostas do Quirinal (outra das sete colinas de Roma), para edificar a nova e definitiva sede da universidade. Privilegiou-se este local por ser próximo ao Pontifício Instituto Bíblico, também a cargo dos jesuítas. Pio XI continuou as iniciativas de seu predecessor. Assim, a 27 de dezembro de 1924, no centenário da restauração da Companhia de Jesus, foi posta a pedra fundamental do novo complexo. Os trabalhos de demolição permitiram redescobrir os restos do antigo templo de Serapide. A inauguração se deu no dia 6 de novembro de 1930. O papa Pio XI, em um quírografo de 1930 em que apoia a construção deste palácio, apelida esta universidade de: “A nossa Universidade Gregoriana”, tal é a proximidade entre o Sumo Pontífice e a Gregoriana. Em 1932, foram criadas as faculdades de Missiologia e de História da Igreja. Em 1951, a de Ciências sociais. Hoje, a Pontifícia Università Gregoriana conta com aproximadamente 3 mil estudantes vindos de mais de 130 países. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Disputações Metafísicas** [em latim, *Disputationes metaphysicae*]: é uma obra de filosofia escrita por Francisco Suárez em 1597. Como o primeiro trabalho sistemático e abrangente de metafísica escrito no Ocidente que não é um comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles, as *Disputas Metafísicas* têm um lugar único na história da filosofia. Uma das obras mais importantes de Suárez, teve influência imediata e duradoura. Afetou o trabalho dos escolásticos tanto na Europa como na América Latina, bem como filósofos modernos como René Descartes, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Christian Wolff e Arthur Schopenhauer. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **Querelas De auxiliis:** conforme José Jacinto Ferreira de Farias, scj (*Antropologia e Graça – Ser cristão hoje*, Lisboa: Universidade Católica Editora), depois do Concílio de Trento, a questão que vai ocupar a teologia é a relação entre a graça e a liberdade, ou seja, qual o lugar da liberdade perante o primado absoluto da iniciativa salvífica de Deus. Este foi o tema das querelas *de auxiliis* que puseram em confronto dominicanos e jesuítas sobre esta questão: como conciliar a relação entre a graça e a liberdade, como salvaguardar a sua gratuidade, como ver a graça não como grandeza em concorrência com a liberdade, mas como força de comunhão divina que suscita a liberdade? (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Claudio Acquaviva** (1543-1615): padre jesuíta italiano, terceiro superior geral no período de 1581 a 1615. Durante a sua gestão, viu duplicar o número dos membros da Ordem (de 5 mil para 13 mil) e o surgimento de santos como São Luís de Gonzaga e São Roberto Belarmino. Compilou a “*Ratio studiorum*” para os colégios jesuítas e ordenou o “*Directorium*” para os Exercícios Espirituais. (Nota da **IHU On-Line**)

após sua morte.

A metafísica de Suárez influenciou alguns pensadores luteranos e calvinistas, como, por exemplo, Jakob Martini¹⁷ e Clemens Timpler¹⁸. Também recebeu forte oposição, veja-se Johann A. von Werdenhagen¹⁹. Na primeira metade do século XVII, a metafísica suareziana exerceu forte influência em todas as universidades da Alemanha e da Holanda.

2. As *Disputationes Metaphysicae*²⁰ de Suárez são o resultado de um caminho tortuoso que a partir de Duns Scotus²¹ desconstruem os alicerces conceituais sobre os quais repousa o edifício da metafísica tomásica: a distinção real de essência e existência no ser finito, a identidade intencional entre o intelecto em ato e o inteligível em ato como estrutura fundante da inteligência, e a estrutura analógica do conceito de ser.

Em poucas palavras, a primazia da representação paulatinamente implantada a partir de Duns Scotus faz refluir para o sujeito o princípio último da fundamentação do ser. Nesse sentido, as *Disputationes suarezianas* preparam a total reestruturação do espaço metafísico, do qual é excluída a validade do conhecimento analógico na elaboração da ideia de ser e dos seus atributos, que será levado a cabo por Descartes²².

Em seu livro *Suárez et le système de la Métaphysique*²³, J.-F. Courtine²⁴, embasado em sólida pesquisa textual sobre as *Disputationes Metaphysicae*, afirma que nessa obra suareziana a metafísica como corpo organizado de saber, pela primeira vez na sua história, deixa de ser um comentário aos livros da *Metafísica*²⁵ de Aristóteles, sendo exposta na forma rigorosa de um sistema. Dessa sorte, Suárez antecipa e programa as ambições sistemáticas que impelirão o racionalismo moderno. Além disso, as *Disputationes* rememoram de modo grandioso a história da metafísica ocidental, desde Aristóteles lido com o apoio do grande comentário de Pedro da Fonseca²⁶, até a escolástica medieval.

O lugar histórico-teórico no qual as *Disputationes Metaphysicae* se situam e a partir do qual Suárez pode percorrer o caminho que leva do universo metafísico de Tomás de Aquino ao universo metafísico que inaugura a metafísica moderna ocupa o centro das investigações contemporâneas sobre seu pensamento. Cabe reafirmar que se por um lado Suárez pretende ser fiel a Tomás de Aquino, por outro lado ele foi um dos primeiros a cruzar o limiar da metafísica moderna.

A invenção suareziana do “sistema da metafísica” é uma ponte lançada entre a metafísica

17 **Jakob Martini** (1570-1649): teólogo e filósofo luterano alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Clemens Timpler** (1563-1624): filósofo, físico e teólogo alemão. Junto com Jakob Degen (1511-1587), é considerado o metafísico protestante mais importante. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Johann Angelius von Werdenhagen** (1581-1652): filósofo, jurista, cientista político e diplomata nascido na Alemanha. A obra que o tornou famoso é *De rebuspublicis hanseaticis tractatus generalis*, que, como o título sugere, inclui uma descrição detalhada das cidades da Liga Hanseática e seu comércio com a Península Escandinava, o Báltico e os Países Baixos. (Nota da **IHU On-Line**)

20 Apresento aqui breve resumo da terceira parte de pesquisa mais ampla sobre “Memória do Ser e afirmação de Deus em Lima Vaz” a ser publicada proximamente na revista Síntese. (Nota do autor). A primeira parte, de autoria de **Marcelo Fernandes de Aquino**, “Memória do Ser e afirmação de Deus em Lima-Vaz” (I), foi publicada por **Síntese. Revista de Filosofia**, Vol. 43, no. 136, maio/agosto 2016, p. 197-225. A segunda parte, “Memória do Ser e afirmação de Deus em Lima-Vaz” (II), foi publicada por **Síntese. Revista de Filosofia**, Vol. 44, no. 138, p. 39-73. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbitrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

23 *Suárez et le système de la Métaphysique*, de Jean-François Courtine. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

24 **Jean-François Courtine** (1944): nascido na França, é historiador de filosofia e especialista na história da ontologia. Membro honorário do Institut Universitaire de France, é professor emérito da Universidade Paris-Sorbonne. Ex-aluno de Jean Beaufret e Pierre Aubenque, sucedeu a Paul Ricoeur como diretor dos Archives Husserl de Paris. Diretor das coleções Bibliothèque de philosophie, Problèmes & controverses e Études et commentaires. Lecionou na Universidade de Poitiers, na Ecole Normale Supérieure da Rue d’Ulm. Em 1999, foi nomeado professor na Universidade Paris-Sorbonne. Em 2013, recebeu o Grande Prêmio de Filosofia da Académie française, pelo conjunto de seu trabalho. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Metafísica**: série de tratados escritos por Aristóteles (século 4 a.C.), organizados em um conjunto de 14 livros após a morte do filósofo por Andrônico de Rodes, que também deu o título de *Metafísica* ao conjunto. O termo metafísica jamais é empregado por Aristóteles em nenhum desses livros, ele usa a expressão filosofia primeira, ciência das causas primeiras, dos primeiros princípios e da finalidade de tudo o que é, enquanto é. Trata-se de uma das principais obras aristotélicas e o primeiro grande trabalho sobre a própria metafísica. Seu objeto de investigação não é qualquer ser, mas o ser enquanto ser geral, ou seja, o que pode ser afirmado sobre qualquer coisa que existe por causa de sua existência e não por causa de algum atributo que essa coisa tenha. A obra também aborda os diferentes tipos de causas, forma e matéria, a existência dos objetos matemáticos e de Deus. Ela estuda o inteiro, o geral e não apenas as partes, e isso não se resume ao transcendente. Em *Metafísica*, Aristóteles define as quatro causas das coisas: causa formal, causa material, causa eficiente e causa final. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Pedro da Fonseca** (1528-1599): filósofo e teólogo jesuíta português. Foi conhecido na sua época como o “Aristóteles Português”. Era mestre em grego e árabe, cuja erudição lhe facultava uma linha de ideias próprias em relação a temas desenvolvidos por Tomás de Aquino e Aristóteles. As suas obras principais foram nas áreas da lógica e metafísica. (Nota da **IHU On-Line**)



tomásica do ato de existir, como ponto de partida, e a metafísica racionalista das essências, como ponto de chegada. Ela indica um progressivo afastamento da Idade Média e uma conseqüente aproximação das terras modernas do pensamento filosófico.

Nos fundamentos do sistema moderno da metafísica estão opções teóricas, tanto no plano noético–epistemológico quanto no plano noético–metodológico, que já aparecem nas *Disputationes Metaphysicae*. Mesmo que Suárez permaneça fiel aos quadros da teoria aristotélica de ciência, suas *Disputationes* introduzem nela mudança radical ao operar a substituição definitiva da doutrina aristotélica do *subjectum scientiae* fundada sobre a pressuposição da relação imediata da inteligência com o ser pela concepção de um *objectum scientiae* que tem suas raízes em Avicena²⁷, Henrique de Gand²⁸ e que foi amplamente elaborada por Duns Scotus. Precisamente esta é a questão inicial de Suárez: *quod sit Metaphysicae objectum*.

Tal concepção do *objectum scientiae* no domínio da metafísica assinala o triunfo da representação sobre o ser, ou do *esse objectivum* sobre o *esse in re*. Trata-se de verdadeira revolução noética que transforma radicalmente o estatuto do saber metafísico e que torna possível a definição de um conceito unívoco do ser como *ens generalissimum* ou *ens ut sic* que na sua indeterminação e indiferença de princípio a qualquer conteúdo, abrange o finito e o infinito, o absoluto e o relativo, as criaturas e Deus.

Essa definição de ser se refere à essência ou à coisa (*aliquid* ou *res*). Não reconhece nenhuma inteligibilidade intrínseca ao ato de existir (*esse*) que, segundo Tomás de Aquino, é fundamento da estrutura analógica da noção de ser.

A constituição do conceito unívoco do *ens ut sic* é a opção noética fundamental de Suárez. Dela decorre sua opção metodológica de conferir uma estrutura sistemática ao pensamento metafísico. As *Disputationes Metaphysicae* podem, assim, reivindicar justamente o lugar histórico de marco inaugural da ideia moderna de sistema.

As opções metafísicas de Suárez decorrem de suas opções noético–metodológicas. Uma opção metafísica é a primazia do *ens ut nomen* em consequência da primazia da aceção nominal do *ens ut tale* ou *ens ut sic*. A univocidade da noção de ser determinará o aparecimento, no horizonte da reflexão metafísica, de novo modelo de ciência do ser, que a posteridade suareziana designará como *Ontologia* ou *Metaphysica generalis*.

Cabe ressaltar que Suárez tenta recuperar, dentro do espaço lógico do *ens ut sic*, a analogia como analogia de atribuição, que permanece subordinada à univocidade do *ens ut sic*, que é atribuído, segundo uma ordem ascendente de atribuição, à escala dos seres coroada pelo *Ens summum*.

Na metafísica suareziana, o Absoluto é submetido a uma dupla forma de conceptualização. Em primeiro lugar como *ens summum* ou *ens infinitum*, compreendido sob o *ens ut tale* no domínio da Ontologia e constituindo a onto–teologia no sentido tipicamente moderno. Em segundo lugar, considerado na sua existência e nos seus atributos, objeto da Teologia natural ou Teodiceia.

²⁷ **Abu Ali al-Hussayn ibn Abd-Allah ibn Sina**, ou **Avicena** (980-1037): filósofo e médico árabe de cultura enciclopédica. Além de gramática, geometria, física, medicina, jurisprudência e teologia, estudou profundamente a filosofia platônica e aristotélica. Como filósofo, continuou a tradição aristotélico-platônica de Alkindi e Al-Farabi. Pressupondo a unidade da filosofia, tentou conciliar as doutrinas de Platão e de Aristóteles. Avicena considerava o universo formado por três ordens: o mundo terrestre, o mundo celeste e Deus. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁸ **Henri de Gand** (1217-1293): filósofo escolástico nascido em Gante, Bélgica, conhecido como Doctor Solennis. Contemporâneo de Tomás de Aquino, se opôs a várias das teorias em voga e introduz uma forte dose de platonismo nas doutrinas aristotélicas de seu tempo. (Nota da **IHU On-Line**)



Francisco Suárez, uma breve biografia

Alfredo Culleton

Francisco Suárez (1548–1617) é o intelectual mais importante da Companhia de Jesus. Um filósofo, teólogo e jurista espanhol, conhecido por revitalizar a filosofia dos séculos XVI e XVII, e provocar uma ruptura nos modelos teóricos vigentes adequando-os aos novos tempos. Suárez, junto a nomes como os de Luís de Molina¹, Domingo de Soto², Francisco de Vitória³, Juan de Mariana⁴, Martin de Azpilcueta⁵, José de Aguilar, Diego de Avendaño⁶, José de Acosta⁷, entre outros, é a grande referência da chamada Segunda Escolástica, isto é, aquela investigação filosófica e teológica desenvolvida em torno das universidades ibéricas da época, como Salamanca, Évora, Coimbra, e ibero-americanas, como San Marcos (Lima) e San Antonio Abad del Cusco, que, nos séculos XVI e XVII, revitalizam os saberes que até então eram conduzidos dentro da tradição moldada por Tomás de Aquino⁸, Duns Scotus⁹ e outros escolásticos medievais.

Enquanto Suárez é comumente elogiado por sua exposição abrangente, exaustiva e sistemática de mais ou menos todo o conhecimento filosófico até seu tempo, esta abrangência não compromete a profundidade, o poder e a originalidade de suas próprias ideias. Trabalhou em uma grande variedade de campos que vão desde a metafísica, a teoria do conhecimento e a teologia até a filosofia mais prática, incluindo a filosofia política e do direito. Em todas essas áreas, ele fez contribuições cuja influência é tão presente que dificilmente as identificamos. Vale destacar que figuras tão diferentes entre si, histórica e filosoficamente, como Leibniz¹⁰,

28

¹ **Luís de Molina** (1535-1600): jesuíta, teólogo e jurista espanhol. Testemunhou a conquista espanhola da América do Sul e Central e o despontar da Espanha como um enorme império colonial que se estendia por boa parte do globo. Apesar de espanhol, passou a maior parte de sua vida adulta em Portugal. Foi uma figura destacada da chamada Escola de Salamanca. Sua doutrina recebeu o nome de molinismo (que não deve ser confundido com o molinosismo, de Miguel de Molinos, outro teólogo espanhol). Estudou Direito na Universidade de Salamanca e Escolástica na de Alcalá. Em Alcalá, entrou em contato pela primeira vez com a Companhia de Jesus e foi estudar na Universidade de Coimbra, onde começa sua carreira docente, que continuou na Universidade de Évora. Sua carreira acadêmica já havia começado durante seus estudos de teologia. No começo, lecionava filosofia ocasionalmente em Coimbra e posteriormente chegou a ser substituído na cadeira de teologia da Universidade de Évora. De 1563 até 1567, lecionou seu próprio curso de filosofia na Faculdade Jesuíta de Coimbra. De 1568 até 1583, lecionou teologia na Universidade de Évora, que havia sido dada aos jesuítas em 1559. Lá ele lecionou sobre a *Summa Theologiae*, de Tomás de Aquino. Suas palestras sobre a *Prima Pars* e a *Secunda Secundae* compreendiam a base de sua obra *Commentaria in Primam Divi Thomae Partem*, publicada em Cuenca, em 1592, cujos alguns trechos primeiro faziam parte da *Concordia* (1588) e, posteriormente, dos seis volumes do *De iustitia et iure* (1593-1613). (Nota da [IHU On-Line](#)).

² **Domingo de Soto** (1494-1560): foi um frade dominicano e teólogo espanhol e confessor do imperador Carlos V. Foi professor de teologia na Universidade de Salamanca onde integrou a denominada Escola de Salamanca. Em 1545 foi enviado ao Concílio de Trento como teólogo imperial ante a impossibilidade de que fosse o também dominicano Francisco de Vitória. (Nota da [IHU On-Line](#)).

³ **Francisco de Vitória** (1483-1512): teólogo espanhol neoescolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada Escola de Salamanca, sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁴ **Juan de Mariana** (1536-1624): religioso, ensaísta e historiador espanhol nascido em Talavera de la Reina, perto de Toledo. Professor de teologia em Roma, Palermo e Paris, ficou célebre por defender a tese do tiranicídio, em seu livro *De rege et regis institutione (Sobre o rei e a instituição real)*, publicado em 1598. Escreveu, também, o *Discurso de las enfermedades de la Compañía (Discurso sobre a enfermidade da ordem jesuíta)*, publicado postumamente. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁵ **Martin de Azpilcueta** (1492-1586): um dos mais importantes intelectuais do seu tempo. Em 1509 ele começou a estudar filosofia e teologia na Universidade de Alcalá, por ordem do imperador foi para a Universidade de Coimbra (Portugal). (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁶ **Diego Núñez de Avendaño** (1607): ouvidor (juiz) da Real Audiência de Lima, e por um breve período, em 1607, vice-rei interino do Peru. Era advogado do Conselho Real (Reales Consejos). Obteve a permissão do Rei Filipe II (datada de 10 de abril de 1565) para publicar as obras completas de seu pai, com exceção do Tratado de la caza (Tratado de caça, Alcalá, 1543). (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁷ **José de Acosta** (1539-1600): jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol que foi para o Peru em 1571. Desempenhou trabalhos missionários na América, regressando à Espanha em 1587. Escreveu *História natural e moral das Índias*. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁸ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summas*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da [IHU On-Line](#)).

⁹ **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da [IHU On-Line](#)).

¹⁰ **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descobriu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da [IHU On-Line](#)).

Grotius¹¹, Pufendorf¹², Schopenhauer¹³ e Heidegger¹⁴, encontraram motivo para citá-lo como fonte de inspiração e influência.

Suárez enfrenta os problemas concretos da transição entre uma ordem medieval e a moderna, uma ordem política e religiosa particularmente perturbada por debates, conflitos, guerras, tréguas e renovadas hostilidades entre povos europeus, entre confissões cristãs, e em guerras civis marcadas por perseguições dos Tribunais da Inquisição¹⁵, dos Parlamentos e das Coroas, sem falar dos desafios teóricos decorrentes do contato com o ‘Novo Mundo’, com todas as diferenças culturais e ideológicas que significou para dentro e para fora da península ibérica. O século XVII encontra instalada na Europa uma desordem política e uma confusão intelectual, porque nem as confissões religiosas, nem as ideologias nacionais conseguiam dar conta desta nova realidade de descobrimentos. Se faz necessária uma nova fundamentação filosófica, teológica e política que só a erudição deste jesuíta foi capaz de fazer. A obra de Suárez será a elaboração mais completa e sistemática do seu tempo, e a sua influência foi tal que ainda hoje resulta controversa. ■

11 **Hugo Grotius** (1583-1645): jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologetica cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Samuel Pufendorf** (1632-1694): jurista alemão. No campo do direito público, ensina que a vontade do Estado é a soma das vontades individuais que o constituem e que tal associação explica o Estado. Nesta concepção *a priori*, Pufendorf demonstra ser um precursor de Jean-Jacques Rousseau e do “contrato social”. Defende a noção de que o direito internacional não está restrito à cristandade, mas constitui um elo comum a todas as nações, pois todas elas formam a humanidade. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira a revista **IHU On-Line**, edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Inquisição**: é um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, cujo objetivo é combater a heresia. Começou no século XII na França para combater a propagação do sectarismo religioso, em particular, em relação aos cátaros e valdenses. A partir da década de 1250, os inquisidores eram geralmente escolhidos entre os membros da Ordem Dominicana para substituir a prática anterior de utilizar o clero local como juizes. O termo Inquisição Medieval cobre os tribunais ao longo do século XIV. No final da Idade Média e início do Renascimento, o conceito e o alcance da Inquisição foi significativamente ampliado em resposta à Reforma Protestante e Contrarreforma Católica. O seu âmbito geográfico foi expandido para outros países europeus, resultando na Inquisição Espanhola e Portuguesa. A instituição da Inquisição persistiu até o início do século XIX (exceto dentro dos Estados Pontifícios), após as guerras napoleônicas na Europa e depois das guerras hispano-americanas de independência na América. A instituição sobreviveu como parte da Cúria Romana, mas recebeu um novo nome em 1904, de “Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício”. Em 1965, tornou-se a Congregação para a Doutrina da Fé. (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de Estudos

A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras

21 de agosto a
16 de novembro de 2017

Locais: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU,
UNISINOS | Campus São Leopoldo e
UNISINOS | Campus Porto Alegre

*Confira o local individual de cada conferência

Mais informações em ihu.unisinos.br



VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia UNISINOS – Metafísica e Filosofia Prática.

A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois

25 a 28 de setembro de 2017

Programação

25 de setembro (segunda-feira)

16h45min às 18h – *A filosofia prática de Suárez, a lei natural e a determinação concreta do bem moral*

Conferencista: Prof. Dr. Ludger Honnefelder – Universität Bonn – Alemanha

26 de setembro (terça-feira)

Tema: Metafísica

9h às 10h15min – *Ser e representação em Suárez*

Conferencista: Prof. Dr. Olivier Boulnois – École Pratique des Hautes Études – França

10h45min às 12h – *Questões de Metafísica – Sobre as Disputationes metaphysicae de Francisco Suárez*

Conferencista: Prof. Dr. Santiago Sánchez Orrego – Pontificia Universidad Católica de Chile – Chile

14h às 14h45min – *A presença de Suárez na filosofia de Heidegger*

Conferencista: Prof. Dr. Ernildo Jacob Stein – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

27 de setembro (quarta-feira)

Tema: Filosofia Prática (política, direito e ética)

9h às 10h15min – *A justiça e o castigo de acordo com Suárez*

Conferencista: Prof. Dr. Daniel Schwartz – Hebrew University of Jerusalem – Israel

10h45min às 12h – *A ideia de soberania em Francisco Suárez*

Conferencista: Prof. Dr. Pedro Calafate – Universidade de Lisboa – Portugal

14h às 15h15min – *Francisco Suárez sobre a analogia do ser*

Conferencista: Prof. Dr. Victor Salas – Sacred Heart Major Seminary – EUA

15h45min às 17h – *As condições do direito no pensamento jesuíta*

Conferencista: Profa. Dra. Annabel Brett – University of Cambridge – Inglaterra

28 de setembro (quinta-feira)

Tema: A recepção do pensamento de Suárez

9h às 10h15min – *Francisco Suárez na Escolástica Latino-americana*

Conferencista: Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich – Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

10h45min às 12h – *Suárez e os Direitos Humanos*

Conferencista: Prof. Dr. Alfredo Culleton – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

ihu.unisinos.br



Suárez e o início de uma forma secularizada de investigação ontológica, marca da modernidade

Victor Salas contesta algumas percepções mais comuns de pensadores contemporâneos sobre o jesuíta e diz que é preciso compreendê-lo além da metafísica

Patricia Fachin | Tradução: Luís Marcos Sander | Edição: João Vitor Santos

Alguns filósofos de hoje veem Francisco Suárez como “um ‘filósofo puro’ e até ‘mais moderno do que Descartes’”, como destaca o professor Victor Salas. “Na opinião deles, o jesuíta ajudou a pôr fim à forma de fazer teologia cristã da Idade Média e deu início a uma forma secularizada de investigação ontológica que se tornaria a marca da modernidade”, explica. Mas, na entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Salas questiona essa perspectiva. “Embora Suárez seja explícito em suas teses metafísicas, muito mais do que Tomás de Aquino, penso que fatalmente se entenderá seu projeto intelectual equivocadamente se o jesuíta não for considerado apropriadamente como o teólogo que ele é”, pontua.

Salas ainda analisa a percepção do autor acerca da metafísica. “Para Suárez, a metafísica tem como seu objeto propriamente dito o ser na medida em que ele é real (*ens inquantum ens reale*), o que inclui Deus, substâncias e acidentes”, analisa. Assim, o professor apreende a metafísica de Suárez “como uma forma de existencialismo cristão”.

Victor Salas é graduado em estudos medievais, mestre e doutor em Filosofia. Atua como professor associado de Filosofia, especialista em metafísica escolar

medieval e tardia na Sacred Heart Major Seminary, em Detroit, nos Estados Unidos. Suas publicações analisam as obras de Alberto Magno, Boaventura, Tomás de Aquino, Duns Scotus e Francisco Suárez, entre outros. Atualmente, vem se dedicando a pesquisa que visa a estabelecer a afirmação de que a metafísica de Francisco Suárez constitui uma forma de existencialismo cristão. Entre suas publicações, destacamos *A Companion to Francisco Suárez* (Brill, 2015), *Hircocervi and Other Metaphysical Wonders: Essays in Honor of John P. Doyle* (Marquette University Press, 2013) e *John P. Doyle, Collected Studies on Francisco Suárez, S.J. (1548–1617)*, (Leuven University Press, 2010).

O entrevistado apresenta a conferência *Francisco Suárez sobre a analogia do ser* no dia 27 de setembro, às 15h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade de Suárez, 400 anos depois?

Victor Salas – De um ponto de vista acadêmico, tem havido um interesse crescente pela herança inte-

lectual de Suárez ao longo dos últimos anos. Só nos últimos cinco anos, houve vários volumes publicados

pelas editoras Oxford, Cambridge e Brill dedicados à exploração do pensamento filosófico, teológico, moral e jurídico de Suárez.

No início do século XX, com pesquisadores como Étienne Gilson¹, por exemplo, Suárez foi valorizado pelo papel que desempenhou ao transmitir a ontologia grega desde sua transformação na Idade Média até o iluminismo. O papel de Suárez neste caso como veículo de transmissão simplesmente indica a influência mais ampla que a Companhia de Jesus, com suas numerosas universidades e *Ratio Studiorum*², tinha sobre o ensino e aprendizado de modo geral. René Descartes³, por exemplo, que geralmente é reticente a respeito de suas fontes, explica em uma de suas cartas – ainda que de modo um tanto hiperbólico – que “deve tudo à Companhia de Jesus” no tocante à sua educação. É claro que ele só menciona Francisco de Toledo⁴ e Antonio Rubio⁵ pelo nome.

Durante o final do século XX e agora no XXI, o foco da pesquisa passou de uma consideração das doutrinas do próprio Suárez em si e não apenas da influência histórica que elas tiveram. Também tem havido um interesse crescente pelo pensamento metafísico de Suárez (especialmente por sua doutrina da causalidade e liberdade) entre os filósofos analíticos. Como tal, o *Doctor eximius* encontrou um novo público em círculos anglo-americanos. Suárez tem algo a dizer – e geralmente com argumentos muito nuançados e vigorosos – sobre praticamente todos os temas da metafísica analítica contemporânea.

IHU On-Line – Em que consiste sua pesquisa sobre a metafísica de Suárez enquanto um existencialismo cristão?

Victor Salas – Meu estudo de Suárez teve início na Universidade de Saint Louis sob a direção de John P. Doyle⁶, um dos principais pesquisadores da filosofia jesuíta nos Estados Unidos no século passado. Doyle tomou como seu ponto de partida a leitura da história da filosofia de Gilson que sustentava que todos os metafísicos, com a exceção de Tomás de Aquino⁷, sucumbiram a alguma forma de essencialismo em que a noção de existência foi negligenciada ou até excluída positivamente. (Precisamos nos lembrar de que Gilson escreveu durante o *élan* do existencialismo francês em que questões da existência humana passaram para o primeiro plano da preocupação filosófica).

Suárez, na leitura de Gilson, era visto como um essencialista, e o aluno de Gilson, Doyle, seguiu seu exemplo, como se pode ver a partir de sua obra inicial dedicada a Suárez, que tende a ser crítica. Além disso, alguns filósofos contemporâneos, como Alasdair MacIntyre⁸, por exemplo, consideram Suárez um “filósofo puro” e até “mais moderno do que Descartes”. Na opinião deles, o jesuíta ajudou a pôr fim à forma de fazer teologia cristã da Idade Média e deu início a uma forma secularizada de investigação ontológica que se tornaria a marca da modernidade.

Meu trabalho visa contestar essas percepções. Embora Suárez seja explícito em suas teses metafísicas, muito mais do que Tomás de Aquino, penso que fatalmente se entenderá seu projeto intelectual equivocadamente se o jesuíta não for considerado apropriadamente como o teólogo que ele é. Em suas *Disputationes metaphysicae*⁹ de 1597 Suárez é claro: ele pretende se ocupar com a questão do ser como *cristão* e como teólogo, e para isso a metafísica deve ser dirigida, em última análise. Portanto, sustentar que Suárez oferece uma forma secularizada de metafísica simplesmente deixa de apreciar a intenção expressa de seu próprio projeto. Além disso, várias de suas teses metafísicas (p. ex., a distinção racional entre essência e existência) surgem como uma reflexão sobre as exigências teóricas de doutrinas cristãs como a encarnação, por exemplo.

1 **Étienne Gilson** (1884-1978): filósofo e historiador da filosofia e um dos mais destacados autores da filosofia neo-escolástica, especialista no estudo da obra de São Tomás de Aquino. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Ratio Studiorum**: espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios, que busca instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Sua forma definitiva foi promulgada em 8 de janeiro de 1599. A *Ratio* surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão missionária. Constituiu-se numa sistematização da pedagogia jesuíta contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse em matéria filosófica de Aristóteles, e teológica de Santo Tomás de Aquino. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Francisco de Toledo Herrera** (1532-1596): foi um sacerdote jesuíta espanhol e cardeal da Igreja Católica, teólogo e exegeta no período da Reforma Católica. Foi o primeiro cardeal originário da Companhia de Jesus da História da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Antonio Rubio** (1548-1615): expoente exemplar da rigorosa educação escolástica, mas também do gênio audaz de um pensador analítico lógico. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **John Patrick Doyle** (1930): professor emérito de filosofia na Universidade de Saint Louis e Distinguido Professor de Filosofia no Seminário Kenrick-Glennon em Shrewsbury, Missouri; sua principal área de pesquisa é a filosofia tardia medieval; ele publicou sete volumes de traduções do latim, um volume de Estudos Colecionados sobre Francisco Suárez e mais de cinquenta artigos, ensaios e entradas de enciclopédia. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Alasdair Chalmers MacIntyre** (1929): filósofo britânico principalmente conhecido por suas contribuições para a moral e pela filosofia política, mas também é conhecido por suas obras no campo da história da filosofia e teologia. Ele é pesquisador Sênior do Centro de Estudos Contemporâneos Aristotélicos em ética e política (CASEP) na Universidade Metropolitana de Londres, e Professor Emérito da Universidade de Notre Dame. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Disputas Metafísicas** [em latim, *Disputae metaphysicae*]: é uma obra de filosofia escrita por Francisco Suárez em 1597. Como o primeiro trabalho sistemático e abrangente de metafísica escrito no Ocidente que não é um comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles, as *Disputas Metafísicas* têm um lugar único na história da filosofia. Uma das obras mais importantes de Suárez, teve influência imediata e duradoura. Afetou o trabalho dos escolásticos tanto na Europa como na América Latina, bem como filósofos modernos como René Descartes, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Christian Wolff e Arthur Schopenhauer. (Nota da **IHU On-Line**)

Finalmente, embora Suárez não desenvolva sua compreensão do ser na mesma linha de Tomás de Aquino, não acredito que isso o torne menos existencialista. Afinal, se a medida do existencialismo for simplesmente Tomás de Aquino, então, *a priori*, o único existencialista possível só pode ser Tomás de Aquino. Para Suárez, entretanto, o ser (*ens*) é formulado em termos de sua ordem ou relação com a existência (*esse*). Com efeito, o jesuíta chega ao ponto de nos dizer que o ser não pode ser sequer entendido sem tal ordem. Por esta razão, as coisas como, por exemplo, seres de razão que não podem desfrutar de qualquer forma de existência estão excluídos do âmbito da especulação metafísica para Suárez. Em minha opinião, o existencialismo dele é decisivo.

IHU On-Line – O que caracteriza a abordagem epistemológica de Francisco Suárez?

Victor Salas – Suárez, como seus predecessores medievais, continua sendo um realista. Não obstante, como alguns – como José Pereira¹⁰, por exemplo – o veem, o *Doctor eximius* efetivamente ajudou (sem querer) a preparar o caminho para projetos epistemológicos dos primórdios da Modernidade. Uma distinção comum na época de Suárez é a distinção entre conceito formal e objetivo. Em termos simples, o conceito formal é o ato da mente ao visar a algum objeto. O conceito objetivo, em contraposição a isso, é a própria coisa a que o intelecto visa.

Com efeito, o conceito objetivo não é, em absoluto, um “conceito”, diz Suárez, mas é designado como tal através de uma denominação extrínseca em referência ao agente cognitivo. Além disso, visto que a metafísica tem como seu objeto adequado o conceito objetivo de ser, Suárez deixa claro que pretende que essa ciência trate de coisas reais.

¹⁰ **José Pereira** (1931-2015): estudioso do sânscrito, historiador, musicologista, escritor, linguista e artista da Goa, na Índia. (Nota da **IHU On-Line**)

Não obstante, ele nos diz que o conceito formal é produzido por nós (o agente cognitivo), é mais cognoscível (*notior*) para nós. Como tal, ele pretende determinar algo sobre a natureza do conceito objetivo (a realidade) recorrendo ao conceito formal (um ato do pensamento). Tendo em vista que, para Suárez, há um paralelo simétrico entre a realidade e o pensamento, o jesuíta consegue manter uma orientação realista, mas para outros, como Descartes, por exemplo, já podemos ver como o pensamento vai acabar servindo de determinação do ser.

IHU On-Line – Que relações Suárez estabelece entre analogia e univocidade, e transcendentalidade e supertranscendentalidade?

Victor Salas – A melhor forma de responder essa pergunta é voltando-se à natureza da metafísica, como Suárez a interpreta em relação a seu objeto propriamente dito. Para Suárez, a metafísica tem como seu objeto propriamente dito o ser na medida em que ele é real (*ens inquantum ens reale*), o que inclui Deus, substâncias e acidentes. Aquilo em que todos esses seres concordam é sua relação com a existência. Mas como a existência se encontra de diversas maneiras entre esses seres, o objeto da metafísica (o ser) é intrinsecamente analógico. Suárez desenvolve sua teoria metafísica da analogia do ser em contraposição a Duns Scotus¹¹, que sustentava que o conceito de ser é unívoco. Visto que o ser diz respeito, em primeiro lugar e antes de mais nada, a Deus e, de modo derivado, às criaturas, Suárez, discordando de Scotus, pensa que o ser não tem a indiferença exigida pela univocidade.

¹¹ **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbitrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-line**)

Além disso, já que o ser se estende a todas as coisas reais (desde Deus até os acidentes), o ser tem um caráter transcendental ou é, como Suárez o formula, “imanentemente transcendente”. A única coisa excluída do conceito de ser são seres de razão, isto é, aquelas coisas que só têm o ser de serem pensadas (*esse cognitum*) em contraposição ao ser real (*ens reale*). Visto que Suárez exclui o pensável (*ens rationis*) do objeto da metafísica, ele rejeita, com isso, uma concepção supertranscendental da metafísica, que abarcaria não só o ser real, mas também o pensável, transcendendo o transcendente de modo a se tornar supertranscendental. Enquanto outros escolásticos, como Joannes Clauberg¹² ou Clemens Timpler¹³, queriam levar a metafísica nessa direção, Suárez permanece firmemente postado no ser real.

IHU On-Line – Em que sentido a doutrina da analogia se diferencia da analogia em Tomás de Aquino e da univocidade em Duns Scotus?

Victor Salas – Já toquei nesse assunto um pouco mais acima. Em termos simples, penso que Suárez se enquadra entre Tomás de Aquino e Duns Scotus em relação à univocidade e analogia. Como Scotus, Suárez está preocupado em preservar a unidade absoluta do conceito de ser pela razão de que a ciência aristotélica – com a qual Suárez está comprometido na articulação de sua metafísica – exige um termo médio unificado em suas demonstrações silogísticas.

Essa exigência foi a própria razão pela qual Scotus recorreu à univocidade, como ele nos diz explicitamente na *Ordinatio*. Tendo em vista que a doutrina da analogia de Tomás de Aquino, como salienta Suárez, enfatiza a vasta diversidade do

¹² **Johannes Clauberg** (1622-1665): teólogo e filósofo alemão. Clauberg foi o reitor fundador da primeira Universidade de Duisburg, onde ensinou de 1655 a 1665. Ele é conhecido como “cartesiano escolástico”. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Clemens Timpler** (1563-1624): filósofo, físico e teólogo alemão. Junto com Jakob Degen (1511-1587), é considerado o metafísico protestante mais importante. (Nota da **IHU On-Line**)

ser de acordo com seus vários graus de relação causal ou participação, a possibilidade de reter um conceito unificado do ser parece ameaçada e, junto com ela, a ciência metafísica.

Por conseguinte, Suárez insiste que o conceito de ser é absolutamente unificado. Mas ele não infere disso o caráter unívoco do conceito, como fez Scotus, pela razão de que o conceito de ser descende de modo desigual para suas *inferiora*: primeiro para Deus e secundariamente para as criaturas. Por causa dessa relação de prioridade e posterioridade que é intrínseca ao próprio conceito de ser, Suárez sustenta que o conceito de ser é analógico.

IHU On-Line – Por que o conceito de “analogia” é fundamental para a metafísica?

Victor Salas – Se o objeto da metafísica é o ser e o ser é dito de muitas maneiras (isto é, analogicamente), a analogia estará no próprio cerne do desdobramento da metafísica. Não é surpreendente, portanto, encontrar Suárez recorrendo à analogia na vigésima oitava disputa, em que ele passa de uma consideração do ser em geral para uma consideração de várias espécies ou modos de ser (ser infinito-finito, substância, acidentais, etc.).

IHU On-Line – Qual é a abordagem de Suárez ao problema metafísico da essência versus existência?

Victor Salas – Diferentemente de seus predecessores tomistas e scotusistas, Suárez pensa que não há qualquer distinção entre essência e existência nas criaturas. A única distinção que pode ser admitida é uma distinção que surge através da operação do intelecto. Além disso, creio que a razão para seu compromisso com essa tese provém de seu compromisso teológico com uma criação *ex nihilo* [a partir do nada]. Isto é, a doutrina cristã sustenta que Deus cria a partir de absolutamente nada, o que significa que não há um material ou substrato subjacente a

partir do qual Deus cria.

A preocupação de Suárez é de que se qualquer distinção intervier entre essência e existência, então de algum modo cada termo desfrutaria de sua própria realidade metafísica sem o outro. A essência teria, então, alguma espécie de ser antes de receber a existência no ato da criação. Mas se a essência tem qualquer espécie de realidade, seja qual for, então não se pode sustentar que Deus cria a partir do nada e, assim, toda a teoria cristã da criação se deforma. Este tema metafísico específico, como é o caso de muitos outros para Suárez, é diretamente governado por seus compromissos teológicos cristãos, o que, mais uma vez, é a razão pela qual vejo sua metafísica como uma forma de existencialismo cristão.

IHU On-Line – Quais são os limites da metafísica escolástica jesuíta?

Victor Salas – Isso depende do que significa “jesuíta”, pois penso que esse termo está longe de ser monolítico. A metafísica jesuíta nos séculos XVI e XVII permaneceu realista no sentido de que considerava que o ser real como tal era a preocupação da metafísica. Suárez, como mencionei acima, era explícito em excluir *entia rationis* (isto é, seres de razão) do objeto da metafísica. Muitos outros metafísicos jesuítas de modo geral tinham uma concepção semelhante, mas, à medida que a escolástica jesuíta progrediu, houve uma passagem gradativa para uma compreensão do ser que incluía não só o ser real, mas também seres de razão ou objetos impossíveis.

Assim, alguns pensadores jesuítas posteriores, como Thomas Compton Carleton¹⁴, Maximilian

Wietrowski¹⁵, Andreas Semerey e outros, falaram prontamente sobre o “ser supertranscendental”: aquele ser que transcende até o ser transcendental (isto é, o ser real) de modo a abarcar o pensável e o impossível. John Doyle chegou ao ponto de sugerir que teorias jesuítas da transcendentalidade podem muito bem ter ajudado a gerar a noção kantiana de *Gegenstand überhaupt* [objeto em geral]. Neste tocante, então, o limite da metafísica escolástica jesuíta, ao menos para estes últimos jesuítas, é bem literalmente nada!

IHU On-Line – Ao longo do século XX – e, de certo modo, atualmente – a metafísica sofreu duras críticas e viu sua legitimidade ameaçada. Qual é o sentido de continuar estudando metafísica nos dias de hoje?

Victor Salas – Esta pergunta me lembra a observação incisiva de Étienne Gilson de que a metafísica sempre sepultou seus agentes funerários. Isso tem sido visto repetidamente ao longo de toda a história da filosofia, em que vários filósofos, logo depois de anunciar o fim ou a morte da metafísica, recaem em um modo metafísico de lidar com questões filosóficas. Neste caso só precisamos pensar no recurso de Kant¹⁶ aos númenos ou na celebração da

¹⁵ **Maximilian Wietrowski** (1660-1737): jesuíta, teólogo, trabalhou com estudos sobre cismas e heresias. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ **Thomas Compton Carleton** (1591 – 1666): sacerdote jesuíta inglês, e filósofo escolástico. Foi considerado um dos melhores escolásticos de seu tempo, apesar da decadência da filosofia escolástica em seu século. Já no prólogo de seu principal trabalho, *Philosophia Universa* promete evitar certos abusos que na realidade eram, em vários graus, obscurecidos livros e classes de filosofia escolar, como o estudo excessivo e prolongado da dialética com uma grande confusão de noções abstratas, a determinação desordenada de argumentar ou ergotizar como se fosse lançar mais para demolir do que construir. (Nota da **IHU On-Line**)

vontade de poder ou potência de Nietzsche¹⁷. O próprio esforço de destruir a metafísica é ele mesmo um ato metafísico.

Há, naturalmente, pensadores, em sua maioria pensadores pós-modernos, seguindo na esteira de Heidegger¹⁸, que procuram liberar a compreensão do ser de uma estrutura metafísica. Para eles, o ser deve ser reformulado em termos de um contexto hermenêutico. Tudo bem com isso, mas não estou convencido de que esse projeto seja qualquer outra coisa do que aquilo que a tradição medieval (incluindo Suárez) já tinha realizado. Como mostra qualquer texto de Tomás de Aquino até Suárez, o ser não é algo apresentado de modo transparente para o intelecto, mas

precisa ser interrogado.

É-nos dito que *agere sequitur esse* [o agir se segue ao ser], o que quer dizer que o ser só pode ser conhecido à medida que se revela a nós em suas ações. Mas essa revelação sempre é gradativa e contextualizada por um horizonte hermenêutico maior de inquirição. Os medievais e os escolásticos barrocos apreciavam esse caráter “hermenêutico” do ser, por assim dizer, mesmo que não se referissem explicitamente a ele como tal. Esta é a razão pela qual penso que qualquer pessoa interessada em questões metafísicas estaria bem servida recorrendo não apenas a Suárez, mas à tradição medieval e escolástica tardia em geral.

IHU On-Line – Ainda faz sentido estudar as *Disputationes metaphysicae* de Francisco Suárez? Por quê? Quais partes da *Disputationes metaphysicae* são mais importantes e fazem sentido de serem lidas contemporaneamente?

Victor Salas – Como historiador da filosofia, sempre faz perfeitamente sentido estudar textos filosóficos de valor histórico significativo. As *Disputationes metaphysicae* certamente são um texto assim, como até filósofos modernos como Leibniz¹⁹ e Wolff²⁰ nos dirão. A história da filosofia é como uma longa conversa que vem se desenvolvendo, fluindo e mudando ao longo dos milênios. Para apreciar o discurso atual, sempre é útil saber que problemas filosó-

ficos ou decisões filosóficas nos levaram ao ponto em que estamos agora. Para ser franco, às vezes certos pontos de vista filosóficos levam a becos sem saída. Quando isso acontece, é útil dar marcha-à-ré e ter outras possibilidades de discurso à disposição. Ler os textos filosóficos que servem de pontos de referência na história da filosofia (incluindo as *Disputationes metaphysicae*) sempre ajuda a manter aberta nossa opção.

Quanto às partes que são importantes, penso que, como Suárez veria isso, todas elas são. Suárez, como nos diz no prefácio às *Disputationes metaphysicae*, rompeu com a tradição comentarista de estudos dedicados à *Metafísica*²¹ de Aristóteles. Assim, ele desenvolveu a metafísica de acordo com a lógica e as exigências interiores da própria metafísica. Em sua obra há uma ordem e sistematicidade que não tinham paralelos na época. Assim, é só com alguma dificuldade que se poderia mergulhar em uma porção aleatória das *Disputationes metaphysicae* e não ficar rapidamente desorientado. É claro que ler a obra toda – todas as 2 mil páginas com duas colunas – é uma tarefa assustadora. Mas isso também se aplica à própria composição da obra, o que Suárez fez no espaço de um ano. Penso que certamente vale a pena fazer o esforço de atacar a obra toda, mesmo que fazer isso levasse mais de um ano! ■

17 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra*, *O anticristo* e *A genealogia da moral*. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biogismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biogismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Osvaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em Formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biogismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biogismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Metafísica**: série de tratados escritos por Aristóteles (século 4 a.C.), organizados em um conjunto de 14 livros após a morte do filósofo por Andrônico de Rodes, que também deu o título de *Metafísica* ao conjunto. O termo metafísica jamais é empregado por Aristóteles em nenhum desses livros, ele usa a expressão filosofia primeira, ciência das causas primeiras, dos primeiros princípios e da finalidade de tudo o que é, enquanto é. Trata-se de uma das principais obras aristotélicas e o primeiro grande trabalho sobre a própria metafísica. Seu objeto de investigação não é qualquer ser, mas o ser enquanto ser geral, ou seja, o que pode ser afirmado sobre qualquer coisa que existe por causa de sua existência e não por causa de algum atributo que essa coisa tenha. A obra também aborda os diferentes tipos de causas, forma e matéria, a existência dos objetos matemáticos e de Deus. Ela estuda o inteiro, o geral e não apenas as partes, e isso não se resume ao transcendente. Em *Metafísica*, Aristóteles define as quatro causas das coisas: causa formal, causa material, causa eficiente e causa final. (Nota da **IHU On-Line**)

Suárez para além da conservação ou superação do medieval

Para Olivier Boulnois, o pensador não rompe com o Renascimento e “beneficia-se da literatura, do pensamento, das descobertas renascentistas” em meio à transição entre Idade Média e Era Moderna

Patricia Fachin | Tradução: Vanise Dresch | Edição: Vitor Necchi

36

Ao refletir sobre a importância e o alcance do pensamento de Francisco Suárez, o filósofo francês Olivier Boulnois afirma que se trata de “um dos grandes pensadores da escola jesuíta” ainda no início da existência da ordem religiosa que, naquele tempo, acabava de surgir. Suárez também se engajou nos combates intelectuais de sua época, entre eles o direito de rebelião contra os tiranos, a relação entre o Papa e os soberanos e o fundamento do direito natural. “Foi certamente o maior metafísico de sua época”, classifica Boulnois em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Boulnois prossegue em sua análise. No século 19, a obra de Suárez passou por um processo de reedição, “como uma espécie de manual de filosofia tomista”. Nos primeiros 60 anos do século 20, “houve uma desafeição por Suárez porque se queria voltar ao Tomás histórico e se percebeu que Suárez se distanciava dele em vários pontos essenciais”. Até que, nos 40 anos restantes do século, “Suárez começou a ser estudado em si mesmo, e se descobriu toda a sua originalidade e a sua potência positiva”.

Frente à questão se Suárez conserva ou supera elementos da tradição medieval, Boulnois afirma que, na realidade, “a oposição entre a Idade Média e a Era Moderna é uma construção historiográfica de alguns humanistas, mas a maioria dos intelectuais da época ignora isso, e Suárez não adota essa oposição”. Suárez não rompe com o Renas-

cimento e “beneficia-se da literatura, do pensamento, das descobertas renascentistas, mas não tem a consciência de pertencer à Era Moderna, de ter rompido com a Idade Média”.

Olivier Boulnois é um filósofo francês, especialista em filosofia medieval. Defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Poitiers. É diretor École Pratique des Hautes Etudes e professor do Instituto Católico de Paris, onde ensina religião e filosofia cristã na Idade Média. Publicou vários livros, entre eles *Metafísicas rebeldes – Gênese e estruturas de uma ciência na Idade Média* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015 – obra lançada originalmente na França pela editora PUF, em 2013), *Philosophie et théologie. Anthologie. Tome 2, le Moyen Âge* (Paris, le Cerf, 2009 – organização da obra e redação de 12 capítulos), *Lire le Principe d'individuation de Duns Scot* (Paris, Vrin, 2014) e *Au-delà de l'image* (Paris: Seuil, 2008).

O entrevistado apresenta a conferência *Ser e representação em Suárez* no dia 26 de setembro, às 9h, no campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade da filosofia de Suárez, 400 anos depois?

Olivier Boulnois – A meu ver, julgar um autor por sua atualidade é ditar-lhe inconscientemente a *nossa*

atualidade e considerar que somos a medida de todas as coisas. Ora, o que parece mais importante é justamente

“Suárez foi um dos grandes pensadores da escola jesuíta, ordem religiosa que acabava de surgir e que encontrou um sucesso impressionante”

pararmos de olhar para o nosso próprio umbigo, é ouvir o que um autor tem de mais original e de mais inatual. Qual é a originalidade inatual de Suárez? Ele desenvolveu uma grande especulação que se caracteriza pelo fato de se manter uma escolástica na era moderna.

A escolástica supõe um ensino institucional, universitário, de certas disciplinas (lógica, filosofia, teologia). Para ela, a reflexão filosófica assenta-se numa importante base lógica e busca uma harmonização com a teologia (cristã). Apoiava-se nas grandes autoridades da filosofia (a começar por Aristóteles¹), elaborando um discurso racional e coerente.

Ao mesmo tempo, Suárez pertence plenamente à época moderna. Foi um dos grandes pensadores da escola jesuíta, ordem religiosa que acabava de surgir e que encontrou um sucesso impressionante. Foi também um autor que se engajou nos combates intelectuais de sua época: o direito de rebelião contra os tiranos, a relação entre o Papa e os soberanos, o fundamento do direito natural, as querelas *De auxiliis*² (so-

bre a graça e o livre arbítrio) etc.

Cabe assinalar que a escolástica moderna (não somente Suárez) constitui uma base escolar conhecida por todos os grandes filósofos modernos (Descartes³, Hobbes⁴, Malebranche⁵, Leibniz⁶ etc.) e que, sem isso, passamos ao

largo de uma dimensão importante da filosofia moderna. Como essa dimensão permaneceu amplamente inexplorada, o estudo da escolástica moderna deveria revolucionar a história da filosofia moderna. Na verdade, Suárez foi certamente o maior metafísico de sua época (1548–1617). Suas *Disputationes metaphysicae*⁷ influenciaram muito não somente a filosofia, mas também a teologia católica, até mesmo a teologia protestante, mediante a *Schulmetaphysik* alemã.

Alcançamos agora uma nova fase da compreensão do pensamento de Suárez. No século 19, ele foi reeditado como uma espécie de manual de filosofia tomista. Acreditava-se poder harmonizar São Tomás de Aquino⁸ com Suárez: ambos conciliavam supostamente Aristóteles com a fé cristã, e Suárez parecia fazê-lo seguindo o espírito de São Tomás de Aquino. Inversamente, nos primeiros 60 anos do século 20, houve uma desafeição por Suárez porque se queria voltar

1 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Querelas de auxiliis**: conforme José Jacinto Ferreira de Farias, scj, (*Antropologia e Graça – Ser cristão hoje*, Lisboa: Universidade Católica Editora), depois do Concílio de Trento, a questão que vai ocupar a teologia é a relação entre a graça e a liberdade, ou seja, qual o lugar da liberdade perante o primado absoluto da iniciativa salvífica de Deus. Este foi o tema das querelas *de auxiliis* que puseram em confronto dominicanos e jesuítas sobre esta questão: como conciliar a relação entre a

graça e a liberdade, como salvaguardar a sua gratuidade, como ver a graça não como grandeza em concorrência com a liberdade, mas como força de comunhão divina que suscita a liberdade? (Nota da **IHU On-Line**)

3 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Thomas Hobbes** (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela professora Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 6-10-2008. O material está disponível em <https://goo.gl/UMRVFg>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Nicolas Malebranche** (1638-1715): filósofo francês. Sua principal obra é *De la recherche de la vérité* (Da procura da verdade), que trata da natureza do espírito humano e do que o homem deve fazer para evitar o erro nas ciências. Foi publicada em três volumes, o primeiro em 1674 e os outros dois em 1675. Malebranche critica os filósofos que estudam as relações da alma com o corpo, sem considerar sua união com Deus. Segundo ele, o enfraquecimento das relações da alma com Deus foi consequência do pecado original, que fortaleceu a relação alma-corpo. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de

hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Disputas Metafísicas** [em latim, *Disputae metaphysicae*]: é uma obra de filosofia escrita por Francisco Suárez em 1597. Como o primeiro trabalho sistemático e abrangente de metafísica escrito no Ocidente que não é um comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles, as *Disputas Metafísicas* têm um lugar único na história da filosofia. Uma das obras mais importantes de Suárez, teve influência imediata e duradoura. Afetou o trabalho dos escolásticos tanto na Europa como na América Latina, bem como filósofos modernos como René Descartes, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Christian Wolff e Arthur Schopenhauer. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

ao Tomás histórico e se percebeu que Suárez se distanciava dele em vários pontos essenciais (o sentido da analogia do ser, o papel da inspiração divina na ação da graça etc.). Mas, nos últimos 40 anos, Suárez começou a ser estudado em si mesmo, e se descobriu toda a sua originalidade e a sua potência positiva. Para isso, é preciso entender que ele traz respostas aos debates contemporâneos, especialmente aos teólogos espanhóis e portugueses de seu tempo. Estes últimos precisam ser lidos para compreendermos a posição de Suárez! Percebemos, contudo, que ele não é o mais inovador dos pensadores escolásticos.

IHU On-Line – A abordagem suareziana sobre o ser conserva elementos da tradição medieval e a supera ao mesmo tempo?

Olivier Boulnois – Na realidade, a oposição entre a Idade Média e a Era Moderna é uma construção historiográfica de alguns humanistas, mas a maioria dos intelectuais da época ignora isso, e Suárez não adota essa oposição. Para um autor escolástico como Suárez, não houve ruptura com o Renascimento. Obviamente, Suárez beneficia-se da literatura, do pensamento, das descobertas renascentistas, mas não tem a consciência de pertencer à Era Moderna, de ter rompido com a Idade Média. São nossos manuais que criam uma ruptura, mas o tempo é contínuo. Assim, Suárez se situa nessa continuidade. Ele recolhe toda a aquisição da escolástica, apoiando-se em Aristóteles, mas também em todos os grandes escolásticos: Tomás de Aquino, Duns Scotus⁹, Ockham¹⁰, Durand de Saint-Pour-

çain¹¹ etc. A partir dessas autoridades, ele constrói de maneira muito delicada sua própria posição, que sempre é sutil e equilibrada, muitas vezes até mesmo diplomática quando se esforça para conciliar autores discordantes.

IHU On-Line – Quais as principais influências de Tomás de Aquino, de Scotus e de Ockham presentes na abordagem metafísica de Suárez?

Olivier Boulnois – Uma das grandes dificuldades da obra de Suárez é o seu manejo do raciocínio e da autoridade: Suárez apresenta com frequência uma tese filosófica próxima de Scotus ou de Ockham, citando ao mesmo tempo Tomás de Aquino. Isso se explica pela situação institucional: em razão do seu papel de professor nas maiores universidades jesuítas (Valladolid, Roma, Alcalá, Coimbra), Suárez tem de manter viva a escola jesuíta, tendo então de responder às objeções de seus contemporâneos (jesuítas, dominicanos ou franciscanos) pela argumentação. Mas precisa também proteger a autoridade do “doutor comum”, Tomás de Aquino. Sua obra tem, portanto, um lado eclético que foge às classificações. É por essa razão que parece impossível dizer globalmente se Scotus, Ockham ou Tomás de Aquino prevalecem em seu ensino. Em todo caso, os três estão presentes. E no que diz respeito ao campo que estudei, o da metafísica, parece claro que Suárez se insere numa problemática de Duns Scotus.

IHU On-Line – Em que con-

necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas e, portanto, produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias, foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Guillaume Durand de Saint-Pourçain** (1270-1332 ou 1334): filósofo escolástico e teólogo francês, conhecido por rejeitar certas teses filosóficas de Tomás de Aquino. Pertencia à Ordem Dominicana. Doutorou-se em Teologia em Paris em 1313. É autor de um comentário sobre as Sentenças de Pierre Lombard, objeto de numerosas edições desde 1508, bem como de vários tratados teológicos em latim. Escreveu um tratado em latim sobre o poder temporal dos reis, mencionado pelo dominicano Jacques Echard. (Nota da **IHU On-Line**)

siste a doutrina da metafísica em Suárez e quais são seus principais elementos?

Olivier Boulnois – É justamente por isso que Suárez se insere na linha de Scotus, que levanta uma questão nova, que não era a mesma de Tomás de Aquino: é possível abarcar o ser num único conceito? Essa é a famosa questão da univocidade do ser. Para Duns Scotus, esta é a condição da metafísica como ciência: existe ciência somente se todas as conclusões nela demonstradas se apoiarem em um conceito único. Se o ser não fosse um único conceito, mas vários, não haveria uma relação entre o conhecimento das criaturas e o conhecimento de Deus, ou entre a percepção dos acidentes e o conhecimento da substância, que fosse maior do que aquela existente entre o cão, animal que late, e a constelação celeste do cão. A principal consequência dessa análise é o fato de haver uma ciência universal do ser enquanto ser que precede a ciência particular de Deus, que é um ser dentre outros. Em termos modernos, a ontologia precede a teologia (filosófica).

Em Suárez, isso é mais complexo, mas, estruturalmente, ele admite a ideia de que a metafísica diz respeito ao ser enquanto ser; ela é anterior e fundadora de todo o resto, enquanto o conhecimento de Deus é apenas uma parte dela. Em suma, em suas *Disputationes metaphysicae*, mesmo citando abundantemente Tomás de Aquino, Suárez defende a ideia de que a metafísica é, em primeiro lugar, uma “ciência geral”, o que denominamos “ontologia”. Assim, ele desvincula Tomás de Aquino da doutrina da participação, segundo a qual todo ente participa do ser conforme a capacidade que sua essência finita lhe dá. Acreditou-se durante muito tempo que o conceito de ontologia derivava de Suárez por ele lhe conferir sua fundação metafísica mais contundente. Mas, posteriormente a outros trabalhos, mostrei que a ontologia emerge de um movimento muito mais amplo, por volta de 1600, e que Suárez é apenas uma peça do quebra-cabeça. A palavra *ontologia* surge em 1606, na escolástica pro-

⁹ **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-line**)

¹⁰ **William de Ockham** (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, *Ockham's Razor*), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem

testante, num diagrama de Lohrard¹² (que esquematiza o pensamento de Timpler¹³). Não há referência a Suárez (as *Disputationes metaphysicae* são de 1597, e a primeira edição “protestante”, de 1605), mas Timpler apoia-se em outro escolástico, Perera. É somente Goclenius¹⁴, em 1609, que associa a *ontologia* a Suárez.

IHU On-Line – Em seu livro *Metafísicas rebeldes*, ao tratar da metafísica medieval, o senhor usa o termo “metafísicas medievais”, no plural. Quais são essas metafísicas? Por quais razões na Idade Média existia uma diversidade de metafísicas? O objeto da metafísica é distinto para os filósofos desse período?

Olivier Boulnois – Em *Metafísicas rebeldes*¹⁵, eu quis mostrar a grande riqueza da filosofia medieval. É claro, há uma problemática em comum, a tentativa de tirar uma ciência unificada dos 14 livros de Aristóteles, que recebemos com o título de *Meta Physika* (“depois das realidades físicas”). Mas esta se desdobra em uma vasta diversidade de interpretações, dependendo se a prioridade é dada à ciência de Deus, àquela das causas ou à do ser (para simplificar). Principalmente, pareceu-me que havia famílias de pensamento que respondiam a tipos de matrizes de teses, permitindo mostrar que a história de todas essas metafísicas tinha certa lógica. Mas evito falar do sentido da história: essa sucessão comporta uma parte de acaso, de contingência, que é impossível eliminar. Podemos dizer que novas reflexões dão origem a novas fases da metafísica, mas também

12 **Jacob Lorhard** (1561-1609): filósofo e pedagogo alemão. Em 1606, publicou *Ogdoas scholastica*, obra que continha a palavra “ontologia”, sendo provavelmente a primeira aparição da palavra em um livro. Usou “ontologia” como sinônimo de “metafísica”. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Clemens Timpler** (1563-1624) filósofo, físico e teólogo alemão. Junto com Jakob Degen (1511-1587), é considerado o metafísico protestante mais importante. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Rudolf Goclenius** (1547-1628): filósofo escolástico alemão. Sua maior contribuição à ciência foi a invenção do termo “psicologia” em 1590. Teve uma contribuição muito significativa para o campo da ontologia. (Nota da **IHU On-Line**)

15 *Metafísicas rebeldes – Gênese e estruturas de uma ciência na Idade Média*, de Olivier Boulnois (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015).

que posições mais antigas continuam coexistindo com as mais recentes.

Identifiquei três grandes famílias de metafísicas que correspondem a três modelos: um modelo abertamente teológico, um modelo misto e um modelo transcendental.

O modelo *teológico* baseia-se tanto nas declarações de Aristóteles quanto na especulação neoplatônica. A ciência principal, na obra intitulada *Metafísica*, é a “ciência teológica”, que é por excelência a ciência que Deus tem de si mesmo, uma ciência que nos escapa por completo. O neoplatonismo vê nela a culminância da existência humana e associa a ela uma dimensão de exercício espiritual.

O modelo *misto* assenta-se na doutrina da participação e supõe que todo conhecimento de um ser finito é uma maneira de se aproximar tendencialmente do conhecimento de Deus, ser puro e transcendente. Nesse modelo, a ciência do ser é inseparável de uma abordagem da ciência de Deus e, ao mesmo tempo, Deus está infinitamente além de tudo o que podemos pensar.

O modelo *transcendental* vê na metafísica a ciência do ente como conceito “transcendental”, isto é, um conceito que transcende todos os limites físicos e gerais, um conceito que pode ser dito de todas as coisas, finitas ou infinitas. Nesse modelo, a ciência do ser é fundamental; ela é anterior e distinta da ciência de Deus. Em troca, este é incluído no alcance do conceito de ser, não podendo mais estar absolutamente além do ser ou além do pensamento.

IHU On-Line – Como surge a oposição entre a metafísica comum (*metaphysica communis*) e a metafísica especial (*specialis*)?

Olivier Boulnois – Aqui também o espantoso é que essa evolução ultrapassa os indivíduos. A guinada começa com Henri de Gand¹⁶ (o grande te-

ólogo da Universidade de Paris depois de Tomás de Aquino, no último quarto do século 13), mas continua com Duns Scotus, por volta de 1300, e é objeto de um importante debate entre os pós-scotusistas do século 14 (Pierre d’Auriele, Ockham, Nicolas Bonet). Tenho muita expectativa em relação à edição crítica do *Scriptum Metaphysicae* de Thomas d’York (por volta de 1260), que já parece tomar esse rumo, mas que é ainda essencialmente inédita.

Henri parte da ideia de que o primeiro conceito que podemos pensar é o do ser. Temos, portanto, uma espécie de metafísica implícita, um conhecimento do ser enquanto ser. Mas a metafísica examina explicitamente esse conceito, postulando que é o primeiro e o mais universal. Existe, pois, uma ciência “transcendental” (*transcendens*) ou “comum” do ser, anterior ao conhecimento de Deus. Reciprocamente, para pensar Deus, acrescentam-se ao ente propriedades “específicas” (*speciales*), como, por exemplo, a infinitude, a necessidade de existir etc. É preciso então articular uma ciência comum do ser com uma ciência especial de Deus. Na verdade, Scotus vislumbra essas duas dimensões, mas somente de maneira provisória: se essa hipótese fosse levada a sério, seria necessário dividir a metafísica em duas ciências distintas, a ciência comum e a ciência especial. Porém, Scotus não ousa infringir a autoridade de Aristóteles, que fala de uma ciência suprema única. Até mesmo Suárez faz isso de uma maneira indireta e hesitante. É justamente apenas com a invenção da *ontologia* na escolástica protestante que a ontologia e a teologia natural podem ser claramente separadas.

IHU On-Line – Ainda em seu livro *Metafísicas rebeldes*, o senhor diz que a metafísica assume sempre a estrutura de uma onto-teo-logia. Como essa estrutura se manifesta na abordagem metafísica de Suárez?

Olivier Boulnois – Veremos essa questão durante o Colóquio [VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Me-

tafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois]. Digamos desde já que Suárez herda a problemática scotista (pertencente ao terceiro modelo de metafísica), esforçando-se ao mesmo tempo para ajustá-la à autoridade de Tomás de Aquino (pertencente ao segundo modelo), o que resulta em uma posição extremamente sutil, complexa e, às vezes, desviada.

IHU On-Line – Por que, para o senhor, a metafísica é, de um lado, um exercício espiritual e, de outro, está enraizada em uma reflexão teórica?

Olivier Boulnois – Isso fica muito claro no início da história da metafísica, tornando-se mais implícito depois. Simplesmente, na tradição neoplatônica (operante no primeiro modelo de metafísica), a especulação teórica culmina na união com o primeiro Princípio. Ela prossegue, dizem esses autores, com uma mística ou uma visão de Deus (*epopteia*). Mas então o que era, desde a Escola de Alexandria¹⁷, uma progressão na ordem da formação e uma hierarquia das disciplinas filosóficas (ética, física, mística ou epóptica) torna-se a progressão da vida espiritual de acordo com três etapas, as quais se tornarão, de Denis

[ou Dinis]¹⁸ a João da Cruz¹⁹, as três vias espirituais: purificação, iluminação e união. Há, então, um exercício ético prévio à metafísica, mas que ainda opera quando esta se realiza. Fazer metafísica é também trabalhar para transformar a si mesmo.

IHU On-Line – Alguns filósofos identificam nas obras de Duns Scotus, Ockham e Suárez o início da modernidade. Essa afirmação é correta? Especificamente em relação à obra de Suárez, quais suas contribuições para a modernidade?

Olivier Boulnois – A que modernidade nos referimos? Há a modernidade na pintura, sobre a qual mostrei em outro livro²⁰ que devemos partir da experiência de Brunelleschi²¹, pois ela constitui a verdadeira certidão de nascimento da perspectiva artificial (por volta de 1401). Tem a modernidade em astronomia, da qual a revolução copernicana²² é certamente um ato de rup-

tura (por volta de 1543). Do ponto de vista religioso, a ruptura do protestantismo é importante, embora sua data não seja clara (em 1517 ou 1521 a excomunhão de Lutero²³?). Mas onde está a modernidade na filosofia? Ao mesmo tempo em que é possível situá-la em áreas epistêmicas precisas, a questão é muito mais difícil em filosofia. Se nos concentrarmos na metafísica, a ruptura da *metaphysica generalis* é importante e, nesse caso, do ponto de vista estrutural, o momento em que isso se decide é indiscutivelmente a guinada scotista (por volta de 1300). Ockham e Suárez inserem-se nessa estrutura, pois não a questionam fundamentalmente. Mas a denominação vem bem depois, em 1606: é a *ontologia*... Se nos concentrarmos na parte imersa do iceberg, na estrutura comum, podemos dizer que a articulação entre metafísica geral e metafísica especial reinou de Duns Scotus a Kant²⁴. O historiador J. le Goff²⁵ defendia uma longa Idade Média que incluía a Modernidade até o

Sistema Solar, contrariando a então vigente Teoria Geocêntrica, que considerava a Terra como o centro. Trata-se de uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia. (Nota da IHU On-Line)

²³ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. (Nota da IHU On-Line)

²⁴ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da IHU On-Line)

²⁵ **Jacques Le Goff** (1924): medievalista francês, formado em história e membro da Escola dos Annales. Presidente, de 1972 a 1977, da VI Seção da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), foi diretor de pesquisa no grupo de antropologia histórica do Ocidente medieval dessa mesma instituição. Entre outras altas distinções, Le Goff recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pela primeira vez atribuída a um historiador. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ **Escola de Alexandria**: passou a ser, de uma instituição qualificada, uma designação coletiva para certas tendências em literatura, filosofia, medicina e nas ciências que se desenvolveram no centro cultural helenístico de Alexandria, no Egito, durante os períodos helenístico e romano. A partir dela, surgiriam grandes nomes que seriam lembrados e referenciados como, por exemplo, Apolônio de Perga (matemático); Aristarco de Samos (matemático, astrônomo e inventor); Aristarco de Alexandria (gramático e crítico literário); Arquimedes (matemático); Cónon de Samos (matemático e astrônomo); Dionísio de Trácia (gramático); Erasistratus (médico); Eratóstenes (filósofo, historiador, geógrafo, poeta e crítico teatral, matemático e astrônomo); Euclides (geômetra); Herófilo (fisiólogo e médico); Herón (matemático e físico); Hesičius (gramático); Hiparco (astrônomo e astrólogo); Ptolomeu (astrônomo e astrólogo). Alexandria, à época, era um centro notável de aprendizagem, devido à mistura de influências do grego e do Oriental, à sua situação favorável, a seus recursos comerciais e à energia iluminada de alguns dos governantes egípcios da dinastia ptolemaica. Muitos destes trabalhos acadêmicos foram coletados na grande biblioteca de Alexandria, ao longo deste período. Abrigava uma grande quantidade de poesia épica, obras sobre geografia, história, matemática, astronomia e medicina. O nome da escola de Alexandria também é usado para descrever os acontecimentos religiosos e filosóficos em Alexandria após o séc. I. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ **São Dinis de Paris**: ou São Dionísio de Paris ou São Denis (em francês: Saint Denis de Paris), foi um mártir e santo cristão, tendo sido bispo de Paris no século 3. Foi martirizado aproximadamente no ano de 250. Segundo a tradição, São Dinis ainda caminhou até sua igreja, segurando sua cabeça, logo após ser decapitado. É venerado pela Igreja Católica Romana como Padroeiro de Paris. O nome de Dinis deriva do nome latino de Dionísio. É celebrado a 9 de outubro.

¹⁹ **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002) (Nota da IHU On-Line).

²⁰ *Au-delà de l'image, Une archéologie du visuel en Occident (d'Augustin au Concile de Trente)*, Des Travaux/Seuil, Paris, 2008.

²¹ **Filippo Brunelleschi** (1377-1446): arquiteto e escultor renascentista nascido em Florença. Começou a vida como ourives e foi, posteriormente, arquiteto, sendo o pioneiro desta arte na Renascença. Entrou para a história ao concluir a Santa Maria del Fiore, em Florença, uma das primeiras catedrais em estilo renascentista. (Nota da IHU On-Line)

²² **Revolução copernicana**: processo histórico que reduziu na substituição do sistema geocêntrico (Geocentrismo) pelo sistema heliocêntrico (Heliocentrismo), inclusive no que diz respeito às profundas consequências acarretadas por essa substituição para a história da humanidade. Seu criador foi Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo e matemático polonês. A teoria do Heliocentrismo colocou o Sol como o centro do

século 18. Na metafísica também essa longa Idade Média existe.

IHU On-Line – Ao longo do século 20 – e, de certo modo, atualmente –, a metafísica sofreu duras críticas e viu sua legitimidade ameaçada. Qual é o sentido de continuar estudando metafísica nos dias de hoje?

Olivier Boulnois – Cabe ressaltar que a metafísica sofre uma “crítica” desde Kant. Precisamente, a *Crítica da razão pura*²⁶ apresenta-se como tentativa de refundar “a filosofia transcendental dos antigos”. Mas Kant não quer abolir a metafísica, ele quer eliminar o que ela tem de dogmático e fundamentá-la de maneira crítica, com base nas condições de possibilidade de nossa experiência. De maneira, às vezes, menos consciente, as empreitadas do século 20 obedecem também a um duplo movimento de destruição e de reconstrução. Heidegger²⁷ queria primeiramente destruir a

ontologia, mas era para reestruturá-la com base em uma analítica da existência; depois apontou a necessidade de superar a metafísica, mas reconheceu que era impossível superar a *língua* da metafísica. Wittgenstein²⁸, no *Tractatus*, esperava reduzir o uso correto da linguagem aos fatos do mundo e remeter ao indizível tudo o que não pode ser assim enunciado. Mais tarde, porém, ele reconheceu que, justamente, a filosofia se ocupa de tudo o que não é fato, de tudo o que a linguagem não pode dizer (principalmente a estética, a ética, o religioso, a ação). Foi assim que seus discípulos contribuíram consideravelmente para a filosofia analítica, que não tem hoje mais nenhum complexo em abordar questões metafísicas.

De minha parte, tentei abordar nesse livro a metafísica pelo vértice do que Kierkegaard²⁹ chamava de “comunicação indireta”. Trata-se de fazer com que seja revelada a es-

sência da metafísica mediante as diversas figuras de sua história. Contemplando um quadro de Klee³⁰, ouvindo uma suíte de Bach³¹, lendo um poema de Drummond³², podemos ao mesmo tempo perceber as formas e o que elas representam, e sentir o invisível que elas nos fazem imaginar (a arte do pintor, a transcendência do ser). Da mesma forma, examinando uma obra filosófica, podemos pressentir a essência da metafísica através de uma fase de sua história. Proponho inverter o movimento de interpretação. Em vez de construir *a priori* conceitos para submeter a estes os autores e para calcá-los sobre o ser, proponho seguir a paciente lição dos artistas e dos fenomenologistas: deixar que a própria coisa apareça a nós. O leitor, portanto, tem de realizar um ato de interpretação, mas esse ato lhe dá toda a liberdade de aceitar a forma de metafísica que se apresenta a ele como sendo a melhor. Cabe a ele ser fiel à própria forma do modo como ela se depreende do objeto que queremos decifrar. Isso prepara, talvez, para o que chamamos de revelação: uma manifestação que requer nossa interpretação e suscita nossa liberdade. ■

26 **Crítica da Razão Pura**: (em alemão, Kritik der reinen Vernunft) principal obra de teoria do conhecimento do filósofo Immanuel Kant, cuja primeira edição é de 1781, com alterações substanciais feitas pelo autor em determinadas seções, de 1787. A obra é considerada como um dos mais influentes trabalhos na história da filosofia e dá início ao chamado idealismo alemão. Kant escreveu a *Crítica da Razão Pura* como a primeira de três “Críticas”, seguida pela *Crítica da Razão Prática* (1788) e a *Crítica do Juízo* (1790). No prefácio à primeira edição, Kant explicita o que ele quer dizer por crítica da razão pura: “Eu entendo aqui, contudo, não uma crítica dos livros e sistemas, mas sim da faculdade da razão em geral, com vistas a todos os conhecimentos que ela pode tentar atingir independentemente de toda a experiência” (A XII). Neste livro, Kant tenta responder a primeira das três questões fundamentais da filosofia: “Que podemos saber? Que devemos fazer? Que nos é lícito esperar?”. Ele distingue duas formas de saber: o conhecimento empírico, que tem a ver com as percepções dos sentidos, isto é, posteriores à experiência; e o conhecimento puro, aquele que não depende dos sentidos, independente da experiência, ou seja, a priori, universal e necessário. O conhecimento verdadeiro só é possível pela conjunção entre matéria, proveniente dos sentidos, e forma, que são as categorias do entendimento. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, Cadernos IHU em Formação nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernilo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a ques-*

tão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Ludwig Wittgenstein** (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século 20, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, da filosofia da linguagem e da epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, com exceção de seu primeiro livro: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi lançado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). A edição 308 da **IHU On-Line**, de 14-9-2009, apresenta a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perrissinotto, disponível em <https://goo.gl/HGR6jZ>. A entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, consta na edição 362 da revista **IHU On-Line**, de 23-5-2011, disponível em <https://goo.gl/J0krYa>. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silêncio, Constantin Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-4-2006, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da **IHU On-Line**, de 9-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível em <https://goo.gl/kZW87Z>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da **IHU On-Line**, de 16-8-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <https://goo.gl/cr4qoE>. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Paul Klee** (1879-1940): pintor e poeta suíço naturalizado alemão. Seu estilo, grandemente individual, foi influenciado por várias tendências artísticas diferentes, incluindo o expressionismo, cubismo e surrealismo. Foi um estudante do orientalismo e era um desenhista nato que realizou experimentos e dominou a teoria das cores, sobre o que escreveu. Com o pintor russo Wassily Kandinsky, seu amigo, era famoso por dar aulas na escola de arte e arquitetura Bauhaus. (Nota da **IHU On-Line**)

31 **Johann Sebastian Bach** (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, ofereceu três audições comentadas sobre o compositor, divididas em 29 e 30 de março deste ano, sob condução da Prof.^a Dr.^a Yara Caznok, da UNESP. Em 29 de março o tema foi *A expressão musical da fé em Bach e Mozart*, quando fez uma audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K427, de Mozart. No mesmo dia, Caznok comentou o *Oratório de Ascensão BWV 11*, de Bach. Em 30 de março, conduziu a audição comentada de *A paixão de Cristo segundo São João – BWV 245*. No evento Páscoa IHU 2009, Caznok conduziu o IHU Idéias *Uma narrativa do mistério em Johann Sebastian Bach*, com a audição comentada de *Ich hatte viel Bekümmernis, BWV 21*. (Nota da **IHU On-Line**)

32 **Carlos Drummond de Andrade** (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da **IHU On-Line**)

A força da autenticidade na filosofia suárezina

Santiago Orrego destaca que, ao invés de pensar na atualidade e originalidade, é mais interessante se perceber o caráter autêntico na obra de Francisco Suárez

Patricia Fachin | Tradução: André Langer | Edição: João Vitor Santos

O que faz de uma perspectiva filosófica atual? Tem de trazer algo novo e original? Para o professor Santiago Sánchez Orrego, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, esses são falsos problemas, pois compreende que o valor de uma filosofia não está no seu caráter atual. “Há momentos em que as obras filosóficas do passado parecem desprovidas de interesse – elas não são atuais, nesse sentido – porque o nível da reflexão filosófica diminuiu ou simplesmente porque foram seguidos caminhos diferentes, não melhores nem piores”, justifica. Isso, para ele, serve para entender porque há quem indique Francisco Suárez como pensador atual e outros nem tanto.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Orrego observa que “Suárez, como um pensador individual, é muito autêntico e tem características originais dentro do seu escopo, mas não são tantas como poderia parecer à primeira vista”. O mais interessante não reside na perspectiva da originalidade. Entretanto, ressalta: “o essencial na filosofia – e na vida, talvez – não é ser “original”: a busca de originalidade é uma forma de dependência da opinião dos outros como a face negativa da imitação. O que é verdadeiramente positivo é ser “autêntico”, isto é, dirigir-se por si mesmo, a partir da própria razão que examina as coisas com

diligência, sem se preocupar com se o que se encontra é semelhante ou não ao que outros já viram”. Característica que identifica na filosofia suárezina.

Santiago Sánchez Orrego é professor na Pontifícia Universidade Católica do Chile, graduado em Filosofia pela Universidade dos Andes, também no Chile, PhD em Filosofia pela Universidade de Navarra, na Espanha. Ainda realizou estágio pós-doutoral na Universidade Católica do Chile. Entre suas publicações, destacamos *El ser como perfección en Tomás de Aquino* (Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 1998) e *La actualidad del ser en la Primera Escuela de Salamanca. Con lecciones inéditas de Vitoria, Soto y Cano* (Eunsa, Pamplona, 2004).

O entrevistado apresenta a conferência *Questões de Metafísica – Sobre as Disputationes metaphysicae de Francisco Suárez* no dia 26 de setembro, às 10h45min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade da metafísica de Francisco Suárez, 400 anos depois?

Santiago Sánchez Orrego – Costuma-se dizer que uma obra filosófica é atual quando nela podemos

encontrar respostas ou orientações esclarecedoras para questões e situações do tempo presente. No entanto,

“A originalidade das *Disputationes* está em grande medida não tanto nos conteúdos, mas no fato de ser a construção de um sistema de pensamento”

o que define o tempo presente – e, portanto, é a medida da atualidade de uma coisa – não é apenas aquilo que diferencia o presente do passado, pois o presente também inclui tudo o que tem em comum com os tempos anteriores ou pelo menos alguns deles. Certamente, esses aspectos comuns não se apresentam em estado puro, mas sempre sob a concretude própria de cada época. E para aqueles que estão situados dentro de um tempo específico, é impossível separar claramente ambos os aspectos.

Nesta perspectiva, a metafísica de Suárez é atual? Se alguém considera o que ele diz especificamente na sua obra mais célebre, suas *Disputationes Metaphysicae*¹, há longas passagens que não têm nenhuma atualidade. São sobretudo aquelas que procuram resolver contradições aparentes entre certas ideias metafísicas e algumas das crenças da época sobre certos fenômenos concretos do mundo físico que agora sabemos com certeza que são falsos ou que suas verdadeiras explicações são completamente diferentes. Eu li de cabo a rabo três quartas partes das *Disputationes*, e posso atestar que essas passagens são muito longas, e justamente por causa da falsidade de suas premissas, que agora conhecemos, são muito entediantes,

quase insuportáveis, sem qualquer interesse, pelo menos filosófico. Elas não se conectam com nenhum problema que nos pareça relevante hoje; elas não nos dizem nada. É por isso que dizemos que elas não têm nenhuma atualidade.

Pois bem, o que acabo de dizer mostra, em contrapartida, que muitas outras passagens têm um interesse atual, precisamente porque nos dizem algo, prendem a nossa atenção, conectam-se com os nossos interesses. E ser atual não é uma coisa diferente disso. Por esta razão, a pergunta pela atualidade de uma filosofia deve ser respondida de forma concreta: ela interpela, de fato, as pessoas no presente? É atual na exata medida em que faz isso, nem mais nem menos.

Filosofia analítica e metafísica

Agora, dando mais um passo, cabe perguntar se as pessoas que ela interpela podem ser contadas entre aquelas que, hoje, fazem filosofia em um nível reconhecidamente elevado. Na minha opinião, a resposta é sim, especialmente no campo da chamada filosofia analítica, dominante em ambientes anglo-saxões. Até a década de 1970, a filosofia analítica era, quase por definição, anti-metafísica, mas as coisas mudaram muito e é quase uma moda em alguns círculos falar de metafísica analítica. As questões mais relevantes para a metafísica clássica, como o problema dos universais, as relações entre causas e seus efeitos, a

existência ou não de essências nas coisas, a possibilidade de provar ou não a existência de Deus, ou de provar a sua inexistência (o que não é a mesma coisa), voltaram a ser feitas. Bem, não poucos desses autores encontraram desenvolvimentos filosóficos que são muito valiosos para as suas próprias pesquisas nos autores escolásticos e muito mais entre os escolásticos hispânicos dos séculos XVI e XVII, como Suárez, mas não apenas.

Muito se poderia acrescentar em relação a outras tradições filosóficas, mas isso nos levaria muito longe. Eu menciono apenas um caso. Edmund Husserl², fundador da fenomenologia – uma das principais correntes da filosofia do século passado –, foi “acusado” de propor novamente aquilo que os escolásticos já haviam dito. Era uma acusação, pois seus críticos supunham que a filosofia escolástica era uma filosofia ruim. Husserl respondia mais ou menos da seguinte maneira: “Eu não conheço os escolásticos, mas se você me disser que chegou às mesmas conclusões que eu, estou feliz por isso e merece todo o meu respeito” (não é uma citação textual). Um ponto central na fenomenologia é a noção de “intencionalidade” – um termo técnico que não tem o mesmo sig-

¹ **Disputas Metafísicas** [em latim, *Disputae metaphysicae*]: é uma obra de filosofia escrita por Francisco Suárez em 1597. Como o primeiro trabalho sistemático e abrangente de metafísica escrito no Ocidente que não é um comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles, as *Disputas Metafísicas* têm um lugar único na história da filosofia. Uma das obras mais importantes de Suárez, teve influência imediata e duradoura. Afetou o trabalho dos escolásticos tanto na Europa como na América Latina, bem como filósofos modernos como René Descartes, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Christian Wolff e Arthur Schopenhauer. (Nota da IHU On-Line)

² **Edmund Husserl** (1859-1938): Edmund Gustav Albrecht Husserl, matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da IHU On-Line)

nificado no castelhano comum. É interessante que Franz Brentano³, o mestre de Husserl de quem ele tomou o conceito, afirma explicitamente que é um termo escolástico. E acontece que Brentano começou a fazer a sua tese de doutorado sobre a metafísica de Francisco Suárez, embora, finalmente, talvez por um retorno forçado à fonte, tenha acabado por escrever um texto clássico sobre os sentidos do ‘ser’ em Aristóteles⁴.

Finalmente, gostaria de acrescentar que o caráter “atual” de uma filosofia entendido no sentido que eu indiquei acima não é necessariamente uma prova do seu valor: há momentos em que as obras filosóficas do passado parecem desprovidas de interesse – elas não são atuais, nesse sentido – porque o nível da reflexão filosófica diminuiu ou simplesmente porque foram seguidos caminhos diferentes, não melhores nem piores. Digo uma coisa de forma provocadora: se não tiverem interesse presente, pior para o presente.

IHU On-Line – Suárez é conhecido por ter elaborado um autêntico manual de metafísica de toda a tradição escolástica. Neste sentido, qual é a originalidade da filosofia de Francisco Suárez, especialmente em suas

3 **Franz Brentano** (1838-1917): filósofo alemão. Lecionou em Würzburg e na Universidade de Viena. Sua filosofia evoluiu em direção de um aristotelismo moderno, nitidamente empírico em seus métodos e princípios. Os trabalhos mais importantes de Brentano são no campo da psicologia, por ele definida como ciência da alma. O objeto de seus estudos não foram, porém, os estados, mas sim os atos e processos psíquicos. Segundo Brentano, o fenômeno psíquico distingue-se dos demais por sua propriedade de referir-se a um objeto através de mecanismos puramente mentais. Ao filósofo caberia, então, estudar as diversas maneiras pelas quais a mente estabelece contatos com os objetos. Sua obra póstuma mais importante é *Von Sinnlichen und Poetischen Bewusstsein* (Sobre a consciência sensorial e poética), de 1928. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídia, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

Disputationes Metaphysicae? E quais são os principais e novos problemas abordados na obra?

Santiago Sánchez Orrego – Talvez a palavra “manual” não seja a mais apropriada. Um manual, pelo menos em castelhano, é algo meramente introdutório, mas as *Disputationes* de Suárez entram completamente no assunto e muito profundamente. Nem mesmo a palavra “síntese” se encaixa completamente. É uma articulação global de toda a tradição escolástica, à maneira de uma enciclopédia que, ao mesmo tempo, é criativa e orgânica e não se limita a compilar.

Costuma-se dizer, e pessoalmente eu concordo, que a originalidade das *Disputationes* está em grande medida não tanto nos conteúdos, mas no fato de ser a construção de um sistema de pensamento, no sentido de que busca pensar a totalidade de seu objeto de estudo – que, neste caso, é simplesmente a totalidade do real – como uma unidade organizada a partir de princípios que o próprio sistema inclui e se encarregada de validar. Sem que Suárez lhe desse esse nome, com suas *Disputationes*, ele encontrou, de repente e visivelmente, uma das ideias-chave da filosofia moderna, a ideia de “sistema” como a consumação do conhecimento racional de uma determinada área e, em sua máxima expressão, de toda a realidade.

Por outro lado, na minha opinião, não há dúvida de que nas *Disputationes* e em todas as obras de Suárez encontram-se elementos muito originais e inovadores quando comparados com as obras filosóficas dos séculos XIII e XIV, com as quais geralmente são comparadas. As teses de Suárez são confrontadas com as de Santo Tomás⁵, Duns

5 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa*

Scotus⁶ ou Willian de Ockham⁷, em relação com as quais há grandes diferenças de abordagem. Quem salta do século XIV às *Disputationes* de Suárez depara-se com um mundo novo, mas esse é precisamente o ponto que eu quero destacar: era um mundo, não um indivíduo. Quando se compara a filosofia de Suárez com a de seus antecessores imediatos e a de seus contemporâneos, nota-se que a originalidade encontrada em Suárez é bastante coletiva, de todo o movimento intelectual em que estava inserida. Assim, Suárez, como um pensador individual, é muito autêntico e tem características originais dentro do seu escopo, mas não são tantas como poderia parecer à primeira vista.

De maneira semelhante, a projeção de Suárez na filosofia moderna é muitas vezes exagerada, porque havia muitos outros autores que usavam os mesmos conceitos que Suárez ou outros semelhantes, e que tiveram uma grande difusão. Descartes⁸ menciona alguns es-

Contra Gentiles. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **William de Ockham** (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, *Ockham's Razor*), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas e, portanto, o produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

colásticos nos quais ele bebeu na sua juventude, como Antonio Rubio⁹ e os Conimbricenses¹⁰, mas não Suárez, embora muito provavelmente o tenha lido. Às vezes, a suposição de que o antecedente determinado de um aspecto da filosofia de um Descartes ou de um Spinoza¹¹ é Suárez tem sido uma pista ruim, como penso que aconteceu com a noção cartesiana de “realidade objetiva” do conceito. Jennifer Ashworth¹², na minha opinião, demonstrou claramente que em Descartes opera a ideia do conceito objetivo de Rubio, e não de Suárez. Poderíamos multiplicar os exemplos.

Escolástica

A escolástica ibérica dos séculos XVI e XVII, incluindo aquela que se desenvolveu na América, foi um formidável movimento intelectual e cultural, como poucos na história. Com isso não quero dizer que seja um erro dar a Suárez um grande destaque, como se está fazendo neste congresso da Unisinos, porque ao realçar Suárez, com ou sem consciência, reconhece-se a força e a originalidade do movimento do qual Suárez é, sem dúvida, um dos seus cumes. Talvez se possa compará-lo com o Monte Everest ou com o K2, e considerar que estas montanhas não se assentam no mar ou em um vale, mas no Himalaia.

9 **Antonio Rubio** (1548-1615): expoente da educação escolástica, reconhecido como gênio auzad de um pensador analítico e lógico. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Conimbricenses**: conjunto de comentários a várias obras de Aristóteles, que compendiam o conhecimento filosófico, editados em Coimbra e Lisboa entre 1592 e 1606, com o título de *Comentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*. Destinavam-se ao curso de Filosofia do Colégio das Artes de Coimbra, a cargo dos jesuítas desde 1555. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século 17 dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 6-8-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <https://goo.gl/GEGuL5>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Jennifer Ashworth**: filósofa e professora emérita na Universidade Waterloo, no Canadá. Estudou na Universidade de Cambridge e no Bryn Mawr College, onde recebeu o Ph.D. em 1965. Suas áreas de interesse são lógica medieval e pós-medieval e Filosofia da linguagem, filosofia medieval, Aquino. (Nota da **IHU On-Line**)

Novidades na metafísica suareziana

Há novos problemas metafísicos abordados em sua obra? Penso que não, se pensarmos nas grandes questões metafísicas, as verdadeiramente relevantes. Por outro lado, se falamos de questões mais específicas, cuja solução nos permite pavimentar o caminho para uma solução melhor ou mais precisa para aquelas outras mais relevantes, certamente podemos encontrar originalidades, relativas ou absolutas. Isso, para mim, tem um significado positivo. O essencial na filosofia – e na vida, talvez – não é ser “original”: a busca de originalidade é uma forma de dependência da opinião dos outros como a face negativa da imitação. O que é verdadeiramente positivo é ser “autêntico”, isto é, dirigir-se por si mesmo, a partir da própria razão que examina as coisas com diligência, sem se preocupar com se o que se encontra é semelhante ou não ao que outros já viram.

É assim que o próprio Suárez explica sua aparente originalidade. Em uma carta a Claudio Acquaviva¹³, Prepósito-geral dos Jesuítas, ele se defende da acusação de correr atrás de novidades dizendo que, na verdade, ele não diz nada de novo, mas que olha para as coisas *de novo*, a partir da sua raiz, e as expressa a partir dessa perspectiva, e que a partir daí nasce a aparência de novidade: sua abordagem é nova. Eu não penso que seja apenas uma maneira rápida de se desculpar. O que se aprecia em Suárez, ou melhor, uma das coisas que eu pessoalmente mais aprecio em Suárez, é sua lucidez para captar a essência dos problemas, para esclarecer seu significado original, assim como libertando-as da maneira rotineira em que podem acabar sendo transmitidas sem perceber o seu verdadeiro significado, com fórmulas amputadas do pensamento que as

13 **Claudio Acquaviva** (1543-1615): jesuíta italiano, quinto superior geral no período de 1581 a 1615. Compilou a *Ratio studiorum* para os colégios jesuítas e ordenou o *Directorium* para os Exercícios Espirituais. (Nota da **IHU On-Line**)

cunhou originalmente, cheias de significado. Heidegger¹⁴ tem observações interessantes sobre este preciso perigo de degradação que ameaça toda a tradição filosófica, precisamente por ser uma tradição. Mas a tradição também é fator de progresso.

Juntamente com isso, e de maneira inseparável, considero admirável a independência de juízo que Suárez mostra para escolher a solução que parece mais acertada, independentemente da sua proveniência, e para realizar sua própria síntese, com seu enfoque e nuances próprios, quando lhe parece necessário. Eu reconheço que muitos não aceitam essa apreciação da originalidade de Suárez, mas eu a reitero: a grandeza de Suárez, para mim, está mais na sua autenticidade do que na sua originalidade.

“Um ponto central na fenomenologia é a noção de ‘intencionalidade’”

IHU On-Line – Qual é o objeto da metafísica para Suárez? Nesse sentido, como se aproxima e se diferencia da tradição medieval e da filosofia moderna?

14 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, Cadernos IHU em Formação n° 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

Santiago Sánchez Orrego – Suárez inscreve-se na tradição aristotélica que assinala como objeto da metafísica o ente enquanto ente. Suárez especifica que se trata do ente enquanto ente real, porque considera que a metafísica não se estende aos chamados entes da razão, isto é, de maneira simples, aqueles que são entes apenas na medida em que o intelecto os produz e considera.

No entanto, não está claro que essa metafísica tenha que se concretizar como uma ciência do ente enquanto ente. Pode-se dizer que a metafísica, mais do que uma ciência do ente enquanto ente, é a ciência que procura conhecer todas as coisas na medida do possível e na perspectiva das suas causas e princípios primeiros mais fundamentais. E como pode haver uma ciência desse tipo? É preciso encontrar um ponto de vista, um aspecto do real, que seja ao mesmo tempo comum a todas as coisas e o mais fundamental de cada uma delas. Somente quando este aspecto for encontrado, a inteligência poderá dirigir um “olhar” unificador, que possa considerar todas as coisas, sem negar suas diferenças. Este aspecto existe? Embora pareça quase uma declaração vazia, o que é comum a todas as coisas e mais fundamental em cada uma delas é que elas são entes. A metafísica, então, deve olhar para as coisas, isto é, para os entes, na perspectiva de seu caráter de entes. É o que significa a expressão “ente enquanto ente”.

Pois bem, o que significa “ente”? Ente – “ens”, em latim, “to on”, em grego, de onde vem a expressão em último caso – é o particípio do verbo ser. Portanto, ente enquanto ente é “o que é”, e ente enquanto ente, por conseguinte, significa “o que é, enquanto é algo que é”. Tudo isso, repito, parece tão vago e vazio que não parece poder constituir uma ciência. Essa objeção contra a metafísica pode ser resumida da seguinte forma: “O que se pode dizer de “o que é”, na perspectiva de que é “algo que é”? Pode-se dizer que é, e ponto final. Isso é uma ciência? Ou é uma zombaria?” No entanto, embora não se consiga detalhar isso aqui, é sur-

preendente ver o quanto esta perspectiva e todas as possibilidades que ela encerra está prenhe de sentido. Isso só pode ser plenamente entendido quando se lê os verdadeiros metafísicos, e Suárez, sem dúvida, é um deles e um dos maiores.

Por enquanto, o “ente” pode ser dito de muitas maneiras. De acordo com uma delas, “ente” significa o que existe atualmente, como a árvore que agora vejo pela minha janela. De acordo com outro desses sentidos, “ente” também é o que pode existir, o que é possível que exista; e isso parece mais básico e mais universal, porque, para que algo exista, primeiro deve ser possível, e há muitas coisas que poderiam existir, mas que ainda não existem e talvez nunca vão existir.

Em qual destes dois sentidos o ente é objeto da metafísica? Suárez considera que é o ente, mas não tanto como o que existe atualmente, mas como o que pode existir. E o que pode existir? Tudo o que não implica uma contradição, um absurdo, o que pode ser pensado como existente. Um círculo quadrado não pode existir: não é um ente. Mas um animal racional pode existir; na verdade, existe, mas a sua possibilidade de existir era algo objetivo mesmo antes que existisse. O círculo quadrado não é pensável, mas um animal racional, sim.

O objeto da metafísica

Nesta linha, se dermos mais um passo, o que Suárez parece estar dizendo é que o ente que é o objeto da metafísica é “o pensável”. Mas isso não implica virar completamente a ideia que nos fizemos em primeiro lugar do “ente enquanto ente”? Já não parece ser “o que é”, mas “o que pode ser pensado”. O projeto original da metafísica era ser uma ciência de todo o real, mas agora parece ter se transformado em uma ciência do pensamento. E isso, certamente, é um giro radical da perspectiva da metafísica. Acrescente a isso o que eu disse anteriormente sobre a metafísica como sistema completo e coerente do ponto de vista da or-

dem dos conceitos e da sua estrutura como ciência, para compreender quão profunda é a transformação da metafísica que parece encontrar-se na maneira como Suárez a apresenta. Aqui estaria quase consumado o “giro copernicano”, expressão usada por Kant¹⁵ para caracterizar a transformação da filosofia que ele opera na *Crítica da Razão Pura*.

Embora eu tenha expressado essas ideias de forma um tanto quanto simplificada, elas servem para ilustrar o ponto em que, de acordo com não poucos autores, Suárez, sob a aparência de uma filosofia escolástica tradicional, inaugura algo novo em comparação com a Idade Média e constitui o começo do que seria radicalizado na filosofia moderna em autores como Descartes, Spinoza, Leibniz¹⁶, Wolff¹⁷ e Kant. Esta é a interpretação de Gilson¹⁸ (e de Heidegger, embora ele se refira a isso de forma mais incidental).

15 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Gottfried Wilhelm Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. O uso de “função” como um termo matemático foi iniciado por Leibniz, numa carta de 1694, para designar uma quantidade relacionada a uma curva, tal como a sua inclinação em um ponto específico. É creditado a Leibniz e a Newton o desenvolvimento do cálculo moderno, em particular o desenvolvimento da integral e da regra do produto. Descreveu o primeiro sistema de numeração binário moderno (1705), tal como o sistema numérico binário utilizado nos dias de hoje. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Étienne Gilson** (1884-1978): filósofo e historiador da filosofia e um dos mais destacados autores da filosofia neo-escolástica, especialista no estudo da obra de São Tomás de Aquino. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas eu gostaria de chamar a atenção para o fato de que esta não é a interpretação unânime que se dá ao significado da metafísica de Suárez. É por isso que, ao descrever a base dessa maneira de entender Suárez, ele sempre usou a palavra “parece”. Há aqueles que situam este giro muito mais para trás na Idade Média, como o professor Ludger Honnefelder¹⁹, que nos acompanha neste congresso. E há também aqueles que consideram que, quando se olha bem, a metafísica de Suárez é profundamente realista, por mais que busque acessar o real através de uma mediação conceitual muito elaborada. É o que José Pereira²⁰ e outros autores mais recentes pensam. O objetivo desta elaboração conceitual seria precisamente garantir uma maneira adequada de acessar o real. Pessoalmente, estou mais próximo desta última interpretação.

“A escolástica ibérica dos séculos XVI e XVII foi um formidável movimento intelectual e cultural”

IHU On-Line – Que relações estabelece entre a doutrina de Suárez e a de Domingo de Soto²¹

¹⁹ **Ludger Honnefelder** (1936): filósofo alemão. É membro da Academia de Ciências e Artes da Renânia do Norte-Vestefália, bem como da Academia Europeia de Ciências e Artes. De 1993 a 2012, foi membro da delegação alemã ao Comitê Diretor de Bioética do Conselho da Europa. Integrou a Comissão Enquete sobre Lei e Ética da Medicina Moderna do Bundestag alemão no 14º período eleitoral. Honnefelder participará do VIII Colóquio Internacional e XX Colóquio de Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A Atualidade no Pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois, no próximo dia 25 de setembro, quando proferirá a palestra *A filosofia prática de Suárez, a lei natural e a determinação concreta do bem moral*. Saiba mais sobre o evento em <http://bit.ly/2vPZUzQ> (Nota da **IHU On-Line**)

²⁰ **José Pereira** (1931-2015): estudioso de sâncrito, historiador, musicologista, escritor, linguista e artista da Goa, na Índia. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Domingo de Soto** (1494-1560): frade dominicano, teólogo espanhol e confessor do imperador Carlos V. Foi professor de teologia na Universida-

sobre a causalidade da vontade? Neste sentido, qual foi a recepção suareziana das doutrinas de Domingo de Soto?

Santiago Sánchez Orrego – Este é um ponto muito específico, motivo pelo qual me refiro a ele apenas brevemente. Domingo de Soto é um dos mestres mais influentes na Universidade de Salamanca no século XVI, onde Suárez estudou e trabalhou no início da sua docência. Nessa cidade escreveu e publicou suas *Disputationes Metaphisicae*. Por esse motivo, ele é um autor que influenciou, direta ou indiretamente, a filosofia de Suárez, talvez mais do que o próprio Suárez pudesse dar-se conta, por estar imerso em um ambiente em que as ideias de Soto pairavam no ar. Como eu disse mais acima, ele é um dos antecedentes imediatos de Suárez. Nas *Disputationes*, Suárez o cita mais de oitenta vezes. Até onde eu pude pesquisar, embora eu possa estar enganado, certamente o conhecimento do pensamento de Domingo de Soto é muito útil para compreender melhor o pensamento de Suárez.

Um desses pontos, sempre de acordo com a minha discutível opinião, é o da relação da vontade e da liberdade com a inteligência, acerca da qual Suárez foi interpretado com traços fortemente voluntaristas. Sua comparação com a filosofia, a perspectiva da análise e da linguagem de Domingo de Soto permite compreender que ele estava muito longe disso; longe de Duns Scotus, muito perto de Tomás de Aquino. O que isso significa, se eu estiver correto? Que na filosofia de Francisco Suárez a vontade depende em grande parte do que o intelecto apresenta como bom e que a bondade da vontade tem como regra absoluta os ditames da reta razão.

IHU On-Line – Ao longo do século XX – e, de certo modo, também hoje – a metafísica so-

de de Salamanca, onde integrou a denominada Escola de Salamanca. Em 1545, foi enviado ao Concílio de Trento como teólogo imperial ante a impossibilidade de que fosse o também dominicano Francisco de Vitória. (Nota da **IHU On-Line**)

freu duras críticas e viu sua legitimidade ameaçada. Qual é o sentido de continuar estudando metafísica nos dias de hoje?

Santiago Sánchez Orrego – Muitas coisas podem ser ditas sobre isso. Por enquanto, a forte crítica à metafísica, da qual dependem de alguma forma todas as críticas posteriores, começa com Kant no final do século XVIII. E, em Kant, certamente, podemos encontrar uma negação da possibilidade de uma metafísica realista, transcendente, por assim dizer, muito bem elaborada e de um bom conhecimento da metafísica de seu tempo (o mesmo não vale para a metafísica clássica ou medieval). Kant teria o direito de dizer, com ou sem razão, que ele superou a metafísica no sentido tradicional da palavra. Mas muitos daqueles que vieram depois de Kant limitaram-se a assumir comodamente o resultado e a descansar em que “já se sabe, desde Kant, que a metafísica não é possível”. E isso continua até hoje.

A advertência de Hegel²², feita na *Ciência da Lógica*²³, mantém sua plena validade: “A filosofia de Kant tornou-se um travesseiro para a preguiça do pensamento”. O que na filosofia de Kant foi um resultado, diz Hegel, agora é assumido sem mais como ponto de partida já adquirido. Mas essa atitude é inaceitável na filosofia. Quem pode legitimamente

²² **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/lldAkv>. (Nota da **IHU On-Line**)

²³ **Ciência da Lógica**: é uma obra em dois volumes do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), publicada pela primeira vez em Nuremberg entre 1812 e 1816. Construída a partir da *Fenomenologia do Espírito*, ele desenvolve uma lógica ontológico-metafísica, que se reporta à antiga filosofia da lógica, sendo também uma Ontoteologia. Essa obra está entre as mais influentes dos tempos modernos, desempenhando um papel na Escola de Frankfurt, e na Hermenêutica Filosófica. Muitos filósofos, inclusive modernos, se dedicaram a destrinchar seu conteúdo, tais como Søren Kierkegaard, Bruno Liebrucks e Dieter Henrich. (Nota da **IHU On-Line**)

dizer que superou a metafísica? Apenas quem tomou a metafísica a sério e a examinou a fundo. O contrário se parece muito com a atitude do homem orgulhoso dos grandes avanços da ciência e da técnica, da computação, das viagens espaciais, etc., como se fossem realizações próprias, embora ele realmente não seja capaz de resolver nem mesmo uma equação simples... Uma coisa é “estar sentado sobre os ombros de gigantes”, e outra, muito diferente, é ficar dormindo sobre eles.

De maneira semelhante, há aqueles que desprezam o estudo da metafísica clássica porque preferem contemporâneos, como Heidegger e Derrida²⁴, entre muitos outros. Mas o que se encontra nas obras de muitos autores ditos pós-modernos? Um grande conhecimento da filosofia clássica, antiga e medieval, lida em seus idiomas originais.

Além disso, penso que é necessário evitar um erro de perspectiva, que consiste em identificar facilmente toda a filosofia contemporânea com as correntes que trazem mais novidades, aquelas que dão um passo adiante e, assim, pelo menos na aparência, fazem avançar o pensamento (e, em muitos casos, realmente o fazem). Mas por que não podemos chamar de contemporâneos os movimentos filosóficos que hoje estão em continuidade com o anterior, mesmo assumindo aspectos relevantes das correntes mais novas? Atualmente, existem bons ‘cultures’, por exemplo, da filosofia tomista, plenamente conscientes das críticas que precisam enfrentar; existe um forte renascimento da metafísica na filosofia analítica; nunca perdeu a sua continuidade a linha da fe-

nomenologia realista desenvolvida pelos discípulos de Husserl²⁵, que, por sua vez, não o acompanharam no giro para o idealismo. Entre os que agora estão nessa linha está Josef Seifert²⁶, por exemplo. Kurt Gödel²⁷, talvez o maior matemático do século XX, defendia o argumento chamado “ontológico” de Santo Anselmo²⁸ para provar a existência de Deus... E poderíamos multiplicar os exemplos.

“Essencial é a autenticidade”

Talvez por seu próprio caráter de história, os textos de história da filosofia enfatizam demais a sucessão de inovações e dão pouca visibilidade aos aspectos da continuidade. Reitero uma ideia que propus mais acima: o essencial na filosofia é a autenticidade, e não a originalidade. Dito isto, devo acrescentar que também nas correntes mais rupturistas do passado há, muitas vezes, um pensamento genuinamente autêntico, e que, embora não seja possível dar como um fato a superação da metafísica, tampouco podemos ignorar o fato de que a metafísica foi questionada com bons ar-

gumentos. Não se pode superar a metafísica sem conhecê-la, assim como também não se pode dar por superada a crítica sem examiná-la seriamente.

IHU On-Line – Ainda faz sentido estudar a metafísica das *Disputationes Metaphysicae* de Francisco Suárez? Por quê? Quais partes das *Disputationes Metaphysicae* são as mais importantes e tem sentido ler atualmente?

Santiago Sánchez Orrego – As partes definitivamente caducas, que talvez têm um interesse puramente histórico, são aquelas que dependem essencialmente de uma física ou biologia definitivamente superadas como explicação de fenômenos concretos. No entanto, eu me atreveria a assinalar que não está claro que, em seus aspectos mais gerais, a física de cunho aristotélico tenha sido superada; ela é, certamente, muito diferente da física moderna, mas é preciso salientar que ela também tem objetivos muito diferentes dela. Muito mais sentido tem ler os aspectos das *Disputationes* que abordam temas abstratos mediante finíssimas análises conceituais, que podem ser muito iluminadores, mesmo quando não se aceita, finalmente, seu sentido propriamente metafísico. Concretamente quais? A resposta a isso, sem dúvida, depende dos interesses filosóficos do leitor, que podem ser todos muitíssimos e muito legítimos.

Em relação às *Disputationes Metaphysicae*, acredito que mantêm sua validade as palavras com que Leibniz, que leu profusamente a obra de Suárez, se refere à filosofia escolástica em geral, em seu *Discurso de Metafísica*: “Eu estou convencido de que se um espírito exato e meditativo se desse ao trabalho de esclarecer e digerir o pensamento deles à maneira dos geômetras analíticos, encontraria aí um tesouro de grande quantidade de verdades importantíssimas e absolutamente demonstrativas”. ■

24 **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria *Memória*, da **IHU On-Line** nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Edmund Husserl** (1859-1938): Edmund Gustav Albrecht Husserl, matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Josef Seifert** (1945): filósofo austríaco, seguidor de uma fenomenologia realista. Estudou nas universidades de Salzburgo e Munique. Ele ensinou na Universidade de Salzburgo e, de 1973 a 1980, dirigiu o programa de doutorado em Filosofia na Universidade de Dallas (Texas). (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Kurt Gödel** (1906-1978): lógico tcheco, naturalizado norte-americano. Formulou o Teorema da Incompleteza, conhecido como Teorema de Gödel, por meio do qual demonstrou que não é possível construir uma teoria axiomática dos números que seja completa. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Argumento chamado “ontológico” de Santo Anselmo**: o argumento parte da definição de Deus para extrair a sua existência. Anselmo define Deus como algo do qual nada maior pode ser pensado; Boécio já havia dado uma definição semelhante. Assim, a partir do momento em que compreendemos tal definição, Deus existe em nosso pensamento. Mas se ele existisse unicamente em nosso pensamento, poderíamos conceber uma coisa maior, uma vez que um ser que existe na realidade é maior que um ser que existe só em pensamento. (Nota da **IHU On-Line**)



Heidegger, o leitor de Suárez

Ernildo Stein analisa como o pensamento suareziano chega à contemporaneidade através da atualização que passa nas produções heideggerianas

Patricia Fachin | Edição: João Vitor Santos

Para o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS Ernildo Stein, a filosofia moderna é fortemente influenciada pelas tentativas de sistematização presentes no trabalho de Francisco Suárez. “Suárez pode ser considerado aquele que sistematizou pela primeira vez a filosofia medieval, sobretudo a ontologia. Ele superou o hábito que até então consistia em fazer apenas comentários dos textos da filosofia da Antiguidade”, destaca.

Essa influência chega até a Contemporaneidade e é materializada nas reflexões de filósofos como Martin Heidegger. “Não sei se podemos falar de uma recuperação de Suárez através de Heidegger, mas certamente, este aborda questões centrais daquele filósofo, em seu livro *Problemas fundamentais da Fenomenologia*”, analisa Stein, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Portanto, quando L.B.Puntel afirma que Heidegger é por excelência o filósofo do ser no século XX, ele está nos aproximando de algo Suáreziano na analítica existencial”, completa.

Ernildo Jacob Stein é graduado em Filosofia e Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutor em filosofia também pela UFRGS, realizou estágios pós-doutoral

na Universidade de Erlangen–Nuremberg, na Universidade de Heidelberg, na Universidade de Freiburg, na Universidade de Frankfurt, na Universidade de Münster e na Universidade de Wuppertal. Lecionou na UFRGS e atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Entre seus livros publicados, destacamos *A Caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997), *Anamnese – a filosofia e o retorno do reprimido* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997) e *Às voltas com a Metafísica e a Fenomenologia* (Ijuí: Unijuí, 2014). Sua obra mais recente é *A caminho do paradigma hermenêutico – ensaios e conferências* (Ijuí: Unijuí, 2017).

O entrevistado apresenta a conferência *A presença de Suárez na filosofia de Heidegger*, no dia 26 de setembro, às 14h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade do filósofo Francisco Suárez, 400 anos depois?

Ernildo Stein – Tenho dificuldade de avaliar a atualidade de um filósofo. Será que ela consistiria na

capacidade de ele responder a problemas de nosso tempo, nas questões práticas da ética e da filosofia política? Ou ajudaria a resolver, de maneira competente, impasses no debate da filosofia teórica? A atu-

alidade de uma obra filosófica não se mostrará pelo simples retorno de uma data da história da filosofia, 400 anos, por exemplo?

Costumamos celebrar a memória de um autor que interveio com uma

obra notável em sua época, trazendo respostas esclarecedoras nas confusões dos debates que ocupavam estudiosos de várias tendências. Penso, no entanto, que hoje esperamos de um filósofo, ou de uma obra, respostas para que nós melhoremos nosso modo de fazer filosofia. Necessitamos hoje, em primeiro lugar, de pensadores que ajudem a inovar em nossas atividades filosóficas, e a corrigir a superficialidade em nosso mercado acadêmico. Suárez representa um homem que, na escolástica tardia, veio com soluções que trouxeram, no fim do século XVI, uma mudança de paradigma e deu impulsos para o começo da modernidade.

Basta olharmos para Descartes¹ e descobriremos que o filósofo inaugurou a Modernidade com sua teoria da subjetividade. Toda a sua linguagem está atravessada pela terminologia de Suárez. Mas isso também ocorre em Christian Wolff² e Kant³ que se alimentaram com a problemática suareziana. O pensador influenciou fortemente

a filosofia moderna através da incorporação das suas tentativas de sistematização. Suárez pode ser considerado aquele que sistematizou pela primeira vez a filosofia medieval, sobretudo a ontologia. Ele superou o hábito que até então consistia em fazer apenas comentários dos textos da filosofia da Antiguidade. As *Quaestiones Disputate* (1597) é a primeira obra que tratou os problemas ontológicos de modo sistemático.

“Hoje esperamos de um filósofo, ou de uma obra, respostas para que nós melhoremos nosso modo de fazer filosofia”

IHU On-Line – Em grande parte, deve-se a Heidegger o resgate de Suárez no século XX. Como se deu essa recuperação da filosofia suareziana?

Ernildo Stein – Certamente, Heidegger⁴ conhecia a tradição da filosofia medieval, tanto assim que escreveu um livro sobre Santo Tomás de Aquino⁵, fez sua tese de Livre

Docência sobre a Teoria do Significado, analisando o livro *De Modis Significandi*, que se presumia na época como sendo de Duns Scotus⁶, mas que efetivamente, depois se descobriu ter sido escrito por Thomas de Erfurt⁷. Pode-se imaginar o quanto o filósofo estudou Duns Scotus e, portanto, o quanto estava preparado para compreender essa passagem da filosofia por Ockham⁸ até Francisco Suárez.

Heidegger estava, portanto, informado sobre os temas suarezianos. Certamente lhe chamou atenção o tratamento que este filósofo deu aos problemas ontológicos e à própria *Metafísica* de Aristóteles⁹. No seu esforço de construção sistemática, Suárez fez uma distinção entre uma *Metaphysica Generalis*, Ontologia Geral, de uma *Me-*

minicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Thomas von Erfurt**: morava próximo de Erfurt, na Alemanha, onde era Magister Regens (diretor) e reitor das escolas St. Severi e St. Jakob. Ele se tornou conhecido como filósofo e teórico da gramática no século XIV. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **William de Ockham** (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, *Ockham's Razor*), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e, portanto, produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídia, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em Formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre do-

taphysica Specialis, dividida em *Cosmologia rationalis*, Ontologia da Natureza, *Psychologia rationalis*, Ontologia do Espírito, e *Theologia Rationalis*, Ontologia de Deus. Heidegger chega a afirmar que esse conjunto de “disciplinas filosóficas centrais retorna na *Crítica da Razão Pura* de Kant. A Lógica transcendental corresponde em seu fundamento à Ontologia geral. Aquilo de que Kant trata na Dialética transcendental, os problemas da psicologia a racional, da cosmologia e da teologia, corresponde a aquilo que a filosofia modera colocou em questão.

Suárez, que apresentou sua filosofia nas *Disputationes Metaphysicae*, não teve uma grande influência sobre o desenvolvimento ulterior da teologia no interior do catolicismo” mas, através de Fonseca, estudioso jesuíta colega de Suárez, teve forte influência sobre a Escolástica protestante. Não sei se podemos falar de uma recuperação de Suárez através de Heidegger, mas certamente, este aborda questões centrais daquele filósofo, em seu livro *Problemas fundamentais da Fenomenologia*.

IHU On-Line – Que elementos da metafísica de Suárez estão presentes e influenciaram a metafísica de Heidegger?

Ernildo Stein – Para responder a esta questão, na verdade, eu deveria escrever um livro. A *distinctio rationalis* entre *essentia* e *existentia* apresentada por Suárez foi incorporada, sob diversos aspectos, no pensamento de Heidegger. Portanto, o conceito de ser em Heidegger não se liga à intervenção de Deus na criação. O conceito de ser que está escondido por baixo dessa inovação de Suárez, termina influenciando o modo como Heidegger irá falar do ser em *Ser e tempo*.

Portanto, quando L.B.Puntel¹⁰ afirma que Heidegger é por exce-

ção o filósofo do ser no século XX, ele está nos aproximando de algo Suáreziano na analítica existencial. Assim como a distinção entre essência e existência é “quoad nos”, é, portanto, um elemento formal que usamos para pensar a diferença entre ser finito e ser infinito, assim também o conceito de ser em Heidegger é apenas um instrumento para pensar. “Tão finitos somos nós que precisamos do conceito de ser para pensar” (M.H.). O quanto ressoa na ideia da “compreensão do ser” de influência suareziana exigiria uma longa explicação. O que podemos dizer numa frase é que Heidegger quer repensar a metafísica com seu conceito de ser que se distancia profundamente do realismo tomista. Para imaginar isto, citemos mais uma vez Heidegger: “O pior idealismo é melhor do que o melhor realismo”.

IHU On-Line – Em relação à recepção da metafísica de Tomás de Aquino e de Francisco Suárez, diria que há uma preferência pela abordagem tomista? Por que e em quais aspectos?

Ernildo Stein – Se fôssemos ler o livro de Heidegger sobre Santo Tomás de Aquino, que resultou de um curso pouco depois de publicar *Ser e tempo*, diríamos que o autor conhecia as questões centrais de Santo Tomás, mas somente um filósofo com influência suareziana no núcleo de seu pensamento apresentaria desse modo o pensamento tomista. Talvez tenhamos que aprender nesse contexto o quanto o conceito de metafísica de Heidegger, que ele irá chamar de fenomenologia hermenêutica, desconstruiu a metafísica clássica, e abre as portas para vários conceitos de metafísica.

IHU On-Line – Qual tem sido a recepção da metafísica de Suárez entre os heideggerianos?

Ernildo Stein – Penso que ainda está por surgir uma linha de inter-

pretação de Heidegger que realmente faça justiça à influência secreta do autor de *Disputationes Metaphysicae* sobre o autor de *Ser e tempo*. Para um leitor cuidadoso e bem informado, recomendo para essa questão meu livro *A caminho do paradigma hermenêutico – ensaios e conferências* (Unijuí, 2017).

“Necessitamos hoje de pensadores que ajudem a inovar em nossas atividades filosóficas, e a corrigir a superficialidade em nosso mercado acadêmico”

IHU On-Line – Qual é o papel de Suárez na filosofia contemporânea, para além do projeto ontológico de Heidegger?

Ernildo Stein – Essa pergunta deve ser feita para um conhecedor da obra de Suárez e que saiba analisar com cuidado o que significa uma possível influência que tenha sentido, de um filósofo do século XVI na filosofia do século XXI. Assim como se procede, de maneira geral, na comparação entre pensadores filosóficos, Suárez não teria nenhum papel na filosofia atual. Faz pouco sentido estudar um filósofo do fim da Idade Média apenas do ponto de vista da história da filosofia. Seria necessário imaginar Suárez com os recursos que hoje dispomos para discutir o que ele nos tem a ensinar. Em geral, faz-se apenas uma história da

¹⁰ Lorenz Bruno Puntel: filósofo brasileiro radicado na Alemanha, professor em Munique. (Nota da IHU On-Line)

filosofia, quando não se fica preso dogmaticamente a uma doutrina do passado. Para compreender essa questão, leia-se meu livro *Às voltas com a Metafísica e a Fenomenologia* (Unijuí, 2014).

IHU On-Line – Ao longo do século XX – e de certo modo, atualmente – a metafísica sofreu duras críticas, e viu sua le-

gitimidade ameaçada. Qual é o sentido de continuar estudando metafísica nos dias de hoje?

Ernilo Stein – Aristóteles, no livro 6º da *Metafísica*, afirma: “estive falando com um homem que disse que não necessitava dos princípios da metafísica. Tive a impressão de estar falando com uma árvore”. O que existe hoje de recusa do pensamento especulativo, portanto, de recusa das questões centrais da me-

tafísica, me faz lembrar o título de um livro de Cornelius Castoriadis¹¹, *A ascensão da insignificância...*

¹¹ **Cornelius Castoriadis**: (1922-1997): filósofo, economista e psicanalista francês, de origem grega, defensor do conceito de autonomia política. É considerado um dos maiores expoentes da filosofia francesa do século XX. Em 1949, fundou, com Claude Lefort, o grupo Socialismo ou barbárie, que deu origem à revista homônima. Autor de inúmeras obras de filosofia e, em especial, de filosofia política, Cornelius Castoriadis é considerado um filósofo da autonomia. Entre suas inúmeras obras, destacam-se *Instituição Imaginária da Sociedade*, *Encruzilhadas do Labirinto*, *Socialismo ou Barbárie*. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia mais

– “**Já temos uma filosofia brasileira**”. Entrevista com Ernilo Stein, publicada na revista **IHU On-Line** número 379, de 7-1-2011, disponível em <http://bit.ly/2vWtSSG>.

– **O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal**. Entrevista com Ernilo Stein, publicada na revista **IHU On-Line** número 303, de 10-8-2009, disponível em <http://bit.ly/2h5cNzK>.

– **Depois de Hegel: “o mais original diálogo entre Filosofia analítica e dialética”**. Entrevista com Ernilo Stein, publicada na revista **IHU On-Line** número 261, de 9-6-2008, disponível em <http://bit.ly/2jsG0ZS>.

– **O destino do ser na era do individualismo**. Entrevista com Ernilo Stein, publicada na revista **IHU On-Line** número 220, de 21-5-2007, disponível em <http://bit.ly/2fiWe2G>.

– **Narrativas de Deus são fragmentárias como era pós-metafísica**. Entrevista com Ernilo Stein, publicada na revista **IHU On-Line** número 308, de 14-7-2009, disponível em <http://bit.ly/2x2traR>.

Mostra e comercialização de produtos,
todas as quartas e sextas

ECOFEIRA UNISINOS

10h às 18h – quartas-feiras | Local: em frente ao Instituto HumanitasUnisinos - IHU
11h às 14h – sextas-feiras | Local: Complexo Tecnológico Unitec ihu.unisinos.br



Metafísica de Suárez e a fundamentação do discurso sobre Deus

Para Ludger Honnefelder, sem a obra do pensador espanhol, as abordagens modernas na filosofia não seriam concebíveis

Patricia Fachin | Tradução: Luís Marcos Sander | Edição: Vitor Necchi

O pensamento de Francisco Suárez se encontra no limiar entre as Idades Média e a Moderna. “Sem ele, as abordagens modernas na filosofia não seriam concebíveis”, avalia Ludger Honnefelder. “Ele abriu as portas para a transformação da metafísica na filosofia transcendental e desenvolveu uma filosofia do direito que contém a ideia – importante para o Novo Mundo da América Latina e o desenvolvimento dos direitos humanos – dos direitos subjetivos, além de muitas outras coisas.”

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Honnefelder afirma que, para Suárez, “todas as ordens ou proibições estatuídas pelo ser humano são precedidas por uma ‘lei natural’ que está implantada naturalmente em cada ser humano e o faz distinguir entre o bem e o mal”. Para o pensador espanhol, “o juízo da lei natural constitui uma percepção que representa, ao mesmo tempo, uma obrigação (*obligatio*)”, e o critério para a obrigação é “a consonância com a razão”.

A metafísica de Suárez “elaborou os conceitos transcendentais sem os quais a teologia não pode fundamentar e desdobrar cientificamente seu discurso sobre Deus”. Conforme Honnefelder, “com Tomás de Aquino a importância da razão e com Duns Scotus a importância do livre-arbítrio passaram para o primeiro plano”. Suárez, por sua vez, “ligou as duas coisas de uma maneira tal que, sem ela, o surgimento das ideias características da modernidade como a

do primado da razão, da autonomia da vontade, da objetividade do direito etc. não pode ser compreendido”.

Ludger Honnefelder, natural da Alemanha, é filósofo e professor emérito na Universidade de Bonn. Foi diretor do Centro de Referência Alemã para a Ética nas Ciências da Vida. Cursou Filosofia nas universidades de Bonn, Innsbruck e Bochum, na Alemanha. É doutor em Filosofia pela Universidade de Bonn. Alguns de seus livros: *João Duns Scotus* (São Paulo, Edições Loyola, 2010), *Scientia transcendens. Die formale Bestimmung der Seiendheit und Realität in der Metaphysik des Mittelalters und der Neuzeit (Duns Scotus – Suárez – Wolff – Kant – Peirce)* (Hamburg: Meiner, 1990) e *La métaphysique comme science transcendente entre le Moyen Âge et les Temps Modernes* (Paris: Presses Universitaires de France, 2002).

O entrevistado apresenta a conferência *A filosofia prática de Suárez, a lei natural e a determinação concreta do bem moral* no dia 25 de setembro, às 16h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois?

Ludger Honnefelder – Suárez é uma figura que se encontra no limiar entre a Idade Média e a Moderna.

Sem ele, as abordagens modernas na filosofia não seriam concebíveis. Ele abriu as portas para a transformação

da metafísica na filosofia transcendental e desenvolveu uma filosofia do direito que contém a ideia – importante para o Novo Mundo da América Latina e o desenvolvimento dos direitos humanos – dos direitos subjetivos, além de muitas outras coisas.

IHU On-Line – Em que sentido é possível considerar Suárez um herdeiro de duas tradições metafísicas, a tomista e a scotista? Por quais aspectos Suárez se aproxima de seus antecessores e por quais se afasta deles?

Ludger Honnfelder – Em sua grande obra sobre a metafísica, as *Disputationes metaphysicae*¹, Suárez invoca em primeiro lugar a Tomás de Aquino², mas nos balizamentos decisivos é determinado mais acentuadamente por Duns Scotus³. Isso lhe permite retomar o projeto da metafísica empreendido paradigmaticamente por Tomás de Aquino no rastro de Aristóteles⁴. Entretanto,

para poder manter esse projeto também face à crítica nominalista à abordagem de uma metafísica com excesso de pressupostos, ele se apoia em determinados teoremas centrais de Duns Scotus.

“Suárez é uma figura que se encontra no limiar entre a Idade Média e a Moderna. Sem ele, as abordagens modernas na filosofia não seriam concebíveis”

IHU On-Line – Quais as características distintivas da posição de Suárez frente a Tomás de Aquino e Duns Scotus, quanto ao problema da distinção entre essência e existência? Qual o panorama dos principais traços desse problema, bem como de sua importância?

Ludger Honnfelder – Suárez mantém a ideia da substância, mas não a vê, como Tomás de Aquino, como ponto de partida determinante a partir do qual se deve ou pode pensar o sentido do ser (ou melhor, do ente). A interpretação tomasiana do ente como essência à qual compete o ato de ser – estando, portanto, composto de *esse* e *essentia* – implica – como argumenta Duns Scotus – uma compreensão do sentido de “ente” que precede a ideia da substância como *compositum* de essên-

cia e existência, uma compreensão que é retomada por Suárez. Visto que a analogia tomasiana, segundo Duns Scotus, pressupõe uma predicabilidade transcendental–unívoca de “ente”, Suárez pode manter a analogia tomasiana, mas considerar, com Duns Scotus, o conhecimento transcendental de “ente” como pressuposto transcategorial tanto do conhecimento da substância quanto do conhecimento de Deus.

IHU On-Line – Considerando que para Suárez a metafísica tem como objeto exclusivo o estudo do ser na medida em que é ser real, o que ele entender por “ser real” e, ainda nesse sentido, como essa compreensão influencia seu tratamento sobre Deus?

Ludger Honnfelder – De fato, para Suárez o ente real como tal é o objeto genuíno da metafísica. Contudo, Suárez não entende “realidade” como nós o fazemos atualmente, como a existência extramental de algo. “Real” é para ele – retomando Duns Scotus – tudo aquilo que, no mais amplo sentido, podemos apreender como uma “res”, portanto não apenas a “res” atual existente aqui e agora, mas também já a “res” que se mostra como um “o quê” que *pode* existir, pois ela se distingue do nada absoluto, que nem pode ser (como, p. ex., um o quê que é contraditório em si mesmo). Para Suárez, o objeto da metafísica é esse mais amplo sentido transcategorial de “ente” na forma do conceito do ente como ente com o qual a existência não conflita. Nosso ato de conhecimento (o “conceito subjetivo”) apreende, segundo Suárez, o “ente” como um “conceito objetivo” constituído por nosso conhecimento, mas que precede a este.

IHU On-Line – Como Suárez compreende o tema clássico dos transcendentais? Como essa questão reflete-se em sua filosofia prática, na concepção de bem moral, por exemplo?

¹ **Disputas Metafísicas** [em latim, *Disputaes metaphysicae*]: é uma obra de filosofia escrita por Francisco Suárez em 1597. Como o primeiro trabalho sistemático e abrangente de metafísica escrito no Ocidente que não é um comentário sobre a *Metafísica* de Aristóteles, as *Disputas Metafísicas* têm um lugar único na história da filosofia. Uma das obras mais importantes de Suárez, teve influência imediata e duradoura. Afetou o trabalho dos escolásticos tanto na Europa como na América Latina, bem como filósofos modernos como René Descartes, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Christian Wolff e Arthur Schopenhauer. (Nota da **IHU On-Line**)

² **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Johannes Duns Scotus** [Duns Scotus] (1265-1308): teólogo escocês, pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio. Suas principais obras são a *Opus parisiensis* e a *Opus oxoniensis*, também conhecida como *Ordinatio*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica,

psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

Ludger Honnfelder – Para Suárez, os transcendentais, isto é, os predicados que competem de modo igualmente transcendental ao conceito transcendental “ente”, fazem parte do núcleo duro da metafísica. Deles fazem parte, para ele, não só os predicados coextensivos (conversíveis) como “bom, verdadeiro, uno etc.”, que se encontram em Tomás de Aquino, mas também os chamados predicados disjuntivos, que foram tematizados por Duns Scotus, portanto duplas de predicados como “finito–infinito”, dos quais ou um ou outro membro compete ao “ente” e que, como dupla, são coextensivos com o “ente”. Estes últimos são, para Suárez, o fio condutor constitutivo com cujo auxílio a metafísica consegue conhecer toda a amplitude do “ente”, portanto não só o ente finito. Os transcendentais conversíveis são fios condutores para o conhecimento filosófico de Deus. O conceito de moralmente bom usado por Suárez na filosofia prática não é, para ele – assim como também para Tomás de Aquino e Duns Scotus – derivado do conceito metafísico de bem, mas um conceito apreendido originalmente pela razão prática em relação a ações no sentido daquilo que o ser humano deve fazer.

IHU On-Line – Quais os traços distintivos da concepção de lei natural de Suárez?

Ludger Honnfelder – Para Suárez, assim como para Tomás de Aquino e Duns Scotus, todas as ordens ou proibições estatuídas pelo ser humano são precedidas por uma “lei natural” que está implantada naturalmente em cada ser humano e o faz distinguir entre o bem e o mal. Suárez acentua, com mais clareza do que Tomás de Aquino, que o juízo da lei natural constitui uma percepção que representa, ao mesmo tempo, uma obrigação (*obligatio*). O critério para a obrigação é, para Suárez, a consonância com a razão. Neste ponto ele diverge de Tomás de Aquino, que relaciona o juízo da razão com as inclinações naturais do ser humano, e se inspira em Duns Sco-

tus. Por isso, para Suárez, a lei natural abrange todos os juízos práticos em que a razão humana avalia uma ação como objetivamente boa ou má. Com a elaboração formal – que ocorre sob o conceito de lei natural – do que é incondicionalmente compromissivo do ponto de vista moral, Suárez consegue construir uma ponte da filosofia moral para a filosofia do direito e utilizar o moralmente imperativo para a fundamentação de direitos subjetivos. Que a liberdade humana seja liberdade para a vinculação ao objetivamente bom faz dela a razão compromissiva para proteger essa liberdade também em forma de direitos subjetivos.

IHU On-Line – Que influências a metafísica de Suárez trouxe para a teologia de modo geral? Quais são as contribuições teológicas de Suárez?

Ludger Honnfelder – Com sua metafísica, Suárez elaborou os conceitos transcendentais sem os quais a teologia não pode fundamentar e desdobrar cientificamente seu discurso sobre Deus. Isso se mostra especialmente na doutrina da trindade de Deus proposta por Suárez. Em *De legibus et legislatore*, são a filosofia prática e a interpretação da lei natural como percepção da obrigação por parte do objetivamente bom em cada caso que lhe permitem, a partir do fio condutor do nexos entre lei e legislador, ancorar o dever-ser moral vivenciado de modo autóctone em uma ordem de sentido teônoma e abrangente.

IHU On-Line – Alguns filósofos identificam nas obras de Duns Scotus, Ockham e Suárez o início da modernidade. Essa afirmação é correta? Especificamente em relação à obra de Suárez, quais suas contribuições para a modernidade?

Ludger Honnfelder – Poder-se-ia dizer que com Tomás de Aquino a importância da razão e com Duns Scotus a importância do livre-

arbitrio passaram para o primeiro plano, e que Suárez ligou as duas coisas de uma maneira tal que, sem ela, o surgimento das ideias características da modernidade como a do primado da razão, da autonomia da vontade, da objetividade do direito etc. não pode ser compreendido. Isso se aplica ao desenvolvimento do direito natural e racional e internacional da Idade Moderna, mas também à passagem para a filosofia moral moderna como ética da lei (como, p. ex., no pensamento de Kant⁵) e para a transformação da metafísica em filosofia transcendental.

IHU On-Line – Considera-se que Suárez representa um marco e, inclusive, uma virada na metafísica. Qual é o objeto da metafísica para Suárez? O que muda na abordagem metafísica a partir dele?

Ludger Honnfelder – As *Disputationes metaphysicae* de Suárez representam um marco já pelo fato de tratarem todo o desenvolvimento pelo qual as questões da metafísica tinham passado até então de uma forma histórico-problematizadora que nenhum de seus sucessores pôde deixar de levar em conta. Elas são um divisor de águas porque Suárez expõe que a metafísica só pode responder à pergunta acerca do insigne primeiro (como a substância e Deus) ao colocar a pergunta acerca do primeiro conhecido, isto é, dos conceitos transcendentais em que compreendemos o mundo. Por meio

⁵ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

de Suárez, a virada transcendental da metafísica se torna, para o desenvolvimento subsequente, o ponto de partida de seu questionamento.

IHU On-Line – Ao longo do século XX – e, de certo modo, atualmente –, a metafísica sofreu duras críticas e viu sua legitimidade ameaçada. Qual é o sentido de continuar estudando metafísica nos dias de hoje?

Ludger Honnfelder – A crítica da metafísica como suposto conhecimento de um “supramundo” (como, p. ex., no pensamento de Nietzsche⁶) ou

⁶ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra*, *O anticristo* e *A genealogia da moral*. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos**

também o discurso a respeito do fim da metafísica (como, p. ex., no pensamento de Heidegger⁷) dizem respeito

IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em Formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologis-*

a concepções de metafísica que o desenvolvimento da disciplina deixou para trás. Justamente a moderna filosofia analítica da linguagem de cunho crítico mostra que as implicações dos conceitos fundamentais inevitavelmente empregados em nosso falar do mundo nem podem ser desdobrados de modo crítico sem se fazer metafísica. Algo semelhante se mostra no desenvolvimento de uma lógica da linguagem teológica que corresponda aos padrões atuais. Mas se se quiser fazer metafísica hoje em dia no nível exigido e, nesse empreendimento, não fazer o papel de tolo por conta própria, não se poderá deixar de lado o desdobramento dos problemas nos grandes esboços históricos da metafísica – como, p. ex., no de Suárez. ■

mo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)



IX Colóquio Internacional IHU

A Biopolítica como teorema da Bioética

17 e 18 de Outubro de 2017

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Unisinos | Campus São Leopoldo

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br



As teorias da guerra de Suárez

Daniel Schwartz dá subsídios para se pensar temas contemporâneos a partir da obra do jesuíta

Patricia Fachin | Tradução: Luís Marcos Sander | Edição: Vitor Necchi

Um exercício interessante é cotejar a obra de Francisco Suárez com temas contemporâneos, a fim de se incrementar o debate acerca de assuntos fundamentais como guerras e eleições. Neste sentido, o professor Daniel Schwartz apresenta subsídios. Ele observa que as teorias da guerra apresentadas por Suárez e outros escolásticos são aplicáveis no mundo de hoje. O filósofo e teólogo espanhol “trabalha dentro de um paradigma já estabelecido, segundo o qual a guerra justa, caso tiver caráter ofensivo, pode ser justificada apenas se tiver o objetivo de reparar, compensar ou castigar a injúria por parte de outro Estado ou de seus cidadãos”, explica Schwartz, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Suárez é crítico à visão do teólogo espanhol Francisco de Vitória, “para quem todo soberano poderia intervir belicamente em qualquer parte do mundo para defender as vítimas de injustiça, transformando-se então em uma espécie de representante da humanidade”. Na sua visão, isso outorgaria “jurisdição punitiva ilimitada aos soberanos”.

Ao tratar da ética eleitoral, outro tema contemplado por Suárez, Schwartz salienta que, das instituições ainda hoje existentes, a que celebrou eleições por um período maior de tempo é a Igreja.

“Não apenas o Papa é eleito mediante votação, mas também muitos dos outros cargos, inclusive os cargos nas ordens religiosas”, afirma. Sendo assim, “era natural que teólogos dominicanos, franciscanos e jesuítas discutissem questões morais atinentes à atividade eleitoral”.

Daniel Schwartz é natural de Montevideu (Uruguai). Licenciado em Ciências Políticas pela Universidade Hebraica de Jerusalém e doutor pelo departamento de Estudos Políticos da Universidade de Oxford. Leciona e pesquisa no Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais da Universidade Hebraica de Jerusalém. Autor de *Aquinas on Friendship* (Oxford University Press, 2007) e organizador de *Interpreting Suarez: Critical Essays* (Cambridge University Press, 2011).

O entrevistado apresenta a conferência *A justiça e o castigo segundo Suárez* no dia 27 de setembro, às 9h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Atualmente, que temas o senhor está pesquisando e por que são importantes?

Daniel Schwartz – Há uma gama de temas e autores que me interessam. Por um lado, estou terminando de escrever um livro que trata dos

conflitos morais que têm lugar na nossa vida cívica, assim como foram discutidos pelos autores conhecidos como ‘escolásticos tardios’. Trata-

se, além de Francisco Suárez, de Luís de Molina¹, Gabriel Vásquez² e muitos outros. Nesse livro, discuto temas como o uso de suborno nas eleições, a evasão fiscal e as responsabilidades morais dos artistas, além de dedicar cinco capítulos a questões da justiça da guerra. Nos escolásticos tardios, encontramos controvérsias muito interessantes e fortes sobre temas que não deixaram de ser atuais. Ao trazer à luz essas controvérsias, muitas vezes encontramos argumentos originais que, embora não necessariamente joguem um papel nas discussões modernas, merecem ser objeto de reflexão. Apenas para dar um exemplo: todos nós damos como certo que comprar votos é moralmente injustificado; no entanto, no marco da casuística escolástica, uma pessoa pode encontrar bons

argumentos que, no mínimo, nos fazem questionar o dogma.

“As teorias da guerra apresentadas por Suárez e por outros escolásticos têm aplicação direta no mundo de hoje”

IHU On-Line – Qual é o enfoque de Suárez acerca das teorias da guerra justa e da auto-defesa? Em que aspectos essas teorias podem ser atualizadas para tratar problemas contemporâneos relacionados a guerras e a disputas de interesses entre países, por exemplo?

Daniel Schwartz – No contexto do cristianismo, a questão do que constitui uma guerra justa já tinha sido tratada por outros teólogos, como Santo Agostinho de Hipona³, São Tomás de Aquino⁴ e, no século anterior a Suárez, era um dos temas frequentemente abordados pelos teólogos em Salamanca, Coimbra e outras universidades da Península Ibérica. De modo que Suárez trabalha dentro de um paradigma já es-

tabelecido, segundo o qual a guerra justa, caso tiver caráter ofensivo, pode ser justificada apenas se tiver o objetivo de reparar, compensar ou castigar a injúria por parte de outro Estado ou de seus cidadãos. Suárez aprofunda este paradigma. Por exemplo, ele pergunta: como podemos atribuir ao soberano a qualidade de juiz de outro Estado quando ao mesmo tempo é vítima da injúria sofrida? Um dos pontos destacáveis no tratamento de Suárez é sua crítica à visão de Francisco de Vitória⁵, para quem todo soberano poderia intervir belicamente em qualquer parte do mundo para defender as vítimas de injustiça, transformando-se então em uma espécie de representante da humanidade. Suárez tem reticências em relação a este enfoque que parece outorgar jurisdição punitiva ilimitada aos soberanos.

As teorias da guerra apresentadas por Suárez e por outros escolásticos têm aplicação direta no mundo de hoje. Entre os filósofos analíticos que se dedicam ao tema da guerra, como, por exemplo, Jeff McMahan⁶ ou Cécile Fabre⁷, é comum encontrar referências a Suárez, Vitória ou Molina.

IHU On-Line – O que é a doutrina probabilística de Suárez?

Daniel Schwartz – Na verdade, a doutrina probabilística antecede em muito Suárez, pois foi formulada pela primeira vez em 1577 por um teólogo dominicano, Bartolomeu de Medina⁸. A pergunta básica é a seguinte: em que circunstâncias me é permitido deixar

1 **Luís de Molina** (1535-1600): jesuíta, teólogo e jurista espanhol. Testemunhou a conquista espanhola da América do Sul e Central e o despojar da Espanha como um enorme império colonial que se estendia por boa parte do globo. Apesar de espanhol, passou a maior parte de sua vida adulta em Portugal. Foi uma figura destacada da chamada Escola de Salamanca. Sua doutrina recebeu o nome de molinismo (que não deve ser confundido com o molinosismo, de Miguel de Molinos, outro teólogo espanhol). Estudou Direito na Universidade de Salamanca e Escolástica na de Alcalá. Em Alcalá, entrou em contato pela primeira vez com a Companhia de Jesus e foi estudar na Universidade de Coimbra, onde começa sua carreira docente, que continuou na Universidade de Évora. Sua carreira acadêmica já havia começado durante seus estudos de teologia. No começo, lecionava filosofia ocasionalmente em Coimbra e posteriormente chegou a ser substituído na cadeira de teologia da Universidade de Évora. De 1563 até 1567, lecionou seu próprio curso de filosofia na Faculdade Jesuíta de Coimbra. De 1568 até 1583, lecionou teologia na Universidade de Évora, que havia sido dada aos jesuítas em 1559. Lá ele lecionou sobre a *Summa Theologiae*, de Tomás de Aquino. Suas palestras sobre a *Prima Pars* e a *Secunda Secundae* compreendiam a base de sua obra *Commentaria in Primam Divi Thomae Partem*, publicada em Cuenca, em 1592, cujos alguns trechos primeiro faziam parte da *Concordia* (1588) e, posteriormente, dos seis volumes do *De Iustitia et Iure* (1593-1613). (Nota da **IHU On-Line**).

2 **Gabriel Vásquez** (1549 ou 1551-1604): teólogo jesuíta espanhol, orador e moralista. Bento XIV o chamou de “luminar” da teologia. Fez um estudo completo das obras de Santo Agostinho, por quem professava uma grande devoção. Ingressou na Companhia de Jesus em 1569 e estudou filosofia e teologia na Universidade de Alcalá de Henares. Foi professor em Ocaña, Madri e Alcalá, depois se transferiu para Roma a fim de ocupar a cátedra de Teologia do Colégio Romano (1586-1591) em substituição a Francisco Suárez, com quem depois travou diversas polémicas. Quando regressou para a Espanha, fixou-se em Alcalá de Henares, onde escreveu vários tratados teológicos. A obra fundamental de Vásquez, *Commentariorum ac Disputationum in primam, secundam vel tertiam partem S. Thomae*, compilada em sete tomos (1598-1615), trata da obra de São Tomás de Aquino. Também escreveu *Paraphrasis; et compendiaría explicatio ad nonnullas Pauli Epistolae* (1612), *Opuscula moralia. De elemosyna, scandalo, restitutione, pignoriibus et hypothesis, testamentis, beneficiis, redditibus, ecclesiasticis* (1617) e *Disputationes metaphysicae* (1617). (Nota da **IHU On-Line**).

3 **Agostinho de Hipona** (354-430): conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patristica, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da **IHU On-Line**).

4 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**).

5 **Francisco de Vitória** (1483-1512): teólogo espanhol neoescolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada Escola de Salamanca, sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da **IHU On-Line**).

6 **Jeff McMahan** (1954): filósofo, professor de Filosofia Moral na Universidade de Oxford. (Nota da **IHU On-Line**).

7 **Cécile Fabre** (1971): filósofa e pesquisadora francesa. Professora da Universidade de Oxford. (Nota da **IHU On-Line**).

8 **Bartolomeu de Medina O.P.** (1527-1581): frade dominicano e teólogo espanhol. Foi aluno de Francisco de Vitória na Universidade de Salamanca e mais tarde catedrático de teologia na mesma instituição. É conhecido como o criador da doutrina do probabilismo, segundo a qual não há um só caminho para fazer o bem, mas que deve se escolher o que mais provavelmente leve ao bem. (Nota da **IHU On-Line**).

de lado a minha opinião sobre como devo agir e, em vez disso, seguir a opinião de outra pessoa? Este tipo de questão era suscitado no contexto da confissão, quando o padre confessor tinha uma determinada opinião sobre a moralidade dos atos do penitente, mas ao mesmo tempo reconhecia que outros confessores, ou talvez outros teólogos, tinham opiniões contrárias. Encontramos situações semelhantes na vida cotidiana: um médico que acredita que o tratamento A é o melhor, mas reconhece que outro médico não menos especialista que ele pensa que B é melhor. Pode o primeiro médico administrar o tratamento B? O probabilismo basicamente dizia que se as opiniões dos outros ultrapassam um determinado umbral de probabilidade (ou seja, se são suficientemente plausíveis), é moralmente permitido abraçá-las como guias de ação. No período de Suárez, quase não havia objetores ao probabilismo (isso aconteceria depois). A versão de Suárez do probabilismo era mais moderada e restringia a permissão de abraçar as opiniões de outros apenas àqueles casos em que essas opiniões versavam sobre leis morais. Se a existência de uma determinada lei moral é controversa entre os especialistas, quer dizer que há um defeito em sua promulgação, o que eliminaria, segundo Suárez, o caráter vinculante de tal lei.

IHU On-Line – Em que consistem as leis impositivas, segundo Suárez?

Daniel Schwartz – A discussão, na verdade, era se uma determinada pessoa incorria em falta moral se não pagasse os impostos. Ou seja, se as leis impositivas produzem uma obrigação moral ou, no vocabulário utilizado por Suárez, uma ‘obrigação em consciência’, ou se, ao contrário, produzem apenas a obrigação de pagar a multa, caso uma pessoa transgredir a lei e for pega. Com outras palavras, a pergunta era se as leis impositivas pertenciam à categoria de leis meramente regulativas. A resposta de Suárez é bastante complicada, mas, em última instância, o que Suárez procura fazer é encontrar uma justificativa moral para o comportamento da maioria dos seus concidadãos que, assim como hoje, era não pagar enquanto não for obrigado.

IHU On-Line – O que é a proposta de uma ética eleitoral, segundo Suárez?

Daniel Schwartz – É preciso começar ressaltando uma coisa que não é tão conhecida. Das instituições ainda hoje existentes, a que celebrou eleições por um período

maior de tempo é a Igreja. Não apenas o Papa é eleito mediante votação, mas também muitos dos outros cargos, inclusive os cargos nas ordens religiosas. De modo que era natural que teólogos dominicanos, franciscanos e jesuítas discutissem questões morais atinentes à atividade eleitoral. Por exemplo: tenho eu a obrigação moral de votar no candidato que, na minha opinião, mais favoreceria a comunidade ou me é permitido votar naquele que mais me favoreceria em termos pessoais? Posso candidatar-me se penso que existe um candidato que é melhor do que eu e cujas chances de ser eleito se veriam frustradas caso eu concorresse? Estas perguntas são pouco discutidas pelos filósofos de hoje e, no entanto, creio, são sumamente relevantes. Suárez não oferece uma ética eleitoral no sentido de uma exposição sistemática de todas as respostas a estas perguntas. Por exemplo, sobre se seria permitido a alguém com boas razões para achar que é o melhor candidato na disputa pagar a um eleitor para não votar no outro candidato. Embora, finalmente, Suárez diga que não, sua resposta não deixa de ser ambígua e deixa entrever a possibilidade de que alguns tipos de incentivos materiais a alguns dos eleitores poderiam estar justificados. ■

Ouse pensar
o que ninguém pensou.
ihu.unisinos.br

Seres humanos precisam conviver a fim de atingir seus fins

Annabel Brett, ao analisar o pensamento de Suárez, comenta que ele tem uma justificação aristotélica para a construção de comunidades políticas

Patricia Fachin | Tradução: Luís Marcos Sander | Edição: Vitor Necchi

Costuma-se associar o pensamento de Francisco Suárez a discussões sobre direitos humanos. Annabel Brett, no entanto, diverge dessa linha. “Não se pode dizer que Suárez ou qualquer outro escolástico tardio tenha uma teoria dos direitos humanos que sequer se aproxime de nosso sentido moderno”, considera. “Eles têm uma teoria dos direitos naturais, mas isso não é a mesma coisa.” Brett, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, pressupõe “uma contraposição entre os direitos naturais da escolástica tardia e os direitos humanos, embora alguns dos mesmos argumentos possam se aplicar a ambos”.

Ao tratar do pensamento escolástico tardio, Brett afirma que o *ius gentium* “é uma das mais ricas ideias”, e Suárez “fez uma intervenção importante na complicada discussão que os escolásticos tiveram uns com os outros sobre o que esse direito era”. O filósofo espanhol “é conhecido por ter dividido o *ius gentium* em dois – um *ius intra gentes* [direito dentro dos povos] e um *ius inter gentes* [direito entre os povos]”. Antes disso, o *ius gentium* tinha sido uma espécie de “mistura” de conteúdos.

Suárez, assim como os outros escolásticos tardios, “tem uma justificação fundamentalmente aristotélica para a construção de comunidades políticas: os

seres humanos precisam conviver a fim de atingir seus fins, e essa convivência não pode ser mantida apenas com um sistema informal e reduzido de organização como as unidades domésticas”.

Annabel Brett é professora da Universidade de Cambridge – Inglaterra. Especialista na história do pensamento político da Idade Média até meados do século 17. Alguns de seus livros: *Changes of state. Nature and the limits of the city in early modern natural law* (Princeton: Princeton University Press, 2011), *Marsilius of Padua: The Defender of the Peace. Edited and translated by Annabel S. Brett* (Cambridge: Cambridge University Press, 2005) e *Liberty, right and nature: Individual rights in later scholastic thought* (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

A entrevistada apresenta a conferência *As condições do direito no pensamento jesuíta* no dia 27 de setembro, às 15h45min, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU, campus São Leopoldo da Unisinos, dentro da programação do **VIII Colóquio Internacional IHU e XX Colóquio Filosofia Unisinos – Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez, 400 anos depois**. Acesse a programação completa em <http://bit.ly/2vPZUzQ>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que ênfase é dada aos direitos individuais no pensamento escolástico tardio? Em que aspectos a abordagem

escolástica tardia se aproxima e se diferencia das concepções modernas e contemporâneas de direitos individuais?

Annabel Brett – O pensamento escolástico tardio dá muita ênfase aos direitos individuais. Essa é a herança que ele recebeu do período

“Não se pode dizer que Suárez ou qualquer outro escolástico tardio tenha uma teoria dos direitos humanos que sequer se aproxime de nosso sentido moderno”

medieval tardio, quando a teologia da agência humana desenvolveu-se por Tomás de Aquino¹ e outros teólogos medievais, em que o *dominium* sobre as ações da própria pessoa é um conceito central, foi obrigada a adotar uma orientação jurídica por meio da questão controvertida da pobreza mendicante. Isso fez com que o conceito de *dominium* passasse para o centro, não só em termos morais, mas também jurídicos. Esse conceito de *dominium* como um direito – ou, na verdade, do direito como uma forma de *dominium* – foi, por sua vez, aprimorado e desenvolvido dentro da florescente teologia escolástica da atividade econômica. A compreensão escolástica tardia dos direitos individuais compartilha dessa interseção entre a teologia moral da agência humana e a necessidade de regulamentar a atividade econômica no foro da consciência. Tradicionalmente, é o primeiro aspecto que tem sido acentuado na pesquisa, isto é, a relação entre a natureza humana, o livre-arbítrio humano e os direitos individuais: direitos que tanto provêm da agência humana livre quanto a possibilitam. Entretanto, o interesse deles no lado econômico da atividade humana não deveria ser esquecido, e está recebendo cada vez mais atenção da pesquisa atualmente. Como tentei

sustentar, a linguagem escolástica tardia dos direitos não se reduz à linguagem do *dominium*. Não obstante, não há qualquer dúvida a respeito da importância central do *dominium* e da espécie de agente livre que ele pressupõe, dentro da compreensão de direitos individuais de seus expoentes.

Até que ponto essa concepção é semelhante às concepções modernas e contemporâneas? Essa não é uma pergunta simples de responder, pois há muitas teorias diferentes e concorrentes de direitos hoje em dia. Uma distinção-padrão é aquela entre “direitos de liberdade” e “direitos de reivindicação”, sendo que os primeiros acentuam o direito como uma esfera de agência livre em que é injusto interferir e os últimos, o direito como uma reivindicação a algum tipo de bem que seria injusto negar. Olhando a questão deste ponto de vista, a concepção medieval tardia dos direitos combina elementos de ambos. Por um lado, todos os seus expoentes são essencialmente aristotélicos cristãos com uma concepção forte do bem humano. Com base nessa compreensão, há bens objetivos para os seres humanos que estão incrustados na natureza e no direito natural. Por outro lado, eles insistem irrestritamente na liberdade singular dos seres humanos de escolher seus bens, mesmo que essa escolha seja às vezes – com frequência – pecaminosa. As concepções deles a respeito dos direitos refletem isso. Os direitos como espaços de agência livre estão abarcados dentro de uma teleologia da vida humana que tem bens objetivos, naturais. Entretanto,

os direitos naturais a esses bens não são entendidos, em sentido central, como reivindicações em relação a outras pessoas. Antes, eles legitimam o próprio agente a defendê-los, à força, se necessário. Isto é, eles têm mais a função de limite à obrigação moral colocada sobre o agente do que de uma obrigação moral colocada sobre outros agentes. Esses outros estão efetivamente sujeitos a obrigações morais, mas elas são primordialmente estabelecidas pelo direito natural. Na concepção dos escolásticos, os menores têm efetivamente direitos que precisam ser protegidos por outras pessoas, mas isso se enquadra principalmente no direito civil da tutela. De modo semelhante, os muitos direitos que os indivíduos têm sob o direito civil são governados ou pela própria lei ou pelas condições de vários contratos.

Penso, então, que o que é surpreendente de um ponto de vista moderno é simplesmente quão forte é a ênfase dada à liberdade e à agência individual. Mesmo se considerarmos os direitos naturais, há muito poucos direitos inalienáveis. O direito à autoconservação é um deles, assim como o direito de dispor do próprio corpo em termos de castidade ou matrimônio. Mas o próprio matrimônio implica dar o *dominium* sobre o próprio corpo a outra pessoa. Além disso, a escravidão, a alienação do *dominium* sobre as próprias ações, também é legítima para todos eles. Certamente há limitações quanto ao que um senhor pode fazer a um escravo, mas essas limitações (como no caso acima) estão contidas no direito natural. Ninguém

¹ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

parece pensar que a escravidão seja, ela própria, tão inconsistente com a natureza humana que não possa ser justificada. Portanto, sim, os seres humanos são livres; mas essa mesma liberdade significa que eles podem perdê-la. Em minha opinião, não se pode dizer que Suárez ou qualquer outro escolástico tardio tenha uma teoria dos direitos humanos que sequer se aproxime de nosso sentido moderno.

“[Suárez] fez uma intervenção importante na complicada discussão que os escolásticos tiveram uns com os outros sobre o que esse direito era.”

IHU On-Line – Nos dias de hoje, há uma grande ênfase nas teorias construtivistas de direitos humanos, ou seja, que afirmam que os direitos humanos não têm outra base que não a construção histórico-social. Como uma concepção de lei natural e direitos naturais oferece um contraponto a tais teorias? Como justificar uma concepção jusnaturalista de direitos humanos tal como a de Suárez frente a esse quadro contemporâneo?

Annabel Brett – Minha resposta a esta pergunta é condicionada pelo fato (veja minha resposta à pergunta anterior) de que não acho que Suárez ou qualquer outro escolástico tardio tenha uma teoria dos direitos humanos. Eles têm uma teoria dos direitos naturais, mas isso não é a

mesma coisa. Portanto, vou responder pressupondo uma contraposição entre os direitos naturais da escolástica tardia e os direitos humanos, embora alguns dos mesmos argumentos possam se aplicar a ambos.

Uma concepção baseada no direito natural/nos direitos naturais pressupõe que haja alguma “natureza” independente da construção dela por parte do ser humano. Na perspectiva teológica de Suárez, essa natureza é criada por Deus. Entretanto, quer se invoque a Deus ou não, não há meramente uma natureza independente, mas uma normatividade incrustada nessa natureza que os direitos protegem e promovem. Eu pessoalmente não penso que essa concepção possa ser justificada. Para mim, a “natureza” não é independente da construção humana. As concepções do que é “natural”, incluindo o que é a “natureza humana”, sempre foram plurais, e elas mudaram ao longo dos séculos e vão mudar de novo. Não podemos privilegiar qualquer uma delas sobre qualquer outra apontando para coisas que não estão contidas dentro da noção de “natural”.

Uma estratégia antiquíssima para sustentar uma noção “imutável”, independente do ser humano, a respeito da natureza é apontar para o comportamento não humano – animais cuidando de seus filhotes etc. De acordo com essa forma de pensamento, podemos ter uma ideia da naturalidade do comportamento humano examinando os seres humanos a partir do mesmo ponto de vista. Vemos que todos os seres humanos fazem tais e tais coisas, sentem dor quando ocorre isso ou aquilo e prazer com isso ou aquilo etc. Isso constitui a base para alguma espécie de teoria do direito natural/dos direitos naturais/dos direitos humanos. Versões desse argumento se encontram na abordagem das capacidades de Martha Nussbaum² e na reconstrução do direito natural

² **Martha Craven Nussbaum** (1947): filósofa estadunidense particularmente interessada em filosofia grega, romana, filosofia política e ética. Em setembro de 2005, Nussbaum foi relacionada entre os cem intelectuais mais influentes do mundo em uma enquete feita pela Foreign Policy. (Nota da **IHU On-Line**)

tomista proposta por Jean Porter³. Bem, eu simpatizo com a ideia de algum tipo de descrição rica – e, por consequência, inevitavelmente normativa – da natureza não humana. Acho que nós queremos uma descrição da natureza animal que não seja puramente em termos de processo biológico (p. ex., divisão das células), mas também contenha atribuições de instinto, propósito, dor e prazer. Essas atribuições são inevitavelmente portadoras de força normativa na medida em que elas são contínuas com a linguagem que usamos para nos descrever. Mas temos de reconhecer que essa linguagem é nossa construção e interpretação: ela não está *na* “natureza”, nem na natureza animal e nem na natureza humana, e, além disso, a distinção entre natureza animal e natureza humana também é sempre construída. Nós construímos a natureza, assim como construímos a nós mesmos, através de palavras (embora também através de outras formas de arte), e essas palavras têm uma história, uma cultura e uma política atrás de si.

Temo, portanto, que eu deva ser incluída entre as pessoas que sustentam a construção sócio-histórica dos direitos naturais (e dos direitos humanos – e dos direitos animais). Não é que eu ache que a ideia do natural não tenha utilidade; ocorre meramente que, sempre que esse termo é usado normativamente (e isso inclui descrições de comportamentos), penso que ele expressa nossas sensibilidades e simpatias culturais, e não algo que esteja objetivamente “lá”. Mas isso não é uma falha ou debilidade; é, pelo contrário, um grande ponto forte.

IHU On-Line – Suárez é conhecido por ser um dos princi-

³ **Jean Porter**: teóloga norte-americana, professora de teologia na Universidade de Notre Dame. Doutora em Estudos Religiosos pela Universidade de Yale. Alguns de seus livros: *Ministers of the Law: A Natural Law Theory of Legal Authority* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2010), *Nature as Reason: A Thomistic Theory of the Natural Law* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005), *Natural and Divine Law: Reclaiming the Tradition for Christian Ethics* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999) e *Moral Action and Christian Ethics* (Cambridge: Cambridge University Press, 1994). (Nota da **IHU On-Line**)

país propugnadores do “direito das gentes” (*ius gentium*). Quais foram suas maiores contribuições nessa área? Ainda nesse sentido, qual é a atualidade dessa proposta?

Annabel Brett – O *ius gentium* é uma das mais ricas ideias do pensamento escolástico tardio, e Suárez fez uma intervenção importante na complicada discussão que os escolásticos tiveram uns com os outros sobre o que esse direito era.

Quase todos os escolásticos tardios concordavam que o *ius gentium* era direito positivo, e não direito natural. Nas mãos deles, ele era, basicamente, um direito de divisão: a divisão do *dominium*, tanto em termos de propriedade quanto de jurisdição, isto é, o estabelecimento de comunidades políticas separadas. Os dois processos andavam juntos de formas interessantes. Todos eles, contudo, pensavam que a divisão não era inconsistente com a unidade e sociedade contínua e geral da espécie humana. Com efeito, após a Queda, a divisão era necessária para a unidade. E a divisão não era total: algumas coisas não eram divididas, incluindo o ar, os mares, as rotas de comércio e de viagem – mesmo que este último ponto fosse controverso.

Dentro dessa concepção ampla, Suárez é conhecido por ter dividido o *ius gentium* em dois – um *ius intra gentes* [direito dentro dos povos] e um *ius inter gentes* [direito entre os povos]. Antes dele, o *ius gentium* tinha sido uma espécie de “mistura” de conteúdos, alguns referentes às relações entre indivíduos (p. ex., os contratos) e outros, às relações entre entidades políticas (principalmente a guerra, incluindo a questão dos embaixadores etc.). Suárez distinguiu entre as espécies de práticas que ocorrem universalmente entre indivíduos e as que ocorrem universalmente entre comunidades políticas. As primeiras não eram “propriamente” o *ius gentium*, mas uma espécie de conjunto universalizado de normas originalmente particulares. As segundas eram “propriamente” o *ius gentium*, constituindo

o direito “internacional” de comunidades políticas concebidas não como entidades totalmente separadas, mas como fazendo parte, juntas, de uma só unidade moral e política geral da espécie humana. Assim como no pensamento dos outros escolásticos, esses dois direitos eram positivos e não direito natural, no sentido de serem invenções humanas para a conveniência humana que poderiam ter sido diferentes. Mas isso não significa que elas estivessem inteiramente separadas da teleologia do direito natural. Antes – e mais uma vez como no pensamento dos outros escolásticos – o *ius gentium* protege o bem da espécie humana que está fundamentalmente dado no direito natural, mas que não pode ser alcançado puramente através do direito natural.

Em certo sentido, poder-se-ia achar que, com seu *ius inter gentes*, Suárez chegue perto de alguma espécie de direito internacional moderno. Do ponto de vista histórico, entretanto, isso não está tão claro; os expoentes protestantes do direito natural dos séculos 17 e 18 foram muito mais influentes. Em Grotius⁴, encontramos efetivamente uma distinção entre o *ius gentium* propriamente dito, o direito “voluntário” das nações que foi estabelecido entre estados e uma série de outras práticas universais que, sustentava ele, eram inapropriadamente atribuídas ao *ius gentium*, já que de fato faziam parte do direito natural. Grotius insistia que o direito voluntário das nações era necessário para preservar a sociedade humana e era, por isso, em última análise moldado visando a um bem moral, embora suas regras permitissem que as ações de beligerantes injustos tivessem efeito jurídico. A concepção de Suárez era diferente na medida em que seu *ius inter gentes* tem uma relação mais estreita com o direito natural (embora, ainda assim, não fosse derivado dele) e torna a justiça moral da

4 **Hugo Grotius** (1583-1645): jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologetica cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

guerra um aspecto central para sua legalidade. Não obstante, por mais que ambos, de formas diferentes, insistam no propósito moral e na sociedade unida da espécie humana, não há como desconsiderar o fato de que uma das coisas centrais que o *ius gentium* faz é justificar a guerra. Suponho, infelizmente, que isso ainda seja atual hoje em dia.

“O pensamento escolástico tardio dá muita ênfase aos direitos individuais”

IHU On-Line – Como Suárez pensa a legitimação da política e do Estado? Nesse sentido, o que o diferencia e aproxima dos contratualistas ingleses, como Hobbes e Locke e, mais especificamente, em que aspectos suas teorias dos contratos se aproximam ou se diferenciam da proposta de Suárez? Os contratualistas e neocontratualistas leram Suárez? Que aspectos da teoria de Suárez ajudariam a responder os problemas propostos por eles?

Annabel Brett – Como os outros escolásticos tardios, Suárez tem uma justificação fundamentalmente aristotélica para a construção de comunidades políticas: os seres humanos precisam conviver a fim de atingir seus fins, e essa convivência não pode ser mantida apenas com um sistema informal e reduzido de organização como as unidades domésticas, p. ex., mas exige o poder político e as leis que só ele pode legislar e fazer cumprir (Na verdade, Luís de Molina⁵ sabia muito bem que os

5 **Luís de Molina** (1535-1600): jesuíta, teólogo e jurista espanhol. Testemunhou a conquista espa-

habitantes indígenas das Américas não tinham comunidades políticas em grande escala, e sim sistemas familiares em escala menor. Entretanto, em vez de questionar a distinção entre o âmbito doméstico e o político, ele optou por sustentar que os cabeças de família nessas situações efetivamente detêm o poder político). Mais uma vez, como os outros escolásticos, Suárez sustentou que o poder político não existe naturalmente nos indivíduos, mas é gerado quando os cabeças de família se juntam para formar uma comunidade política. Para Suárez, esse juntar-se implica um ato de vontade por parte de todos os cabeças de família individualmente (as mulheres e crianças acompanham o homem). Pessoalmente, não penso que esse ato de vontade seja um contrato, e sim um empreendimento voluntário moralmente transformador que une todas as pessoas que o fazem em uma só unidade “moral”, que, então, tem necessariamente o poder político necessário para governá-la. Esse poder político é, então, transferido a um governo, com base nas condições da comunidade, e essa transferência é, em minha opinião, um contrato. (Há uma narrativa diferente em *Defensio fidei*, mas não há espaço aqui para entrar em maiores detalhes).

Portanto, isso é diferente de Gro-

tius, Pufendorf⁶ ou Locke⁷, que têm, todos, algum tipo de variante do “contrato duplo”, embora eu ache que Grotius leu Suárez e que sua compreensão de poder político deve alguma coisa a ele (É notório, naturalmente, que Grotius difere de todos os escolásticos ao ver a punição como um poder que os indivíduos possuem no estado da natureza, e não como uma parte essencial do poder político que só existe depois que o corpo político tenha sido formado). A teoria de Suárez tampouco é como a de ⁸Hobbes, que tem um contrato só (a rigor, um pacto), mas ele é um pacto que cria primeiramente o po-

6 **Samuel Pufendorf** (1632-1694): jurista alemão. No campo do direito público, ensina que a vontade do Estado é a soma das vontades individuais que o constituem e que tal associação explica o Estado. Nesta concepção *a priori*, Pufendorf demonstra ser um precursor de Jean-Jacques Rousseau e do “contrato social”. Defende a noção de que o direito internacional não está restrito à cristandade, mas constitui um elo comum a todas as nações, pois todas elas formam a humanidade. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **John Locke** (1632-1704): filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. A filosofia da mente de Locke é frequentemente citada como a origem das concepções modernas de identidade e do “Eu”. O conceito de identidade pessoal, seus conceitos e questionamentos figuraram com destaque na obra de filósofos posteriores, como David Hume, Jean-Jacques Rousseau e Kant. Locke foi o primeiro a definir o “si mesmo” através de uma continuidade de consciência. Ele postulou que a mente era uma lousa em branco (tabula rasa). Em oposição ao Cartesianismo, ele sustentou que nascemos sem ideias inatas, e que o conhecimento é determinado apenas pela experiência derivada da percepção sensorial. O pensador escreveu o Ensaio acerca do Entendimento Humano, onde desenvolve sua teoria sobre a origem e a natureza do conhecimento. Suas ideias ajudaram a derrubar o absolutismo na Inglaterra. Dizia que todos os homens, ao nascer, tinham direitos naturais – direito à vida, à liberdade e à propriedade. Para garantir esses direitos naturais, os homens haviam criado governos. Se esses governos, contudo, não respeitassem a vida, a liberdade e a propriedade, o povo tinha o direito de se revoltar contra eles. As pessoas podiam contestar um governo injusto e não eram obrigadas a aceitar suas decisões. Dedicou-se também à filosofia política. No Primeiro Tratado sobre o Governo Civil, crítica a tradição que afirmava o direito divino dos reis, declarando que a vida política é uma invenção humana, completamente independente das questões divinas. No Segundo Tratado sobre o Governo Civil, expõe sua teoria do Estado liberal e a propriedade privada. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Thomas Hobbes** (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela professora Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 6-10-2008. O material está disponível em <https://goo.gl/UMRVfg>. (Nota da **IHU On-Line**)

der soberano, e a unidade só como consequência desse poder.

O que Suárez, Hobbes e, creio eu, também Grotius (para quem o poder de punir não é a totalidade do poder político) têm em comum é a necessidade de explicar a gênese do poder político, que é algo que não existe na natureza. Para todos eles, isso exige uma metafísica que vá além da metafísica jurídica de direitos e contratos. E todos eles parecem pensar que, por parte dos indivíduos, acontece algo no nível da comunidade política que exige mais do que simplesmente o que está implicado no seguimento do direito natural. Manter a comunidade política unida exige um conjunto de virtudes políticas, sendo a obediência uma virtude central entre elas.

A formação teológica de Suárez, e especialmente a extensa meditação escolástica sobre Romanos 13, dá-lhe uma explicação muito forte dessa virtude em particular. Tanto Grotius quanto Hobbes também a querem, mas têm mais dificuldade em combiná-la com suas premissas de direito natural/direitos naturais. Para ambos, o estado está fundamentado em um contrato, e a virtude implicada no cumprimento de um contrato é a justiça. Por conseguinte, a virtude implicada na sustentação do estado deveria ser simplesmente a justiça. Mas não é. Nenhum dos dois pensa que a virtude de um súdito possa ser reduzida à justiça, o mesmo tipo de justiça que estaria implicado em se cumprir um contrato com alguém fora do estado. Penso que todos esses três teóricos diferem das teorias contratualistas modernas na rica explicação que dão a respeito da ética da sujeição. Nós relutamos em falar em sujeição atualmente, pois gostamos de achar que somos todos e todas livres. É por isso que gostamos de pensar que podemos deixar todo o trabalho por conta da justiça. Mas, embora ninguém (suponho) fosse querer reavivar qualquer uma dessas teorias políticas da modernidade incipiente, poderíamos pensar proveitosamente sobre a gama mais ampla de atitudes e etos político que sustentam, no pensamento de Suárez e de outros, o frágil espaço da vida política mútua. ■

nhola da América do Sul e Central e o despontar da Espanha como um enorme império colonial que se estendia por boa parte do globo. Apesar de espanhol, passou a maior parte de sua vida adulta em Portugal. Foi uma figura destacada da chamada Escola de Salamanca. Sua doutrina recebeu o nome de molinismo (que não deve ser confundido com o molinosismo, de Miguel de Molinos, outro teólogo espanhol). Estudou Direito na Universidade de Salamanca e Escolástica na de Alcalá. Em Alcalá, entrou em contato pela primeira vez com a Companhia de Jesus e foi estudar na Universidade de Coimbra, onde começa sua carreira docente, que continuou na Universidade de Évora. Sua carreira acadêmica já havia começado durante seus estudos de teologia. No começo, lecionava filosofia ocasionalmente em Coimbra e posteriormente chegou a ser substituído na cadeira de teologia da Universidade de Évora. De 1563 até 1567, lecionou seu próprio curso de filosofia na Faculdade Jesuíta de Coimbra. De 1568 até 1583, lecionou teologia na Universidade de Évora, que havia sido dada aos jesuítas em 1559. Lá ele lecionou sobre a *Summa Theologiae*, de Tomás de Aquino. Suas palestras sobre a *Prima Pars* e a *Secunda Secundae* compreendiam a base de sua obra *Commentaria in Primam Divi Thomae Partem*, publicada em Cuenca, em 1592, cujos alguns trechos primeiro faziam parte da *Concordia* (1588) e, posteriormente, dos seis volumes do *De Iustitia et Iure* (1593-1613). (Nota da **IHU On-Line**).



A origem dos Direitos Humanos está na releitura do Direito das Gentes

Alfredo Culleton analisa a importância da Escola de Salamanca, e especialmente de Suárez, na compreensão das culturas dos povos como autoridade legítima

Patrícia Fachin | Edição: João Vitor Santos

Uma das perspectivas que revelam a atualidade do pensamento de Francisco Suárez pode ser detectada na gênese do que hoje compreendemos por Direitos Humanos. Segundo o professor do PPG em Filosofia – Unisinos, Alfredo Culleton, este é, de certa forma, uma releitura do Direito das Gentes feito pelo autor e seus contemporâneos da Escola de Salamanca. De fato, sua origem está no direito romano, que ainda atravessa a idade média. Porém, esse Direito das Gentes se transmuta em Humanos pela forma como é recebido e reinterpretado pelo grupo. Para Culleton, ele passa “a ser entendido como um direito que considera as culturas dos povos como autoridade legítima que deve ser respeitada, uma consideração ao que foi construído ao longo do tempo pelos povos e que não temos direito de atropelar sob nenhuma alegação”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor ainda destaca que “o conceito de Direito de Gentes é importante porque, mesmo sendo um direito que se expressa numa positividade, numa norma escrita, tem na sua base uma racionalidade que considera as culturas, a diversidade de mo-

dos de manifestação cultural”. “Os Direitos Humanos, antes que fundamentados ‘nas dinâmicas e demandas sociais’, são fundamentados na razão” completa.

Alfredo Culleton é professor e pesquisador na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Possui estágio pós-doutoral no Medieval Institute – University of Notre Dame – Estados Unidos, doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC – RS. Ainda é presidente da Sociedade Brasileira para o Estudo da Filosofia Medieval, vice presidente da Société Internationale Pour L’étude de La Philosophie Médiévale. Entre suas publicações, destacamos *Scholastica Colonialis: reception and development of Baroque Scholasticism in Latin America in The Sixteenth to Eighteenth Centuries* (Barcelona–Roma: FIDEM Fédération Internationale des Instituts d’Études Médiévales, 2016), *Right and Nature in the first and second scholasticisms* (Turnhout: Brepols, 2014) e *Ockham e a lei natural* (Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade de Francisco Suárez, 400 anos depois?

Alfredo Culleton – Quando um autor continua a ter novas edições depois de 400 anos, isso é um alerta.

Quando as melhores editoras na área de Humanidades continuam a publicar compêndios e volumes sobre a obra de um autor que rejeitaram durante séculos, isso merece atenção especial. Este granadino, cuja importância não se restringe a sua

obra, que provocou tantos comentários e controvérsias em importantes pensadores desde o século XVII, merece uma atenção especial. Esta importância pode ser relativa aos seus contemporâneos, sua originalidade e refinado trato de temas urgentes na

sua época são destaque em relação à atualidade.

A sua sistematicidade, a maneira organizada e planejada como desenvolve a sua obra tem muito a nos dizer hoje. Na atualidade, mesmo que possamos encontrar autores com uma extensa produção bibliográfica, dificilmente encontraremos um tema desenvolvido em 7 volumes de mais de 500 páginas cada um, como é o caso das *Disputationes Metafísicas* de Suárez, na edição da Gredos (Madrid, 1960–1966). Fazer filosofia sem um domínio mínimo da metafísica é improvisação, falar de metafísica sem conhecer esta obra do Suárez é temerário. Isto desde o ponto de vista de uma Filosofia Primeira.

Aliás, desde o ponto de vista da Filosofia Prática, os tratados sobre o Direito e a Política, expressos sobretudo no seu *Defensio fidei* e muito especialmente no *De legibus*, são de uma atualidade admirável, na comparação com um projeto político e normativo, de direito, modernos que não dão conta da realidade contemporânea.

“Fazer filosofia sem um domínio mínimo da metafísica é improvisação, falar de metafísica sem conhecer esta obra do Suárez é temerário”

IHU On-Line – Que aproximações estabelece entre as filosofias de Francisco de Vitória e Francisco Suárez, especialmente acerca do entendimento deles sobre o Direito?

Alfredo Culleton – Em primeiro lugar, Vitória¹ não tem um trabalho sistemático como o do Suárez. Vitória, sobretudo em matéria de Direito, tem as *Reletios* e os *Comentarios* à I–II da Suma Teológica² de Tomás de Aquino³, um trabalho relativamente breve ainda que muito consistente. No caso de Suárez, o seu *De legibus* é uma obra muito mais metódica e exaustiva sobre a Política e o Direito.

Coincide aos dois autores o fato de terem como primeiras referências a tradição aristotélico–tomista e a urgência em ter que dar respostas a novos tempos e a um mundo novo que se inaugura com a chegada dos ibéricos às remotas terras da América, África e Oriente. Este novo mundo, o encontro com culturas muito diferentes e o projeto político religioso de levar o cristianismo *até os confins do mundo*, obriga à formulação de bases teóricas sólidas para tornar compatível o anúncio e a lei natural. Não é a qualquer preço que devia ser feita a evangelização, era, antes de qualquer coisa, um projeto civilizatório e, como tal, devia responder a regras.

IHU On-Line – Em que medida *De Legibus*, de Francisco Suárez, é um dos textos fundadores do Direito Internacional moderno?

Alfredo Culleton – O legado me-

dieval de Tomás de Aquino, Maimônides⁴ e toda a tradição aristotélica, de que não deve haver contradição entre a revelação e a reta razão, obriga a pensar o anúncio dentro do marco de uma razão com pretensões de universalidade que exige uma fundamentação muito sofisticada sob risco de que os fins, por mais legítimos que possam parecer, se tornem justificativa para atrocidades repugnantes à razão.

É por isso que o *De legibus* não só está na base como é o texto mais citado por Grotius⁵ no seu *Do Direito da Guerra e a Paz*. Serve, ainda, de referencial teórico para a justificação de decisões de Cortes Internacionais de Justiça e Direitos Humanos contemporâneos como a Corte Interamericana de Direitos Humanos e da Corte Internacional de Justiça da Haia. Os votos do juiz Antônio Augusto Cançado Trindade⁶, nessas respectivas, cortes são um exemplo.

IHU On-Line – Qual é a originalidade e atualidade do “Direito das gentes” (*Ius gentium*), enquanto uma proposta para discutir os Direitos Humanos?

Alfredo Culleton – O conceito de *ius gentium*, que foi também chamado de *direitos de gentes*, mesmo tendo a sua origem no direito romano e tenha atravessado, sob diferentes versões, a idade média, é recebido pela geração da Escola de Salamanca⁷, e muito especialmente por Suárez, com alguns ajustes e atualiza-

¹ **Francisco de Vitória** (1483-1512): teólogo espanhol neo-escolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada “Escola de Salamanca”, sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da guerra justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Suma Teológica** (São Paulo: Loyola, 2005): obra de São Tomás de Aquino, frade, teólogo. Os escritos são considerados um corpo de doutrina que se constitui numa das bases da dogmática do catolicismo. Também é tida como uma das principais obras filosóficas da escolástica. Foi escrita entre os anos de 1265 a 1273. Nesta obra Aquino trata da natureza de Deus, das questões morais e da natureza de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas *Summae*, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Maimônides** (1135 - 1204): foi médico, rabino e teólogo judeu de al-Andalus (na atual Espanha). Ele era importante como filósofo no pensamento medieval. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Hugo Grotius** (1583-1645): jurista a serviço da República dos Países Baixos. Foi considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologética cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Antônio Augusto Cançado Trindade** (1947): é um jurista brasileiro. Foi juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos de 1994 a 2008 e atualmente é juiz do Tribunal Internacional de Justiça, com mandato de 2009 a 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Escola de Salamanca**: expressão utilizada de forma genérica para designar o renascimento do pensamento em diversas áreas que realizaram um importante grupo de professores universitários espanhóis e portugueses, especialmente os teólogos, como resultado do trabalho intelectual e pedagógico de Francisco de Vitória na Universidade de Salamanca. (Nota da **IHU On-Line**)

ções. Passa a ser entendido como um direito que considera as culturas dos povos como autoridade legítima que deve ser respeitada, uma consideração ao que foi construído ao longo do tempo pelos povos e que não temos direito de atropelar sob nenhuma alegação. São os casos da instituição da propriedade privada, do matrimônio, dos regimes de trabalho, dos tratados internacionais, entre outros.

O conceito de Direito de Gentes, relativo ao que hoje conhecemos como Direitos Humanos, é importante porque, mesmo sendo um direito que se expressa numa positividade, numa norma escrita, tem na sua base uma racionalidade que considera as culturas, a diversidade de modos de manifestação cultural. E isso ao mesmo tempo em que busca a sua universalidade.

IHU On-Line – Atualmente, os Direitos Humanos são vistos como sendo fundamentados nas dinâmicas e demandas sociais, o que engendra uma concepção de Direitos Humanos como radicados nas exigências das sociedades e, portanto, em certa medida eles são contingentes. Como justificar uma concepção jusnaturalista de Direitos Humanos, tal como a de Suárez, frente a esse quadro contemporâneo?

Alfredo Culleton – O jusnaturalismo⁸ não desconsidera as contingências, nem a dinâmica e demandas sociais. Certamente não é um imperativo da razão (de direito natural) um regime de Quotas para o ingresso de negros ou indígenas nas universidades, mas concretamente em muitos países, entre eles o Bra-

sil, como medida reparatória a uma discriminação que naturalmente insiste em se preservar. Não é contrário à razão uma política afirmativa de este tipo.

Os Direitos Humanos, antes que fundamentados ‘nas dinâmicas e demandas sociais’, são fundamentados na razão. As demandas sociais podem ser injustas, como a demanda de pena de morte para delitos de relativa gravidade, o linchamento, ou o modo inumano de restrição de liberdade que é utilizado no sistema prisional brasileiro. Certamente é de direito natural (racional) que um delito tenha previsto punição, assim como que essa punição seja justa. Ora, que seja justa certamente depende da dinâmica histórica, de cada tempo e lugar. Nesse sentido, o jusnaturalismo é absolutamente compatível com a dinâmica reivindicativa de uma sociedade e essa compatibilidade vai depender de um qualificado debate de argumentos racionais com pretensão de universalidade.

IHU On-Line – Acerca da obra de Suárez em seu conjunto, quais destacaria como sendo suas principais contribuições para a Filosofia, a Teologia e o Direito?

Alfredo Culleton – Certamente as *Disputações metafísicas* e o *De legibus*. Para a primeira, recomendo o volume organizado pelo José Meirinhos⁹ e Paula Oliveira e Silva¹⁰, *As Disputações Metafísicas de Francisco Suárez. Estudos e antologia de textos*. Um trabalho excelente, publicado pela Universidade do Porto em 2011. De igual maneira todas as edições das *Disputações* trazem introduções propedêuticas ao próprio texto de Suárez que em muito auxi-

liam o leitor. Do *De legibus ac Deo Legislatore* a edição da Editora Tribuna, Lisboa, 2004, um volume cuidadoso dos XX capítulos do livro I, com uma apresentação e introdução que facilitam um primeiro contato.

“Evangelizar não faria nenhum sentido sem um desenvolvimento civilizatório que o acompanhasse”

IHU On-Line – Por que, na sua avaliação, com exceção da *Disputationes metaphysicae*, o tratado sobre os anjos, de Francisco Suárez, é uma de suas obras mais importantes?

Alfredo Culleton – O *De angelis* é a obra mais extensa depois das *Disputações*. Pertence ao conjunto de tratados publicados postumamente. A primeira edição data de 1620, três anos após a morte de Suárez. O volume, publicado em Lyon, foi organizado pelo seu amigo e colega jesuíta Pe. Baltasar Álvares (1561–1630)¹¹. É composto de dois volumes enormes, dotado de 8 livros, que para o leitor ingênuo pode resultar absolutamente desinteressante. Mas para um leitor mais atento vale destacar que os dois livros mais longos são o segundo, *Sobre a potencia intelectual*, com mais de 300 páginas na edição de Vivès, distribuídos em 40 capítulos, e o livro sétimo, *Sobre o anjo mau*, com quase 200 páginas na mesma edição, em 21 capítulos.

⁸ **Direito natural:** (da expressão latina *ius naturale*) ou jusnaturalismo é uma teoria que procura fundamentar o direito no bom senso, na equidade e no pragmatismo. Ela não se propõe a uma descrição de assuntos humanos por meio de uma teoria; tampouco procura alcançar o patamar de ciência social descritiva. A teoria do direito natural tem, como projeto, avaliar as opções humanas com o propósito de agir de modo razoável e bom. Isso é alcançado através da fundamentação de determinados princípios do direito natural que são considerados bens humanos evidentes em si mesmos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **José Meirinhos:** professor Catedrático no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pesquisador de filosofia medieval. É presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia, da Sociedad de Filosofia Medieval e membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto (UI&D / Research Unit). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Paula Oliveira e Silva:** professora do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, pesquisadora da área de filosofia medieval. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ **Baltasar Álvares** (1560-1630): foi um arquiteto português ativo entre os séculos XVI e XVII. Jesuíta, licenciou-se em Filosofia e Teologia nas universidades de Coimbra e Évora. (Nota da **IHU On-Line**)

São dois verdadeiros tratados sobre o conhecimento, sobre os diferentes modos de conhecimento, e especialmente um tratado sobre as condições de um eventual conhecimento intuitivo, isto é, um conhecimento não mediado pelos sentidos. O outro trata da origem do mal, sua preservação e função na economia da salvação. Sobre um mal que temos enorme dificuldade de entender ainda hoje e que nos preocupamos em combater sem saber sua razão ou fundamento, tentando combates ele no escuro como uma questão puramente moral, evidentemente sem sucesso.

IHU On-Line – Quais obras de Francisco Suárez estão disponíveis no Memorial Jesuíta da biblioteca da Unisinos?

Alfredo Culleton – O acervo do Memorial Jesuíta localizado na biblioteca da Unisinos, em São Leopoldo, conta com uma coleção de obras de Suárez sem igual no Brasil. São 75 exemplares contendo os 27 títulos do *doctor Eximio*, como é chamado o nosso autor. Muitas edições diferentes, algumas incompletas e outras completas como a da edição Vivés da segunda metade do século

XVIII, que é a melhor e melhor editada. Temos igualmente exemplares de primeiras edições como do *De legibus* e exemplares em diversas línguas ademais do latim.

IHU On-Line – Qual tem sido a recepção e o estudo do pensamento de Suárez nas universidades da América Latina?

Alfredo Culleton – Sabemos que desde a metade do século XVI são fundadas universidades em toda América Latina aos moldes da Universidade de Salamanca, com o intuito de sentar bases acadêmicas e intelectuais sólidas nestes territórios recentemente descobertos. Evangelizar não faria nenhum sentido sem um desenvolvimento civilizatório que o acompanhasse. Até os anos de 1700, em menos de 150 anos, eram 23 as universidades estendidas em todo o território americano. Em todas elas se destacam ricas bibliotecas que nada deixavam a desejar às bibliotecas das universidades de Salamanca e Coimbra. Contam inclusive com editoras para o lançamento de livros acadêmicos e pastorais¹².

¹² Ver <http://www.scholasticacolonialis.com/>. (Nota

Todas essas bibliotecas contam com inúmeras edições de Suárez, sendo um dos autores preferidos junto com Domingo de Soto¹³ e Thomas Sanchez¹⁴. Se usarmos como exemplo o Inventario de la Biblioteca de los Jesuitas em Cuzco, inventario feito nos dias da sua expulsão na segunda metade do século XVIII, apenas da obra *Metaphysicorum Disputationum* encontramos oito edições diferentes, edições volumosas e caras. Isto evidencia a importância e vitalidade de um autor num determinado tempo. O número de edições numa mesma biblioteca evidencia que não é uma obra de referência mas uma obra muito usada e estudada. É o caso, nessa mesma biblioteca, da Suma de Teologia de Tomás de Aquino e o tratado sobre o Matrimônio de Tomás Sanchez. ■

do entrevistado)

¹³ **Domingo de Soto (1494 - 1560)**: foi um frade dominicano e teólogo espanhol e confessor do imperador Carlos V. Foi professor de teologia na Universidade de Salamanca onde integrou a denominada Escola de Salamanca. Em 1545 foi enviado ao Concílio de Trento como teólogo imperial ante a impossibilidade de que fosse o também dominicano Francisco de Vitória. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **Tomás Sánchez (1550 - 19 de maio de 1610)** foi um sacerdote jesuíta espanhol e famoso casuista e teólogo moralista. (Nota da IHU On-Line)

Leia mais

– **Perfil de Alfredo Culleton**, publicado na revista IHU On-Line número 343, de 13-9-2010, disponível em <http://bit.ly/2xXJVAg>.

– **O pensamento de Suarez como base dos direitos humanos**, entrevista com Alfredo Culleton, publicada revista IHU On-Line número 342, de 6-9-2010, disponível em <http://bit.ly/2wYkiQz>.

– **“A verdade é uma formulação de linguagem”**, entrevista com Alfredo Culleton, publicada revista IHU On-Line número 363, de 30-5-2011, disponível em <http://bit.ly/2eSSt3Q>.

– **A humanidade condensada na literatura**, entrevista com Alfredo Culleton, publicada revista IHU On-Line número 444, de 2-6-2014, disponível em <http://bit.ly/2y2ZAPM>.

– **A interculturalidade medieval**, entrevista com Alfredo Culleton, publicada revista IHU On-Line número 198, de 2-10-2006, disponível em <http://bit.ly/2b7NePr>.

– **Ninguém aceita a morte por suposição**, entrevista com Alfredo Culleton, publicada revista IHU On-Line número 269, de 18-8-2008, disponível em <http://bit.ly/2vSHsGQ>.

IHU IDEIAS

*Um espaço de reflexão interdisciplinar para debater
e avaliar grandes desafios de nossa época*



Os múltiplos critérios da justiça distributiva: Análise ético-jurídica da distribuição de moradias populares pelo poder público

19 de outubro de 2017

(Quinta-feira) | 17h30min às 19h

Conferencista:

Prof. MS Celito De Bona – UNIOESTE

Local: **Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos | Campus São Leopoldo**

ihu.unisinos.br



Depois do acidente, a obra foi interditada e segue interrompida (Foto: Lucas Schardong/IHU)

70

O profundo silenciamento sobre a morte de trabalhadores

Ricardo Machado; Lucas Schardong

Se uma tragédia pudesse ser descrita em números, a que trataremos nesse texto poderia ser resumida assim: há mais de 50 dias uma marquise, com aproximadamente 15 metros de comprimento, despencou de pouco mais de quase três metros de altura, matando dois operários e deixando outros três feridos. Contudo, uma tragédia não é possível de ser explicada nem reduzida a números. Os trabalhadores Jairo Rodrigues Cavallari, 26 anos, e Lautiere Müller Kulba, 30 anos, morreram no dia 27 de julho após uma marquise de concreto cair em cima de cinco trabalhadores, na cidade de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Depois de ter virado notícia na imprensa local, o assunto caiu no ostracismo. Enquanto a vegetação cresce no pátio da obra, o silêncio solitário do local ecoa o

abandono dos órgãos fiscalizadores em relação à defesa dos direitos dos trabalhadores. Embargada pelo Ministério do Trabalho, a construção ainda está sob análise da Segurança do Trabalho da Superintendência Regional do Trabalho no Rio Grande do Sul, sediada em Porto Alegre. No Rio Grande do Sul, os dados mais recentes são de 2015 e revelam o número de 146 trabalhadores mortos, somente naquele ano. Além disso, mais de 52 mil operários sofreram acidentes de trabalho, conforme dados do Ministério da Previdência Social.

De acordo com o chefe do Setor de Inspeção do Trabalho Gerência Regional de Novo Hamburgo, Rafael Jassen de Araujo, a obra “foi embargada e deve permanecer paralisada até que providências de segurança permitam a retomada do trabalho no local”. Ele também afirma que o res-

ponsável pela construção foi notificado para apresentação de documentos trabalhistas e da área de saúde e segurança do trabalhador, que serão verificados pelos auditores designados para a fiscalização.

Rafael também informa que a empresa responsável entrou com um levantamento de embargo. A partir disso, a documentação será analisada e, caso seja satisfatória, o local da obra sofrerá fiscalização. Caso as normas de segurança estiverem de acordo com a legislação, a empresa poderá dar continuidade aos trabalhos.

Nenhum dos proprietários ou engenheiros da Mavel Engenharia e Construções, empresa responsável pela obra, quis conversar com a reportagem da IHU On-Line. Durante contato telefônico, a resposta da empresa, dada por uma atendente, que se negou a se identificar, foi que não forneceriam nenhuma informação sobre o assunto, e que aguardavam o resultado da perícia para se pronunciarem.

Órgãos públicos

Na época, a prefeitura de São Leopoldo, por meio de uma nota, lamentou a tragédia e informou que a “obra foi devidamente licenciada e conta com seus próprios responsáveis técnicos tanto pelo projeto quanto pela execução”. A reportagem entrou em contato com o órgão municipal novamente, através da Diretoria de Urbanismo, que está diretamente ligada à Secretaria de Gestão e Governo. A resposta, contudo, foi que o auto de embargo já havia sido apresentado por falta de segurança e que estavam no aguardo do laudo fiscal realizado pela perícia para tomar as medidas cabíveis. Já a Procuradoria Geral do Município também informou que os procuradores de São Leopoldo não receberam nenhuma ocorrência ou ofício

relacionado ao incidente.

O Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – Cerest de Canoas, que atua no Vale do Sinos e é responsável pela investigação dos acidentes de trabalho com óbito, afirmou ter feito contato com o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul – Crea-RS e com o Sindicato da Construção Civil para se munir de mais informações. De acordo com o Cerest, ainda é muito cedo para se chegar a qualquer conclusão, e estão aguardando os laudos técnicos do acidente.

O Crea-RS, por sua vez, afirma que fez a fiscalização de todos os profissionais e empresas responsáveis pelas atividades técnicas da obra, incluindo a parte de projetos e dos responsáveis pela segurança da construção. Além disso, está averiguando todos os pontos que poderiam ter levado ao incidente, para, a partir disso, enviar os relatórios preliminares para laudo técnico ao Ministério do Trabalho e



No chão, a marquise que despencou sobre os trabalhadores (Foto: Lucas Schardong/IHU)

ao Ministério Público do Trabalho – MPT. Entretanto, até o fechamento desta reportagem, ninguém havia sido responsabilizado e sequer se sabiam, exatamente, as causas do acidente. Enquanto as autoridades investigam o caso, a impunidade cresce verde e reluzente, como o capim que verte entre os vãos do concreto de uma obra abandonada. ■

Gráfico do número de mortes e acidentes dos trabalhadores no Rio Grande do Sul e Vale do Sinos

ACIDENTES DE TRABALHO NO VALE DO SINOS EM 2015							
	Total de acidentes	Com Comunicação de Acidentes de Trabalho cadastrada no INSS				Sem Comunicação de Acidentes de Trabalho cadastrada	Óbito
		Total	Motivo do acidente				
			Típico	Trajeto	Doença		
Araricá	20	20	18	2	0	0	0
Campo Bom	204	167	112	55	0	37	0
Canoas	1603	1448	1098	268	82	155	5
Dois Irmãos	283	225	201	23	1	58	1
Estância Velha	91	91	63	26	2	0	1
Esteio	496	325	250	73	2	171	0
Ivoti	102	102	82	20	0	0	1
Nova Hartz	39	39	30	9	0	0	1
Nova Santa Rita	86	86	58	21	7	0	0
Novo Hamburgo	981	879	670	195	14	102	2
Portão	100	100	83	16	1	0	0
São Leopoldo	921	826	643	168	15	95	2
Sapiranga	248	214	149	62	3	34	0
Sapucaia do Sul	404	404	292	104	8	0	1
Vale do Sinos	5578	4926	3749	1042	135	652	14
Rio Grande do Sul	52030	40360	32631	6603	1126	11670	146

Fonte: Ministério da Previdência Social / Dados Históricos de Acidentes de Trabalho

72

ObservaSinós

OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO VALE DO RIO DOS SINOS



ihu.unisinos.br



Últimos dias em Havana apresenta pouco mais de três meses da vida dos amigos de infância Miguel (Patrício Wood, de frente) e Diego (Jorge Martínez)

O medo da partida

Filme cubano sobre dois amigos reflete de maneira pouco politizada sobre amizade, medos e sonhos

73

Fernando Del Corona¹

Em tempos de polaridade política acentuada, a simples menção de Cuba, no Brasil, vem carregada de peso simbólico. Assim, um filme como *Últimos dias em Havana*, de Fernando Pérez, à primeira vista, pode trazer a ideia de discussões sociais e econômicas, sejam críticas ou favoráveis. Porém, enquanto a realidade cubana – politizada por si só – aparece como fundo da história apresentada nesta obra, não é esse o foco buscado por Pérez. A política faz parte da vida de seus personagens e do mundo apresentado, mas não é a única dimensão que estabelece sentido.

A trama se desenrola durante pouco mais de três meses, durante um final de ano em Havana. Os dias são marcados por títulos em tela que sugerem a profética contagem regressiva do título. São os últimos dias em Havana de Miguel (Patrício Wood) e Diego (Jorge Martínez). O primeiro planeja sua emigração para os Estados Unidos, enquanto trabalha como limpador de pratos na espera de um visto que não chega. O segundo, confinado à sua cama por complicações do vírus HIV. Amigos de infância, ambos moram juntos em um cortiço, e Miguel cuida com diligência de Diego, preparando suas refeições e administrando seus remédios.

Outras pessoas circulam pelo apartamento deles. As vizinhas Fefa (Carmen Solar) e Miriam (Yailene Sierra), a jovem sobrinha de Diego, Yusisleydis (Gabriela Ramos), e o garoto de programa P4 (Cristian Jesús Pérez), que sonha em comprar uma bicicleta para funcionar como bici-táxi em Havana. A vida cubana também brilha através dos personagens secundários que entram e saem: a tia de Diego, que critica a postura antirrevolucionária de Miguel, mas se interessa somente pela pouca

¹ Fernando Del Corona é mestrando em Comunicação e especialista em Televisão e Convergência Digital pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, graduado em Produção Audiovisual pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Em seu artigo de conclusão da especialização, pesquisou a relação de fãs da série *Game of Thrones* com spoilers no ambiente do site reddit. Em sua dissertação, em fase de desenvolvimento, investiga a presença da imagem-tempo na obra da diretora norte-americana Sofia Coppola.

herança a ser deixada por Diego, o namorado punk de Yusisleydis, que deseja virar confeitiro, e até um taxista apaixonado por Beethoven.

Miguel é sisudo e silencioso, frustrado pelo seu passado, vivendo apenas por um possível futuro. Diego é animado e falante, passa seus dias vendo filmes pornô e tentando animar seu amigo. Percebe-se que não apenas Diego precisa do amigo – a dependência é mútua. A amizade entre eles parece ser a única coisa que dá algum sentido para a vida de Miguel, que é ciumento e protetor, além de suspeitar de qualquer um que invada o espaço dos dois. Yusisleydis nota que ele parece uma coruja, observando, sem nada por trás dos olhos. O rosto dele, carregado e triste, é uma das imagens mais marcantes do filme. Um texto declamado no final do filme, diretamente para a câmera, fugindo inesperadamente da estética apresentada até então, é um dos momentos mais poderosos e encerra o filme com uma nota pesarosa, mas não sem esperança.

Apesar de todos os personagens em cena e dos relativos poucos momentos que Miguel e Diego dividem, é a relação deles que está no centro da história. Fica-se sabendo de um passado compartilhado, quando Miguel defendeu Diego onde ninguém mais o fez, e se vê fotos dos dois jovens. Entre eles existe o tipo de conforto na presença um do outro que nasce apenas de muito tempo de convivência, e por trás da fachada indiferente de Miguel, surge o carinho que sente por Diego, por vezes de maneira devastadora.

A dualidade entre a vida e a morte, o estar e o ir, perdura naquele apartamento. Miguel em estado de suspensão emocional esperando sua chance de imigrar, Diego fisicamente confinado na cama, mas com o espírito livre. Miguel, vivo, mas quase morto. Diego, quase morto, mas vivo.

O filme é praticamente episódico, a única constante sendo a espera. “Neste quarto não existe tempo”, explica Diego para a sobrinha. Pelos corredores do cortiço, nas ruas e lojas, percebem-se os sinais de vida que fogem ao alcance dos dois protagonistas. O movimento na rotina de ambos se dá pelas outras pessoas que os cercam e, por vezes, trazem seus próprios dramas até eles. Por mais que Diego busque corajosamente algum tipo de luz e leveza, existe uma sombra no filme, um peso enorme. Conforme o tempo passa, surge a questão do que será de um sem o outro – se é que será possível que eles existam separados. Ambos estão presos entre a angústia de permanecer e a dor de partir.

Filmado quase de maneira teatral – a maior parte da ação se passa no apartamento de dois cômodos deles –, *Últimos dias em Havana* é triste e sensível. O diretor tem um olho afiado para demonstrar o afeto entre seus personagens, os atores fazem jus ao desafio. Apesar de um desnecessário posfácio, o filme carrega uma pesada carga dramática sem cair em clichês.

A política está envolvida indiretamente na vida de todos, mas cada um carrega em si seus próprios sonhos, planos, dores e medos. Através de Yusisleydis existe um vislumbre de uma nova geração cubana – ela planeja nomear seus filhos inspirada em filmes americanos –, sua irreverência em franco contraste com a rigidez de Miguel, que conta, literalmente, os segundos do relógio. Ao mesmo tempo, existe nos dois habitantes do apartamento imagens do que aquela sociedade buscou esconder e ostracizar: o antirrevolucionário, o homossexual. Isolados e incompatíveis com o mundo externo, criam sua própria vida à parte, seus afetos e suas maneiras de sonhar.



Últimos días em Havana (2016), de Fernando Peréz

Ficha técnica

Últimos días em Havana

Título original: Últimos días em La Habana

Direção: Fernando Peréz

Produção: Danilo León, José María Morales

Elenco: Patrício Wood, Jorge Martínez, Gabriela Ramos, Cristian Jesús Pérez, Carmen Solar, Yailene Sierra

Cuba/Espanha, 2016, 92 min.



O Sistema Internacional da liquidez infinita e acumulação selvagem

Bruno Lima Rocha

O exercício de hegemonia da Superpotência vem do monitoramento e punição discricionária sobre a arquitetura financeira mundial através da qual sua oligarquia, retroalimentada por um sistema de portas giratórias entre os aparelhos de Estado e os componentes do Sistema do BIS e complementares, elege alvos de forma discricionária, atuando a partir do interesse direto de grupos de pressão dos EUA.

Bruno Lima Rocha é doutor em ciência política pela UFRGS e professor de relações internacionais da Unisinos.

Eis o artigo.

É urgente interpretar tanto a situação do capitalismo financeiro em sua etapa contemporânea, como as formas não militares de exercício da hegemonia – hoje desafiada – da Superpotência no Sistema Internacional (SI). Precisamos analisar a perda de perspectivas da semiperiferia em termos da promoção de um desenvolvimento capitalista autônomo num ambiente de economia globalizada com dominância financeira e gestão hegemônica da potência principal da arquitetura do Sistema Monetário Internacional.

Este ambiente, ainda que nos períodos de boom funcione expandindo o crédito (tal foi o caso brasileiro), nos períodos de instabilidade penaliza de formas variadas a periferia. Para tal é primordial conhecer a “livre mobilidade” de capitais, preconizado pela ideologia neoliberal e viabilizado pela existência dos chamados paraísos fiscais e formas de lavagem de dinheiro. Estas só não são “toleradas” pela potência hegemônica quando é do interesse dos capitais posicionados junto a Washington impedirem a utilização desse expediente pelos capitais periféricos. Escolhendo como e a quem punir, trata da capacidade única repressiva exercida pelos Estados Unidos da América (EUA) como forma de projeção permanente de seus excedentes de poder, impedindo qualquer política de controle total dos fluxos pelos países periféricos. Isso significa não apenas que estes se tornem válvula de escape para os capitais forâneos, como também restringe o uso de políticas direcionadoras do capital nacional à produção, não gerando assim trabalho vivo e incremento de renda nacional.

Tal modelo de acumulação só é possível através da atual de mobilidade de capitais voláteis e evasão de riquezas, e estes só operam com o pleno funcionamento dos chamados paraísos fiscais – Jurisdições Secretas – relacionados tanto com a criação de holdings controladoras e empresas fantasmas, de tipo offshore. Ao mesmo tempo, a discricionariedade punitiva impera. O uso seletivo do monitoramento, vigilância e repressão da Superpotência proporciona-lhe uma vantagem competitiva absoluta em relação aos demais países, em especial os emergentes liderando a Semiperiferia. Através do complexo industrial militar, em específico no subcomplexo de tecnologia, telemática, telecomunicações e vigilância eletrônica, os EUA conseguem antecipar-se na escolha de alvos, elevando sua capacidade punitiva e de subordinação de possíveis concorrentes (conglomerados empresariais e/ou empresas estatais de capital misto) no controle de cadeias de valor globais.

“As atividades bancárias complementares não reguladas formam o ‘shadow banking’ e são a possível futura bolha a ser deflagrada no SI”

De um ponto de vista sistêmico, a arquitetura financeira mundial e o emprego do complexo de vigilância eletrônica, evidenciado com a denúncia do Sistema PRISM, são conjuntos superpostos. Tal sistema equivale à adequação de projeção de poder mundial dos EUA, iniciado formalmente em 2002, adequada à etapa financeira do capitalismo globalizado, reconhecendo que os parques de manufatura haviam se deslocado para o eixo Ásia-Pacífico e as áreas em disputa estão na Semiperiferia do capitalismo do século XXI.

Se analisarmos o *modus operandi* do sistema das Jurisdições Especiais, fator central na arquitetura financeira mundial – e ao contrário do senso comum, observaremos que não se trata de um conjunto de “ilhas isoladas” –, vê-se a conformação, em sua maioria, de territórios associados ou diretamente pertencentes aos países centrais do capitalismo global (China incluída). Portanto, caso houvesse real vontade punitiva por parte dos departamentos de Estado, Defesa e Justiça dos EUA, o alvo permanente seria observar o fluxo financeiro mundial através das práticas e usos das Jurisdições Especiais, incluindo as operações ao descoberto do chamado *shadow banking* ou sistema bancário-sombra (como no mercado colateral de derivativos). Também contrariamente do que diz o senso comum e a legislação dos países membros do G20 financeiro (como a do Brasil, por exemplo), o foco na punição em “lavagem de dinheiro” como escoamento de ativos de procedência duvidosa não é o fator central de acumulação e depósitos destas Jurisdições – evidenciando assim o emprego discricionário das investigações. Logo, podemos afirmar sem exagero algum, que ao focar na lavagem de dinheiro, as legislações afins e oriundas de determinações da Superpotência reproduzem o alvo limitado nas cadeias de valor com origens duvidosas, o que representaria uma ínfima parcela dos ativos circulantes através do planeta.

O abismo é profundo e a hipocrisia também. Por exemplo, o excesso de liquidez circulante e a recuperação das economias dos países do centro do capitalismo com perdas e reposições da ordem de 15 trilhões de dólares (após a bolha imobiliária e derivativa de 2007–2009), não gerou emprego vivo ou renda nacional. Ao contrário.

Vale trazer a observação de Belluzzo e Galípulo (ver <https://goo.gl/8dwJ6W>): “... a expansão da liquidez financia a aquisição de ativos já existentes, como a recompra das próprias ações ou o aumento de recursos líquidos, a fim de acumular ativos financeiros e reforçar balanços, em vez de financiar a aquisição de bens e serviços. Novas bolhas de ativos.”

Não seria um exagero afirmar que estamos em fase de extração de riquezas como na versão sofisticada de uma etapa de acumulação selvagem. Há incongruência entre geração de riqueza – em escala mundo e de base mutável – e aumento da renda nas sociedades. Ainda conforme Belluzzo e Galípulo: “A riqueza agregada é o estoque de direitos de propriedade e títulos de dívida gerados ao longo de vários ciclos de criação de valor. A renda nacional é o fluxo de renda criado pelo investimento em nova capacidade produtiva e no consumo das famílias, o próprio valor em movimento. As injeções de liquidez concebidas para evitar a deflação do valor dos ativos já acumulados não estimularam a criação de valor em movimento, mas incitaram e excitaram a conservação e a valorização da riqueza na sua forma mais estéril, abstrata.” ■

Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha



Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)

A edição de número 264 dos Cadernos IHU ideias traz o artigo de Stela Nazareth Meneghel. Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, com especialização em saúde pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, mestrado em Medicina: Ciências Médicas pela UFRGS, doutorado em Medicina: Ciências Médicas

pela UFRGS e pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Autônoma de Barcelona. O texto foi elaborado segundo leitura de protagonistas do movimento Reforma Sanitária brasileira. “Divide-se, para fins didáticos, em cinco partes: antecedentes do SUS, a Reforma Sanitária e o Sistema Único de Saúde, a Atenção Básica e o Programa Mais Médicos, os boicotes e os avanços. Pauta-se na experiência e vivências da autora como sanitarista, cidadã e militante do SUS”, explica a autora.

Acesse a versão desse número em <http://bit.ly/2fe6Iku>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Diáconas na Igreja Maronita

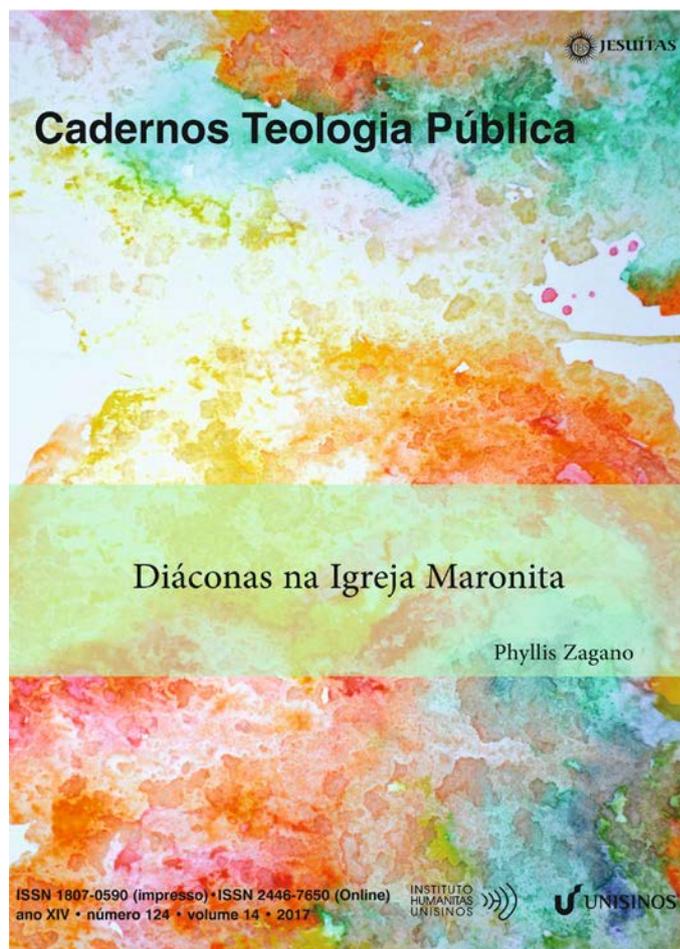
O número 124 dos Cadernos Teologia Pública apresenta o artigo de Phyllis Zagano, doutora em Teologia na State University of New York at Stony Brook, pesquisadora sênior e professora de Religião na Universidade Hofstra, em Hempstead, NY, EUA. Desde 2 de agosto de 2016, integra

a Comissão Papal sobre Mulheres no Diaconato, no Vaticano. O texto traz um estudo que examina a inclusão de diáconas nos cânones do Sínodo Nacional do Monte Líbano de 1736,

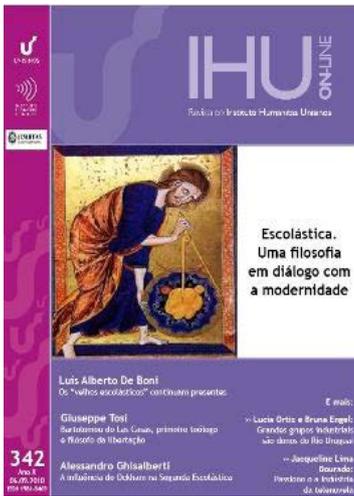
que formalizou a latinização da Igreja Maronita, “dispondo sobre a codificação de sua lei específica”, explica a autora. “Os cânones foram aprovados *in forma specifica* pelo papa Clemente XII e jamais foram modificados ou anulados, evidenciando, assim, a legitimidade de ordenar diáconas na Igreja Católica”, completa.

Acesse a versão completa desse Cadernos Teologia Pública em <http://bit.ly/2xWj33A>

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores



Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade

Edição 342 – Ano X – 06–09–2010

“A realização do 17º Colóquio Anual Direito e Natureza na primeira e na segunda escolástica, da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval (SIEPM), realizado no ano de 2010, inspira essa edição da IHU On-Line a debater esta importante corrente filosófica da Idade Média.”

O século de Heidegger



Há trinta anos morreu o autor de *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), publicada em 1927, em cuja, há quase cinquenta anos, Martin Heidegger foi, nos palavras do Prof. Dr. Ernildo Stein, “o pensador de volta que, na filosofia, problematizou de modo mais profundo a questão da modernidade”. Pois, segundo Ernildo Stein, “com a modernidade, surge a questão da subjetividade e com isso a questão do método. O ser humano está livre das amarras da tradição e da história passada, para traçar o seu caminho e os seus projetos”. E deve também “tentar a constituir a natureza e os elementos da natureza como transformados e manipulados pelo homem. Heidegger vê isso o surgimento de uma espécie de consciência para a transformação. Ele continua chamando a atenção para o fato de que o ser humano transformou tudo de disponível (Gegenstand). Dessa forma, Heidegger, ainda na primeira metade do século XX, levanta “o problema daquilo que hoje denominamos globalização”.

Justamente com a entrevista do Prof. Dr. Ernildo Stein, disponibilizamos mais dois artigos sobre o filósofo alemão. Um do italiano Antonio Ghisalberti, publicado no jornal *Epiphora*, sobre a atualidade da sua obra principal *Sein und Zeit* e um artigo de Jacques Franconi, publicado pelo jornal *Fronte de S. Paulo*, sobre a importância quanto ao método do filósofo alemão com o sistema.

Nesta primeira edição voltamos a permanentemente da análise de Martin Heidegger para a compreensão da contemporaneidade.

O IHU em comemoração ao **Simplex Invenitum** O Anno de invenitum. Uma celebração de aniversário e ser realizado de 21 a 24 de maio de 2007. O Instituto será baseado no período de 21 de junho com o aniversário **150 Anos de seu nascimento**. **Paradigma de responsabilidade e devida de consciência no pós-modernidade** e ser publicado pelo Prof. Dr. Mário Fleury, coordenador do PPG em Filosofia da Unisinos. Na entrevista, publicada como artigo, o professor e pesquisador analisa o declínio da responsabilidade na contemporaneidade e os desafios da deontologia.

“O último pensamento resolve por que não milhões de vidas que foram, segundo a estatística 15 milhões, a cada 30 milhões”, comenta o economista João Vitor, professor no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IUPERJ, analisando a atual política econômica brasileira na entrevista concedida para esta edição.

Mário Novato, filósofo, celebra a memória do seu professor, o filósofo João Luiz Lopes. Para João Luiz Lopes, “não reconheceremos dizer ao professor, porque de uma coisa é certo não concordamos com o professor, mas o pensamento em si”. “A contemporaneidade do conhecimento era, para ele, segundo o pensamento de Heidegger”.

O século de Heidegger

Edição 185 – Ano VI – 19–06– 2006

“Martin Heidegger foi, nas palavras do Prof. Dr. Ernildo Stein, “o pensador de vulto que, na filosofia, problematizou de modo mais profundo a questão da modernidade”. Segundo Stein, “com a modernidade, surgiu a questão da subjetividade e com isso a questão do método. O ser humano está livre das amarras da tradição e da história passada, para traçar o seu caminho e os seus projetos”. Nessa edição, a IHU On-Line traz reflexões sobre o pensamento de Heidegger.”



A Filosofia está viva?

Edição 80 – Ano III – 20–10– 2003

“No ano de 2003, a Unisinos comemorava os 50 anos do curso de Filosofia. Como forma de celebrar a data, a IHU On-Line toma essa ciência como tema de capa e questiona: afinal, o que é Filosofia? E para contribuir para a reflexão publica artigos em português dos italianos Franca D’Agostini e Gianni Vattimo, que também inspiram entrevistas com professores e pesquisadores brasileiros.”



EDITORIAL

Nesta semana, a Unisinos celebra os cinquenta anos da criação do Curso de Filosofia. O que é a Filosofia? Martin Heidegger, não muito distante, pergunta: “Mas há filosofia?” Este número da IHU On-Line é um material de capa em homenagem aos artigos de Franca D’Agostini e Gianni Vattimo, traduzidos por nós e aqui publicados.

IHU On-Line São Leopoldo, 10 de outubro de 2003



Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo.

Obra de Luiz Gonzaga Belluzzo e Gabriel Galípolo

09 de outubro de 2017 (segunda-feira)

Conferência com o autor

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Belluzzo - FACAMP
19h30min às 22h | Unisinos - Campus Porto Alegre



Esta atividade integra o ciclo "A contemporaneidade em debate. Intérpretes e obras". Saiba mais em ihu.unisinos.br/eventos
ihu.unisinos.br



Impacto da quarta Revolução Industrial na economia e na indústria

Dr. Vinicius Cardoso De Barros Fornari

Confederação Nacional da Indústria – CNI

04 de outubro de 2017 (quarta-feira) | 19h30min
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br



IX Colóquio Internacional IHU

A Biopolítica como teorema da Bioética

17 e 18
de Outubro de 2017

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Unisinos | Campus São Leopoldo

ihu.unisinos.br



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu  medium.com/@_ihu